

# Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano IV n. 45 Out. 2023  
ISSN 2675-2573

**Antonieta de Barros**

**A ALMA FEMININA SE TEM DEIXADO  
ESTAGNAR, POR MILHARES DE  
ANOS, NUMA INÉRCIA CRIMINOSA.**



Filiada à  
**ABEC**  
BRASIL  
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP



[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

# Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 45 - Outubro de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenaram esta edição:**

Vilma Maria da Silva

Mirella Clerici Loayza

**Organização:**

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Colunista:**

Isac Chateaneuf

## AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Calunda dos Santos Jorge

Girlene Nascimento da Silva Mantovani

Gizilda Barreto de Almeida Ribeiro

Graziela de Carvalho Monteiro

Jonatas Hericos Isidro de Lima

Lina dos Santos

Nelson André A. Quissungu

Rosemary Nunes Gomes

Sabalo João Luanda

Sheila Bastos Soares

Solange Alves Gomes Zaghi

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 45 (out. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 104 p. : il. color

**Bibliografia**

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2675-2573.rpe.45

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

**ACESSOS:**

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.45>



São Paulo | 2023

## Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

## Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

## Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac Chateaneuf  
José Wilton dos Santos  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

## Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Dr. Isac Chateaneuf  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Profa. Mirella Clerici Loayza  
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

## Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

## Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva  
Prof. Dr. Isac Chateaneuf  
Prof. Me. José Wilton dos Santos

## Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado  
Vilma Maria da Silva  
Lee Anthony Medrado

## Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

## Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

## PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

## PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.  
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP

Google Acadêmico



**[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)**

**A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais**

**05 APRESENTAÇÃO**

Prof. Antônio Raimundo Pereira Medrado

**06** Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**08 ANTONIETA DE BARROS**

"A ALMA FEMININA SE TEM DEIXADO ESTAGNAR, POR MILHARES DE ANOS, NUMA INÉRCIA CRIMINOSA."

**ARTIGOS**  
**ARTIGOS**

1. APLICAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA MATEMÁTICA. DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E HÁBITOS NO ESTUDO DAS FUNÇÕES MATEMÁTICAS CALUNDA DOS SANTOS JORGE	11
2. A GAMIFICAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE MATEMÁTICA GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVAN	21
3. A INFLUÊNCIA DOS JOGOS NA VIDA E NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES GRAZIELA DE CARVALHO MONTEIRO	29
4. A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR JONATAS HERICOS ISIDRO DE LIMA	37
5. INSUCESSO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE AS CAUSAS NO CONTEXTO ANGOLANO LINA DOS SANTOS	45
6. QUALIDADE DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO SISTEMA EDUCATIVO EM ANGOLA NELSON ANDRÉ A. QUISSUNGO	53
7. GESTÃO DEMOCRÁTICA E INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO: UM CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO EM ITAQUAQUECETUBA ROSEMARY NUNES GOMES	69
8. A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE: VANTAGENS E DESVANTAGENS SABALO JOÃO LUANDA	75
9. LITERATURA E IMAGINAÇÃO INFANTIL SHEILA BASTOS SOARES	87
10. A NEUROPSICOPEDAGOGIA E SUAS INTERVENÇÕES SOLANGE ALVES GOMES ZAGH	95

# APRESENTAÇÃO

Neste mês de novembro, em nossa revista, celebramos com entusiasmo os professores e professoras que, com coragem e paixão, iluminam o nosso caminho.

Os educadores e educadoras são os revolucionários da mente, os arquitetos de sonhos, os catalisadores da mudança que rompem as barreiras do mero compartilhamento de conhecimento. São os arautos da curiosidade, os libertadores da criatividade e os desafiadores do pensamento crítico. Num mundo em constante transformação, eles são os pilares que sustentam a construção de um futuro livre.

Hoje, homenageamos vocês que desafiam dogmas, abraçam a diversidade e capacitam mentes para enfrentar desafios imprevisíveis. Esta é a hora de celebrar sua dedicação apaixonada que transcende limites, moldando o futuro com sabedoria e emancipação.

Expressamos nossa gratidão a todos os professores e professoras, verdadeiros agentes de transformação que trilham o caminho da liberdade intelectual.



**Antônio R. P. Medrado**  
Editor responsável



**Catalog'Art**

NAVEGAÇÕES DE  
ESTUDANTES

# SEU CORPO TEM FOME DE QUÊ? MOSTRA CULTURAL NA EMEF PAULO SETÚBAL

ISAC CHATEAUNEUF

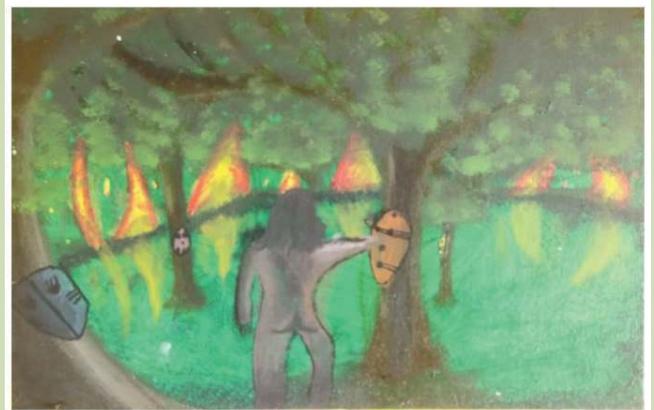
É passando por processos reflexivos e introspectivos que, muitas das vezes o ser humano começa a entender o que de fato faz parte da construção de seu eu, de seu corpo, esse constructo tão único e tão relacional, imbricado a outros corpos.

É com a pergunta do título que se iniciou a construção da exposição de Arte que fez parte da “Mostra Cultural” (2023) da EMEF Paulo Setúbal, na zona sul de São Paulo. Estudantes do 6º e do 9º conjecturaram sobre o que de fato seus corpos teriam fome nesse desafio que é viver: diante disso, chegando à ponderações que não somente os elementos fisiológicos em si, mas meios simbólicos, psicológicos e materiais outros os construíam e constroem.

Estética, amor, prazer, ancestralidade, universo, esporte, Arte... Foram muitas as palavras e redações criadas por eles, na tentativa de resgatarmem memórias das contribuições que tiveram e que desejam, em constante, para que seus corpos sejam de fato construídos no percurso da vida.

A intenção, dessa vez, não é tecer comentários e reflexões aprofundadas do que seria cada necessidade humana na configuração desse constructo/corpo, no entanto, é propô-las abaixo para que você, leitor, possa passear por entre as imagens, formas, cores e sensações das obras e, assim, refletir sobre os elementos que lhe constituem, nos constituem.

Foram garrafas, pratos, máscaras e telas...



Os estudantes do projeto de pintura e desenho orientados pelo pesquisador, dentro da mesma proposta temática, escolheram e criaram pinturas sobre tela, da maneira mais variada, diferente e impactante que desejaram e puderam alcançar.

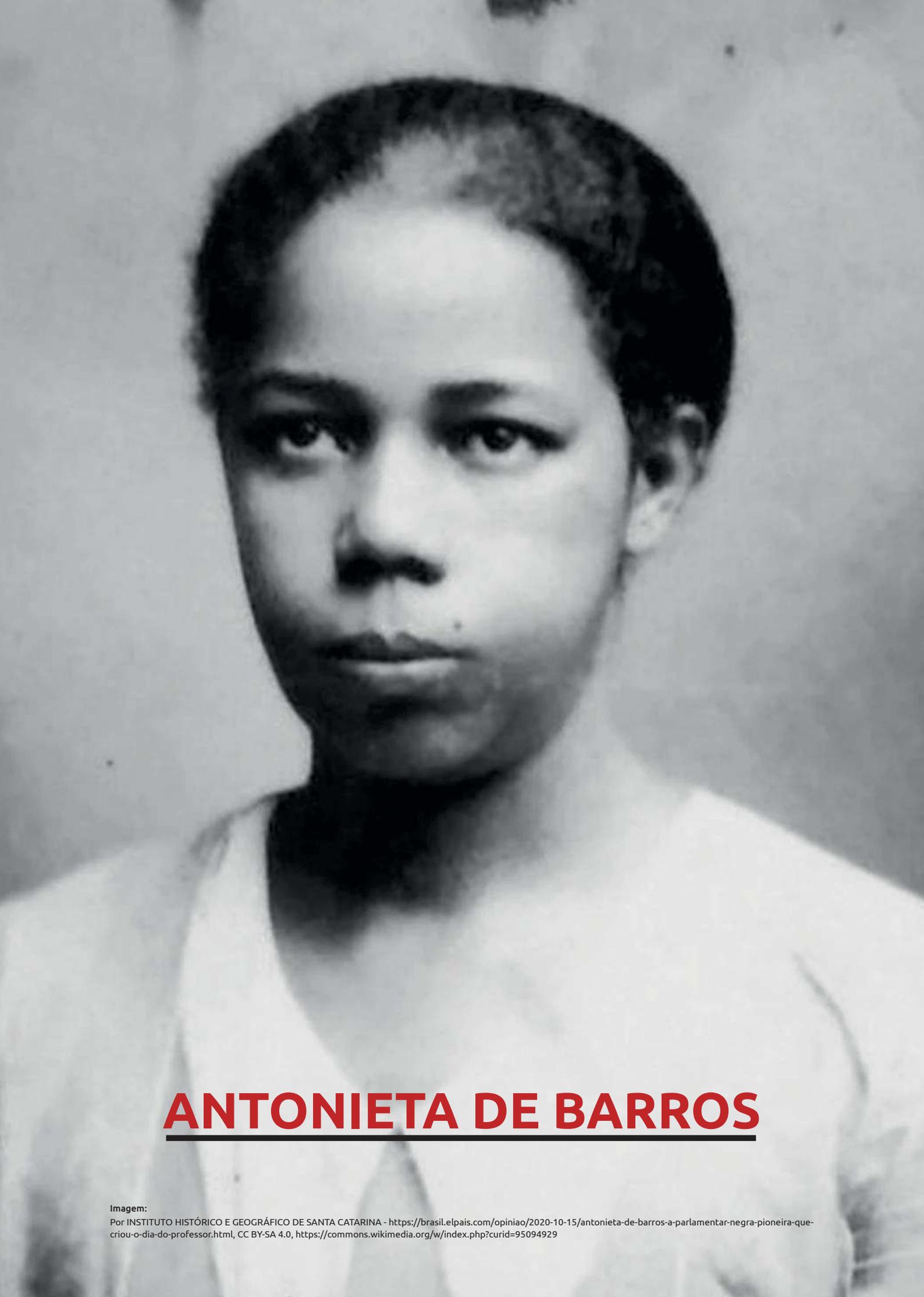
As demais propostas foram as seguintes: com o 6º ano C, pensando em ancestralidade e criação a partir da cultura africana, os estudantes tiveram que criar uma máscara com atadura gessada e jornal e, posteriormente, pintá-la com base em grafismos e expressões artísticas de um determinado país selecionado pelo professor de Arte e pela professora Taís, de Geografia.



Com os três 9º anos, a partir de pratos e garrafas de vidro trazidas por eles, criaram uma redação respondendo à pergunta inicial, fizeram uma densa colagem e pintura de fundo e desenharam de acordo com suas respostas.

#### **Isac Chateaneuf**

Doutorando e Mestre em Comunicação audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM com pesquisa sobre Naruto na sala de aula. Especialista em Arte/Educação: teoria e prática, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. Especialista em Neurociências Aplicada à Educação pela Universidade Anhembi Morumbi -UAM. Licenciado em Artes visuais pela Faculdade Paulista de Arte -FPA. Professor atuante de Arte no Ensino Fundamental I da rede Municipal de São Paulo, na Emef Paulo Setúbal. E-mail : isacsantos02@hotmail.com



# **ANTONIETA DE BARROS**

Imagem:

Por INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA - <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-10-15/antonieta-de-barros-a-parlamentar-negra-pioneira-que-criou-o-dia-do-professor.html>, CC BY-SA 4.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=95094929>

---

# NO MÊS DOS PROFESSORES, TODA HONRA E REVERÊNCIA À MEMÓRIA DE **ANTONIETA DE BARROS!**

Esse mês, me peguei discutindo sobre as distrações e artifícios que os governos e não só eles, mas as Instituições que nos representam junto a eles, utilizam para desviar o nosso foco cada vez mais do que nos interessa: a qualidade do serviço que prestamos e a relação que essa qualidade tem com as estruturas e condições que nos são oferecidas para prestar esse serviço com excelência: Ingressos para festas, bailes, peças de teatro, sorteio de “looks” no mês dos professores, tudo isso para você, professor! Em “reconhecimento” ao seu valor profissional. Me vi também refletindo, sobre um Congresso Sindical, no qual deveríamos discutir propostas, planos e metas para a melhoria da prestação do nosso serviço essencial, utilizado para oferecer “agradados” e “momentos deleite”, porque afinal, para que valorização salarial e construção de um plano de lutas, quando o espaço da oposição é utilizado para atacar a própria oposição? Sinal de que a situação está mais do que agradável.

Não faz sentido, “os professores estão reclamando de barriga cheia”...

Assim, para não me enveredar no caminho do professor reclamão, pensei: em vez de criticar o sistema como está posto, eu deveria escrever para homenagear Antonieta de Barros; uma mulher negra, professora, escritora, produtora de ciência, que teve sua história apagada e precisa ser rememorada.

Após décadas de apagamentos e distraçõismos, o que devemos nos lembrar sobre Antonieta de Barros? O que devem saber, aqueles que nunca ouviram falar dela?

- Foi a primeira mulher negra a assumir um Mandato Popular, e uma das primeiras mulheres eleitas no Brasil.

- Foi constituinte em 1935, sendo responsável pelos capítulos Educação e Cultura e Funcionalismo.

- Antonieta de Barros é autora da lei estadual nº 145, de 12 de outubro de 1948, que instituiu o Dia do Professor, feriado escolar no estado de Santa Catarina. A data escolhida, 15 de outubro, refere-se à promulgação da primeira grande lei educacional do Brasil, sancionada por Dom Pedro I, em 15 de outubro de 1827 e mais tarde, em outubro de 1963, a data seria oficializada no país inteiro pelo presidente da República João Goulart.

- Em 2023, seu nome foi inscrito no Livro de Aço dos Heróis e Heroínas Nacionais e depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves.

## **Mas afinal, quem foi Antonieta de Barros?**

Antonieta de Barros, nasceu em Florianópolis em 11/07/1901, apenas 13 anos após a abolição da escravidão, sua mãe, Catharina era uma lavadeira que havia sido escravizada e seu

---

pai, Rodolfo José, um funcionário dos Correios, Antonieta tinha, pelo que consta em registros, pelo menos três irmãos, Maria, Leonor e Cristalino que na década de 20 militava no movimento negro, é sabido ter sido uma grande influência em sua vida política, assim como sua mãe, que trabalhou na casa da família de Nereu Ramos, conhecido como o único catarinense a assumir a Presidência da República. Antonieta formou-se professora, aos 20 anos e em 1922 fundou o Curso Particular Antonieta de Barros, no qual utilizava sua casa, para alfabetização da população mais necessitada, o que o fez por toda sua vida, inclusive enquanto legislava. Além de ter contribuído no parlamento e no magistério, Antonieta também foi escritora e jornalista, utilizando às vezes pseudônimos pelo conteúdo de seus escritos. Na imprensa e no dia a dia, foi uma ativa defensora da emancipação feminina e de uma educação de qualidade para todos, o que lhe rendeu um bom número de opositores políticos, e sua exoneração do cargo de Diretora da Escola Normal Catarinense, a qual geriu de 1933 a 1951.

“A frase é a que epigrafa estas linhas. Rimos. É tudo tão pueril, que achamos graça. E, pensamento distante, perguntamos aos amigos: Mas onde foi isto? Na Alemanha de Hitler, ou nos Estados Unidos? Não é do nosso feitio essa modalidade de comportamento. Somos leais. Leal e agradecida. Sempre fomos. E é um característico dos negros. Fizemos do Magistério o nosso caminho, e agimos sempre respeitando a professora que não morreu em nós, ainda, graças a Deus. Como, pois, a intriga? Compreendemos que a delicada sensibilidade do nobre Deputado tenha sofrido diante daquela frase. Sua Excelência, para a felicidade de todos quantos são arianos – apesar de portador de um diploma de jornalista – não milita no ensino público.

Dizemos felicidade porque, à sua Excelência, falta uma das qualidades de professor: não distinguir raças, nem castas, nem classes...”

(Em resposta a Oswaldo Rodrigues Cabral, que classificou suas ideias e produções como “intriga barata de senzala”, no jornal O Estado).

Agradeço a oportunidade enquanto ao mesmo tempo me pergunto incomodada, como uma professora que em 33 anos de estudo teve apenas uma professora negra, onde estão as Antonietas? O que estamos fazendo diariamente em nossa prática para promover o acesso de nossas Antonietas?



**Mirella Clerici Loayza** é Professora de Educação Infantil e Fundamental I na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, Professora de Português para Expatriados. Possui o Diploma de Pedagogia (Licenciatura Plena) e Licenciatura em Letras: Português, Inglês e suas Literaturas. Especialização em Educação Especial e Neurociências Voltada à Educação. Participou da segunda turma PED Brasil – Programa de Especialização Docente para o Ensino da Matemática em parceria com a Faculdade SESI-SP e Stanford University obtendo título de especialista. Pesquisadora da Infância, da Docência e dos Brincantes.

# APLICAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA MATEMÁTICA. DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E HÁBITOS NO ESTUDO DAS FUNÇÕES MATEMÁTICAS

CALUNDA DOS SANTOS JORGE

## RESUMO

No presente artigo, se aborda considerações gerais acerca dos novos desafios e paradigmas do processo de ensino e aprendizagem da Matemática, incorporando as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), particularizando o uso do software GeoGebra. Também se oferece os resultados obtidos em algumas investigações sobre as aplicações das ferramentas tecnológicas bem como softwares educativos específicos para as aulas de Matemática, aplicado aos estudantes do primeiro ano do curso de gestão de empresas do Instituto Superior Técnico de Angola (ISTA), os quais foram superiores em relação o diagnóstico inicial realizado, onde se observou significativo avanço no desenvolvimento de habilidades no estudo das funções matemáticas com particular destaque nas funções lineares e quadráticas.

**Palavras-chave:** Auto-aprendizagem. Habilidade de graficar. Software.

## INTRODUÇÃO

Actualmente as Universidades e Institutos Superiores, enfrentam desafios impostos pelo desenvolvimento cada vez mais acentuado das TICs, obrigando as instituições a renovar constantemente seu encargo social, para oferecer aos estudantes ferramentas e conhecimentos actualizados e necessários para os profissionais do século XXI.

As TICs hoje, têm um impacto fundamental nos métodos de ensino e aprendizagem, provocando transformações na forma dos professores e alunos acederem ao conhecimento, daí a necessidade dos professores de Matemática introduzirem paulatinamente as TICs com o objectivo de aperfeccionar o processo de ensino e aprendizagem da Matemática em especial no ISTA.

São vários os estudantes do primeiro ano do ISTA que apresentam muitas dificuldades na compreensão da Matemática e em especial, no desenvolvimento de habilidades no estudo das funções matemáticas.

Estes problemas, fazem com que muitos dos estudantes vejam a Matemática como uma disciplina muito difícil, até mesmo quando o professor de Matemática se apresenta na sala de aulas, os estudantes começam já a murmurar e desejar mal ao professor. Para erradicar

---

estes problemas, é necessário um trabalho extra, tanto de estudantes como de professores, o que exige uma maior preparação do professor. Isto se deve em grande medida a pouca utilização e exploração dos entornos virtual de aprendizagem e as dificuldades dos estudantes no estudo individual e sua comprovação.

Tendo em conta a situação antes referida, no presente artigo, se propõe como objectivo: oferecer um software, que aproveitando as bondades da TICs permite provocar e reactivar nos estudantes de gestão de empresas, habilidades e hábitos na análise e representação gráfica de funções matemáticas, para que os estudantes obtenham maior interesse no estudo da Matemática.

## **O ENSINO E APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA POR MEIO DA METODOLOGIA DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS**

A matemática é encarada como um saber que traz grandes dificuldades no processo ensino-aprendizagem, tanto para os estudantes, como aos docentes envolvidos nas actividades pedagógicas. De um lado, observa-se as discrepâncias na articulação das metodologias e a falta de motivação dos estudantes em relação aos conteúdos matemáticos ensinados em sala de aula de forma tradicional, e do outro, está o docente que não consegue alcançar resultados satisfatórios no ensino de sua disciplina.

A educação é caracterizada como uma actividades fundamentalmente política. Há sempre uma intenção naquele que educa. Assim sendo, se esta intenção não é explícita ou consciente, o docente irá privilegiar interesses da classe dominante, ou seja, tenderá a acompanhar a corrente ideológica mais forte. Um docente sem consciência das finalidades de seu trabalho é um alienado; é um capacho do sistema. A análise exposta leva-nos a construir axioma segunda qual,

Aprender matemática é mais do que manejar fórmulas, saber fazer contas ou marcar x nas respostas: é interpretar, criar significados, construir seus próprios instrumentos para resolver problemas, estar preparado para perceber estes mesmos problemas, desenvolver o raciocínio lógico, a capacidade de conceber, projetar e transcender o imediatamente sensível (Paraná, 2005, p.66)

Objetivando encontrar caminhos que melhorem o ensino e aprendizagem de estudantes das salas de apoio no ensino superior, concordando com Schoenfeld (1997),

O professor deve fazer uso de práticas metodológicas para a resolução de problemas, as quais tornam as aulas mais dinâmicas e não restringem o ensino de matemática a modelos clássicos, como exposição oral e resolução de exercícios.

Na mesma senda o autor, propõe critérios de resolução de problemas possibilita compreender os argumentos matemáticos e ajuda a vê-los como um conhecimento passível de ser apreendido pelos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

Nesta lógica, a resolução de exercícios e resolução de problemas são metodologias diferentes. Enquanto na resolução de exercícios os estudantes dispõem de mecanismos que

---

os levam, de forma imediata, à solução, na resolução de problemas isso não ocorre, pois, muitas vezes, é preciso levantar hipóteses e testá-las. Dessa forma, uma mesma situação pode ser um exercício para alguns e um problema para outros, a depender dos seus conhecimentos prévios. Problemas e exercícios estão presentes nas aulas de Matemática, mas, para Pozo e Angón (1998, p. 16)[...]

um problema se diferencia de um exercício na medida em que, neste último caso, dispomos e utilizamos mecanismos que nos levam, de forma imediata, à solução. Por isso, é possível que uma mesma situação represente um problema para uma pessoa enquanto que para outra esse problema não existe, quer porque ela não se interesse pela situação quer porque possua mecanismos para resolvê-la com um investimento mínimo de recursos cognitivos e pode reduzi-la a um simples exercício.

Sabe-se que desde a conquista da soberania nacional, em 1975, até ao presente ano. Angola registou progressos notáveis no desenvolvimento do subsistema do ensino superior. O Instituto Superior Técnico de Angola (ISTA), é uma das instituições do ensino superior de destaque em Angola, pois esta instituição já formou inúmeros quadros e técnicos que pelo seu desempenho se destacam em várias esferas da vida nacional. Apesar disto, surge a necessidade de continuarmos a formar técnicos capazes de contribuir com o seu saber no desenvolvimento socio-económico do país, onde a cadeira de Matemática joga um papel fundamental.

Os objectivos de aprendizagem para o ensino da Matemática hoje, constituem no elemento fundamental para que os estudantes criem interesse no aprendizado da Matemática, Calunda, (2017).

A matemática é uma linguagem e instrumento importante para a resolução e compreensão dos problemas e necessidades sociais, conhecimentos estes utilizados como instrumentos de relações de trabalho, na política, na economia, nas relações sociais e culturais. Nesse sentido,

[...] o ensino de Matemática, assim como todo ensino, contribui (ou não) para as transformações sociais não apenas através da socialização (em si mesma) do conteúdo matemático, mas também através de uma dimensão política que é intrínseca a essa socialização. Trata-se da dimensão política contida na própria relação entre o conteúdo matemático e a forma de sua transmissão-assimilação (Duarte, 1987, p. 78).

Importa destacar o fato de que através do conhecimento matemático o homem quantifica, geometriza, mede e organiza informações, contribuindo para o desenvolvimento do senso crítico, proporcionando condições necessárias para uma análise mais apurada das informações da realidade que o cerca, na medida em que esse conhecimento se inter-relaciona com as demais áreas do conhecimento.

---

O entorno virtual de aprendizagem, constitui um elemento fundamental do processo de ensino e aprendizagem mediado por tecnologia, pois ela transforma a relação educativa, já que a acção tecnológica, facilita a comunicação e o processamento, a gestão e a distribuição da informação, agregando a relação educativa, novas possibilidades e limitações para o processo de ensino e aprendizagem.

A utilização do Software deve partir dos fundamentos do enfoque histórico cultural de Vigotsky, (1985), o qual coloca no centro o estudante, como sujeito activo e consciente com o objectivo determinado, utilizando diversos meios a sua disposição, que é o que está teoria assume, como mediadores. E mais do que isto, ele concebe o professor como um facilitador e guia do processo.

Segundo esta proposta, no processo de ensino e aprendizagem, resultam dos tipos de medição, como são os casos da medição social e medição instrumental: os professores e os instrumentos, actuam como mediadores do processo de conhecimento.

Quando se trata da mediação social, se refere a utilização de outra pessoa como instrumento de mediação para a acção sobre o ambiente, papel dos grupos sociais na integração do sujeito as práticas sociais, papel do outro na formação da consciência individual e o desenvolvimento de sua personalidade.

No caso da mediação instrumental, segundo a concepção Vigotskiana, se trata da utilização pelos homens, nas acções de transformações da realidade, dos instrumentos criados pela cultura. No texto do presente artigo, a mediação instrumental será concebida através do uso do software.

Se termos em conta que *‘aprender Matemática é fazer Matemática’* então a resolução de problemas matemáticos no ensino superior de forma geral é um campo por excelência de aprendizagem da Matemática desde sua aplicação a situações da vida diária.

Para este artigo, se oferece maior atenção a última dimensão (activação – regulação) pela importância que tem e atendendo as problemáticas identificadas. A activação – regulação, tem como objectivo, criar ambientes de aprendizagens produtivas, criativas e colaborativas, com oportunidade e necessidade de participar activamente na construção e transformação dos conhecimentos, de reflexionar, de conhecer a si mesmo e a seus companheiros (colegas), de assumir progressivamente a direcção e o controlo de sua própria aprendizagem, de tomar decisões e resolver novos problemas.

Esta dimensão, tem como subdirecções essenciais:

- Actividade Intelectual Productiva – Creadora: é considerado como um sistema de conhecimentos, habilidades, hábitos, procedimentos e estratégias. Expressado através de processos, funções e operações de sistemas cognitivos humano (percepção, memória, pensamento, linguagem, imagem, etc). Em estrema relação com as particularidades que deve desenvolver a actividade intelectual e se distinguem os indicadores:

- Aspecto processual: se refere as particularidades dos processos e propriedades intelectuais, bem como a capacidade dos mesmos.

- Aspecto operacional: concerne ao desenvolvimento e as particularidades das bases

---

de conhecimentos e do sistema de acções gerais e particulares para gerar novos conhecimentos.

- **Metacognição:** é considerado como grupo de processos que intervém na tomada de consciência e controlo da actividade intelectual e dos processos de aprendizagem, bem como garantiram sua expressão como actividade consciente e regulada em maior ou menor medida, de acordo o seu grau de desenvolvimento. Em esta se distinguem os indicadores:

- Reflexão metacognitiva: desenvolvimento da capacidade para fazer objecto de análises e tomada de consciência dos próprios processos, desenvolvimento de meta – conhecimentos, o conhecimento acerca dos mesmos.

- Regulação metacognitiva: implica o desenvolvimento das habilidades e estratégias para regular o processo de aprendizagem e de solução de tarefas.

O sistema educativo angolano, orienta aos professores, desde muito cedo, a relacionar o ensino nas salas de aula com o que ocorre no dia-a-dia, assim como a realizar um trabalho metodológico continuado através das linhas directrizes que se desenvolvem em todos os níveis educativos como forma de organização do sistema de conhecimentos matemáticos, mais notamos que os estudantes, mesmo já no ensino superior, apresentam muitas dificuldades para trabalhar com funções matemáticas, entre os quais se destacam:

- Apresentar conceito de funções matemáticas e graficar-las.
- Habilidades para estabelecer relações entre funções e uso de estratégias, para a solução das mesmas.
- Uso de procedimentos racionais de trabalho que facilitam a compreensão para solução de situações problemáticas, entre eles, os heurísticos entre outros aspectos.

Acreditamos que a utilização sequencial da didáctica, com os assistentes matemáticos no tratamento das funções matemáticas pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem dado uma maior visualização e significação nos diversos problemas que envolvem funções.

O assistente matemático, aparece como sendo um dos recursos tecnológicos indispensável para o processo de ensino e aprendizagem da Matemática, com aspecto de visualização de figuras e a utilização de diversas ferramentas que auxiliam na construção de gráficos, fazendo movimento e translação para a construção gráfica quando necessária e que não se faz só quando está em presença de um livro didáctico. Desta forma, se entende que a utilização do livro didáctico em conjunto com a utilização do software GeoGebra, desenvolvem a mente de forma cognitiva de modo o estudante poder ser muito mais afectivo. Em que o professor promovera intercâmbio de ideias e actuará como mediador entre o estudante e as TICs, oferecendo a este, ambientes de trabalho que estimulam a reflexão e convertem-se pouco a pouco em responsável de sua própria aprendizagem.

Em esta investigação, nos destacamos as funções quadráticas devido a maior dificuldade que os estudantes do ensino superior apresentam para analisar seu comportamento quando varia o valor do coeficiente do termo do segundo grau. Se define função quadrática ou função polinomial do segundo grau, qualquer função de em definida

por uma expressão analítica da forma  $f(x) = ax^2 + bx + c$ , onde  $a$ ,  $b$  e  $c$  são números reais e  $a \neq 0$ , e tem como gráfico uma parábola.

### ACTIVIDADE METODOLÓGICA PROPOSTA COM O USO DO ASSISTENTE MATEMÁTICO

**Justificação:** é importante que o estudante, faça uma leitura inicial do gráfico ou do problema que está dada de maneira que o mesmo seja capaz de extrair do gráfico ou do problema, a informação necessária para a execução da actividade proposta, principalmente pelas várias situações referente ao coeficiente “a” da função quadrática  $f(x) = ax^2 + bx + c$ , com  $a \neq 0$  e  $b = c = 0$ : Leitura e interpretação do gráfico ou problemas, assim como a construção da função quadrática.

**Conteúdo:** Gráfico e problemas envolvendo as funções quadráticas.

**Tempo de aula:** 90 minutos

**Indicação:** A actividade esta direccionada para os estudantes do primeiro ano do curso de contabilidade e administração.

**Material utilizado:** Computador e mapa conceptual.

**Determinação da actividade:** A actividade consiste na utilização do assistente matemático GeoGebra para análise da concavidade de acordo com os diferentes valores do coeficiente “a” da função quadrática, com o objectivo de gerar uma visualização dinâmica do efeito do coeficiente sobre o gráfico.

Quando a concavidade da parábola é voltado para cima, o valor do coeficiente de “a” da função  $f(x) = ax^2$  é positivo e diferente de zero. Vai-se observar na figura abaixo, o que ocorre com a parábola ao atribuirmos o valor 1 ao coeficiente “a” da função quadrática:

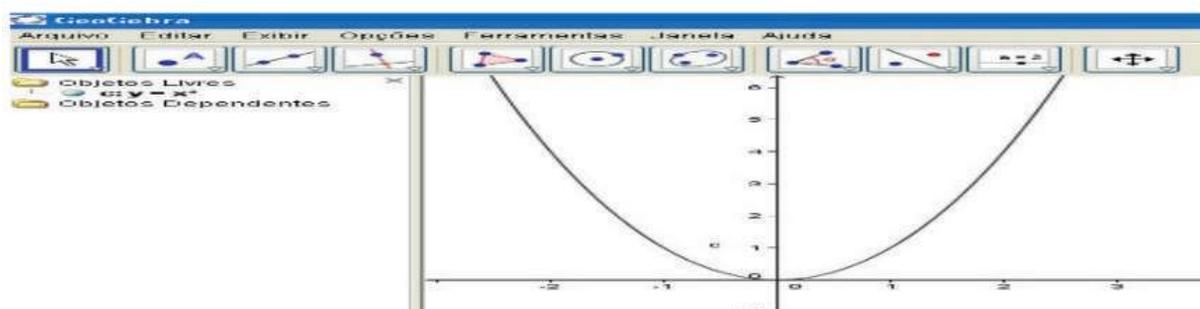


Figura 1 - coeficiente “a” igual a 1

No campo de entrada, o estudante digita a função desejada e aperta em “enter” de maneira que GeoGebra automaticamente mostra o gráfico da função quadrática. Vai-se observar o que acontece quando varia o valor do coeficiente “a” da função quadrática.

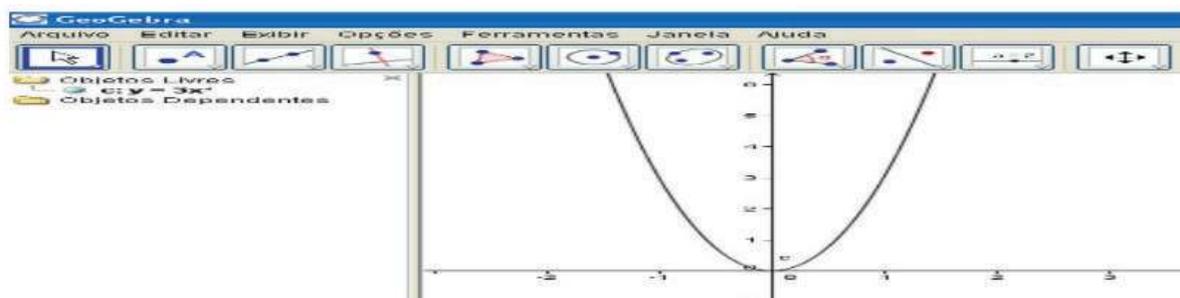


Figura 2 - coeficiente “a” igual a 3

O estudante percebera com clareza que ao aumentarmos o valor do coeficiente “a” da função quadrática, a parábola ficara mais “fechada” conforme a figura 2 comparada à figura 1. A interferência do coeficiente “a” causa uma modificação da parábola no sentido de ser aberta ou fechada comparada aos dois valores distintos de “a”. Significa que quanto maior for o valor do coeficiente “”, menor será a abertura da parábola.

Outra possibilidade que o estudante tem para modificar qualquer coeficiente da função quadrática é utilizar a ferramenta “selector”. Para isso, o estudante clicará na penúltima ferramenta. Observaremos o que acontece quando o coeficiente “a” da função seja números negativos, usando selectores (figura 3 e 4).

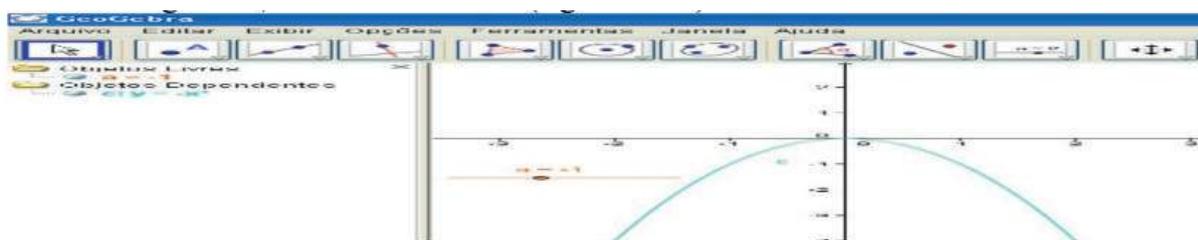


Figura 3 - coeficiente “a” igual a -1

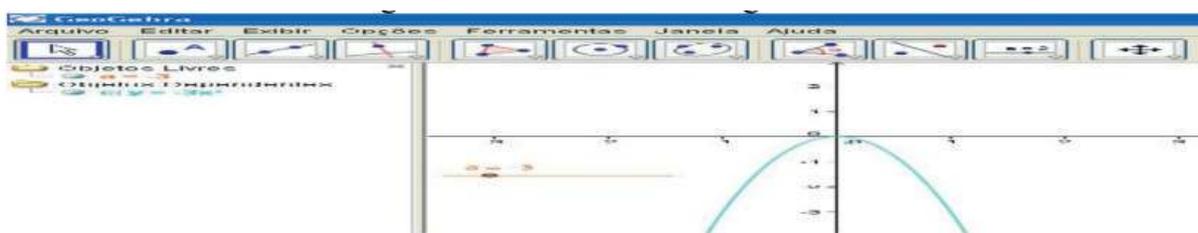


Figura 4 - coeficiente “a” igual a -3

Em cada alteração (dois clics) na ferramenta “selector” trocara o formato da parábola. Também observamos, nas figuras 3 e 4, que quanto maior é o coeficiente “a”, mas aberta será a parábola.

- **Avaliação:** será realizada de forma contínua com a observação de como o estudante desenvolvera suas acções, justificando sempre os passos que forem dados para o desenvolvimento da actividade.

Durante a realização da actividade na sala de aulas, sugerimos que se trabalha questões como:

- Como se percebe que uma função é um gráfico da função quadrática?
- Na função  $fx=ax^2+bx+c$ , o que acontece com o gráfico quando o coeficiente  $a=0$ ?
- O que acontece quando o coeficiente  $a<0$  e  $a>0$ ?
- Qual das funções que apresentamos a seguir tem a parábola más aberta?  $fx=2x^2$  ou  $fx=-2x^2$ ?

• **Formas de implementação das actividades.**

- Aulas administradas na sala ou laboratório de informática;
- Esclarecimento de como usar o assistente matemático GeoGebra;
- Orientação sobre o uso do assistente matemático tendo em conta as funções quadráticas.

---

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta fase se apresenta um objecto de aprendizagem para retroalimentar os conteúdos, hábitos e habilidades na representação de funções quadráticas. Este modo de ensinar, contribue a que cada estudante não só seja capaz de desempenhar tarefas intelectuais complexas, mais também que desenvolve sua atenção nas acções a serem efectuadas com o apoio do software, contribuindo desta maneira a formação de valores tal como: responsabilidade, honestidade e disciplina.

Nesta investigação, se assume que os instrumentos provocam modificações no objecto da realidade, e o meio da realidade externa do homem para conquistar a natureza, por tanto os instrumentos actuam no plano externo, propiciando a interiorização dos conhecimentos e sua autotransformação.

Neste sentido, Vigotsky concebe a interiorização como um processo onde certos aspectos da estrutura da actividade que se ha realizado em um plano externo, pasam a executar-se em um plano interno, diferenciando a actividade externa, em términos de processos sociais mediatizados e argumentando que as propriedades de estes processos proporcionavam a chave para entender o funcionamento interno, Vigotsky, (1985).

Partindo do exposto, se assume que o docente orienta o trabalho independente com a utilização do software, como principal mediador no processo de conhecimento dos alunos, sem minimizar o papel que joga o trabalho em grupo e o professor, os quais encaminham ou facilitam a solução das tarefas: orientam, instruem, corrigem ou demonstram como proceder, bem como apoiam e estimulam, permitindo uma melhor interiorização da aprendizagem.

Em esta concepção, o meio ou entorno social não é uma simples condição que favorece ou obstaculiza a aprendizagem: é uma parte intrínseca do próprio processo e define sua essência. É por isso que se pretende dar uma maior utilização ao software, partindo das possibilidades que brinda desde o ponto de vista da auto-aprendizagem e a auto-preparação dos estudantes.

No Instituto Superior Técnico de Angola (ISTA), pelas suas características no curso de contabilidade e administração, é necessário que os estudantes desenvolvem habilidades em análise e interpretação gráfica de funções matemáticas, como base fundamental para a aprendizagem dos conteúdos a receber durante sua formação académica na cadeira de Matemática.

O computador e o software educativo, como meios de ensino, resultam em um eficiente auxiliar do professor na preparação e transição das aulas aos estudantes, ja que contribuem a uma maior racionalização das actividades do professor, dos alunos e organização do processo de ensino e aprendizagem.

Durante o ano academico 2022 no ISTA, trabalhou-se com o software GeoGebra nas aulas de Matemática com os estudantes do primeiro ano do curso de contabilidade e administração, tendo como base os resultados do diagnóstico inicial e se observou o seguinte:

De um total de 47 estudantes que apresentavam dificuldades significativas na habilidade de analisar e interpretação gráfica das funções, observou-se uma melhoria de 42 estudantes, estes que alcançaram um maior desenvolvimento na habilidade referida, o que

---

se considera um resultado significativo na utilização do software GeoGebra para as aulas de Matemática.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientes da dificuldade em concluirmos, acreditamos que realizar discussões e reflexões sobre o ensino de matemática deve ser uma constante no processo educativo, e ao professor, entre outras questões, cabe questionar-se sempre sobre seu método de ensino e, sobretudo ter clareza de suas convicções teórico-práticas.

Se obteve um sistema automático, capaz de ajudar os estudantes no desenvolvimento de habilidades na análise e interpretação gráfica de funções matemáticas, com particular destaque nas funções quadráticas. Os estudantes foram capazes de seleccionar os problemas que possuem no tratamento dos conteúdos de maneira auto-didática e interagirem, desenvolvendo a auto avaliação e auto preparação.

Se alcançou melhores qualidades da preparação didática dos professores nos conteúdos referidos, com destaque em análises e interpretação gráfica de funções com uso do software e notou-se uma grande satisfação por parte dos professores e estudantes sobre o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALUNDA, J. (2017) Una Alternativa Metodológica para el Aprendizaje de Matemática desde una Concepción Desarrolladora Utilizando las TIC en el IMPC- Angola. Correspondiente al No. 1 enero-febrero del 2016, sección artículo científico de la **Revista IPLAC RNPS** No.2140/ISSN 1993-6850, Habana, Cuba.
- DUARTE, N.(1987). O compromisso político do educador no ensino da matemática: In:DUARTE,N.; OLIVEIRA, B. **Socialização do saber escolar**. São Paulo: Cortez.
- PARANÁ.(2005). Secretaria de Estado da Educação.Superintendência da Educação.Departamento de Ensino Fundamental. **Orientações Pedagógicas, matemática**: sala de apoio à aprendizagem. Curitiba:SEED-PR.
- POZO, J. I. e ANGÓN, Y. P. (1998). A Solução de Problemas como Conteúdo Procedimental da Educação Básica. In: POZO, J. I. (org) **A solução de Problemas: aprender a resolver, resolver para aprender**. Porto Alegre: Artmed.
- SCHOENFELD,A.H.(1997) Heurísticas na sala de aula.In:KRULIK.S.;REYS,R.E. **A resolução de problemas na matemática escolar**. São Paulo: Atual.
- VIGOTSKY. (1985). **Interacción entre enseñanza y desarrollo**. La Habana: Pueblo y Educación.



Edições  
Livro Alternativo

# A FADA SORRIDENTE

Vilma Maria da Silva



**JUNTOS,  
PODEMOS MUDAR  
O MUNDO.**



Ilustrado por:  
Patrícia de Brito



**ADQUIRA O SEU!**

livroalternativo@gmail.com  
Chave Pix: E-mail

**LEVE A FADA PARA SUA ESCOLA**

- @afadasorridente
- <https://www.facebook.com/afadasorridente>
- 11 99543-5703
- [afadasorridente@gmail.com](mailto:afadasorridente@gmail.com)
- <https://livroalternativo.com.br>

## A GAMIFICAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE MATEMÁTICA

GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVANI

### RESUMO

Há um imenso hiato na qualidade do ensino brasileiro quando comparado a outros países. Entre as disciplinas em que os resultados são particularmente preocupantes, encontra-se a matemática, com a utilização de abordagens frequentemente antiquadas e pouco atraentes para as novas gerações. Contudo, é possível observar o constante e crescente uso de recursos tecnológicos e ferramentas direcionadas à educação. Em algum momento, ocorre uma desconexão e, frequentemente, essa utilização não chega efetivamente à sala de aula. Nesse sentido, a fim de evitar essas divergências na utilização da tecnologia e promover maior engajamento por parte dos estudantes, foram desenvolvidas abordagens ativas. No presente trabalho, serão explorados os conceitos da ludificação, isto é, a utilização de mecanismos encontrados em jogos, como desafios e recompensas, com o propósito de envolver e estimular os alunos no desenvolvimento das atividades.

**Palavras-chave:** Abordagens; Ludificação; Recompensas.

### INTRODUÇÃO

As aulas de matemática empregam equações a serem solucionadas por métodos convencionais. Na disciplina de matemática, prevalece a concepção de que a aprendizagem ocorre por meio da acumulação de fórmulas e algoritmos, sem espaço para interpretações ou questionamentos (D'AMBROSIO, 1989). Embora esse processo de resolução de problemas pareça eficaz, ainda assim resulta em altas taxas de reprovação dos alunos (ARAUJO, 2002). Observa-se que, de forma geral, o desempenho dos jovens brasileiros na área de matemática está abaixo da média de outros países, o que corresponde a 377 pontos em comparação com a média de 490 pontos (OCED, 2015).

O avanço tecnológico possibilitou que os estudantes adquirissem um novo perfil conhecido como nativos digitais (PRENSKY, 2001). Esses nativos digitais muitas vezes se afastam da sala de aula, uma vez que esta não consegue competir com outras formas de entretenimento presentes em sua rotina. Uma maneira de atrair esses nativos digitais para o ambiente de ensino é por meio da implementação de novas estratégias de aprendizagem que envolvam ferramentas computacionais na engenharia do conhecimento e pensamento computacional. A ideia é transformar o ambiente educacional em um cenário mais interativo e iterativo (D'AMBROSIO, 1989).

---

Os jogos educacionais podem auxiliar nesse processo educativo por meio da gamificação. A utilização da gamificação na sala de aula permite a integração entre diversas áreas do conhecimento, o que pode resultar em uma significativa mudança na abordagem do conteúdo em sala de aula. Nessa abordagem, a gamificação tem seu foco voltado para o aluno e o ambiente de estudo. O objetivo é aprimorar a concentração do aluno em atividades que envolvam lógica, estética e mecânicas dos jogos, todos aplicados à matemática (OLIVEIRA, 2015).

## **O MÉTODO TRADICIONAL NO ENSINO DE MATEMÁTICA**

A instrução pode ser caracterizada como o processo por meio do qual a comunidade se desenvolve, transformando o indivíduo em um ser reflexivo e capaz de coexistir com outros indivíduos e com o ambiente natural que o rodeia. A instituição educacional atua como um elo entre o indivíduo e seu conhecimento (PEREIRA; COSTA, 2011).

O avanço quantitativo e qualitativo da instrução deve estar em sintonia com o grau de progresso e os padrões da comunidade que a envolve. Historicamente, os elementos que moldam os métodos de ensino de matemática, ou qualquer outra matéria, são os aspectos sociais, sejam eles culturais, econômicos ou políticos. O ensino de matemática tem sido uma constante desde os primeiros anos de escolarização. Juntamente com o português, ou a língua nativa, sempre se revelou ao longo da história como um elemento crucial para a alfabetização. Uma das principais demandas da sociedade brasileira é a formação de professores mais capacitados, capazes de lidar com a vasta quantidade e diversidade da população.

Nesse cenário, houve alguns investimentos, embora limitados, na formação do docente. Entre os mais notáveis estão os cursos à distância ou semipresenciais adicionados à grade da Universidade Aberta do Brasil (DALBEN et al., 2012).

Uma aula de matemática nos padrões convencionais de ensino é caracterizada por fórmulas e raciocínio lógico. Isso muitas vezes pode acabar negligenciando o contexto socioeconômico dos alunos e suas experiências fora da sala de aula, podendo assim criar uma lacuna no aprendizado. Seguindo o modelo tradicional, muitas vezes o professor se limita apenas ao que ensina e não estimula nem se disponibiliza para o crescimento individual de seus alunos, que acabam tendo sua capacidade de desenvolvimento restringida. O ensino tradicional muitas vezes parte do princípio de que o aluno não tem nenhum conhecimento sobre a matéria, não levando em consideração o conhecimento e crescimento social acumulado ao longo de sua vida.

Conforme expresso por LIBÂNEO (2002), nas instituições educacionais é possível encontrar professores com abordagens metodológicas diversas. Alguns adotam métodos tradicionais, nos quais o conteúdo é trabalhado da mesma maneira, independentemente da turma, idade ou habilidades dos alunos. Nessas abordagens, a avaliação é realizada por meio de provas, enfocando a memorização do que foi transmitido em sala de aula. Por outro lado, alguns professores buscam considerar a realidade dos alunos ao transmitir o conteúdo, mas a forma de avaliação não difere muito do tradicional. O aluno é influenciado pelo método de ensino aplicado, cabendo ao professor desenvolver o senso crítico e aprimorar a aprendizagem por meio da busca por novas formas de ensinar, levando em conta as capacidades de desenvolvimento e aptidões individuais dos alunos.

---

A formação de professores deve ser um processo contínuo. O desafio de incorporar o uso de tecnologias em sala de aula reside na necessidade de encontrar novas abordagens para transmitir o mesmo conteúdo. Assim, o professor, além de aprender algo novo, precisa adequar seus conhecimentos já adquiridos (TOLEDO, 2012). A tentativa de adaptação à tecnologia gamificada, que envolve lógica e pensamento computacional, pode aprimorar os métodos de ensino, visando a uma comunicação mais efetiva entre professor e aluno (SCHOEFFEL et al., 2015).

Segundo Libâneo:

O papel do professor, portanto é o de planeja, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem (LIBÂNEO, 2002, p.37).

É bastante frequente o estudante abandonar a resolução de um problema por não compreender como solucioná-lo. Sem a atualização necessária nas técnicas obsoletas, é complicado descobrir respostas inteligíveis ao mesmo nível dos nativos da era digital (D'AMBROSIO, 1989).

O estudante só adquire aversão à Matemática quando não se sente confortável no modo como se dá o ensino-aprendizagem. Muitas vezes o professor não observa o estudante como sujeito ativo na produção do conhecimento, considerando as formas particulares de aprender e pensar de cada aluno (MUNIZ, 2008, p. 59).

É nos estágios iniciais que a criança se encontra em um momento em que o raciocínio se baseia em deduções e hipóteses, e o pensamento se torna lógico e concreto (PIAGET, 2003). Nesse contexto, a utilização de jogos educacionais desperta o estímulo visual e o raciocínio na resolução de problemas lógicos, o que é fundamental para ampliar a aprendizagem. Nesse tipo de abordagem, o professor pode atuar como um incentivador de desafios, buscando provocar e estimular os alunos a resolver os problemas presentes nos jogos. Dessa forma, o estudo do aspecto lúdico, por meio da aplicação de recursos computacionais no ensino da matemática, pode estabelecer uma maior proximidade na relação entre professor e aluno. A vontade de superar os desafios se torna, assim, uma motivação para o aluno aprender (PASSOS; MORBACH, 2012).

## **AS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

A partir dos anos 70, surgiu a ideia de computadores voltados para a educação. Com a introdução desses computadores, surgiram diversos acessórios que os acompanhavam, incluindo as primeiras câmeras digitais e impressoras. Esse conjunto de equipamentos passou a ser conhecido como Tecnologia da Informação. Com o surgimento da internet e das ferramentas de busca, emergiram as TICs, tecnologias de informação e comunicação, termo atribuído à variedade de ferramentas disponíveis para utilização (LEITE; RIBEIRO, 2012).

---

As TICs são um meio tecnológico que visa facilitar a comunicação entre as pessoas. Consistem em um conjunto de softwares e mecanismos de telecomunicações capazes de gerenciar processos de pesquisa, negócios e educação por meio da automação. Com a popularização da internet nos últimos anos, houve um grande aumento no uso das TICs, que se tornaram uma alternativa aos métodos tradicionais, ampliando o acesso à informação e oferecendo opções de capacitação para professores por meio de comunidades e fóruns virtuais (OLIVEIRA, 2012).

A tecnologia avança rapidamente, exigindo aprimoramento constante das metodologias aplicadas na educação para se adaptarem a esses meios, pois muitas vezes se tornam obsoletas. Um novo tipo de alfabetização deve ser concebido: a alfabetização informática e científica (LEITE; RIBEIRO, 2012).

Além de várias ferramentas tecnológicas, a informática, quando bem utilizada, proporciona uma nova perspectiva, podendo resultar em uma grande melhoria nas metodologias de ensino (OLIVEIRA, 2012).

A escola avança lentamente na adoção de novas ferramentas de ensino. Por outro lado, as tecnologias de sala de aula por meio de tablets ou smartphones levam as novas gerações a se afastarem da escola na tentativa de adquirir conhecimento fora dela.

Alguns professores tentam mudar o sentido de suas aulas, tornando-as mais alegres e incentivando os alunos a resolverem desafios, para adaptar essa forma de ensino aplicam problemas da escola os relacionando com situações reais do dia a dia (OLIVEIRA, 2015, p.74).

Conforme mencionado por Prensky (2001), os professores, considerados imigrantes digitais, devem adaptar seus métodos de ensino ao nível de familiaridade dos nativos digitais. É inevitável a incorporação de tecnologias para complementar as abordagens tradicionais, o que demanda uma reformulação não apenas na aplicação das disciplinas, mas em todo o contexto de ensino e aprendizagem (OLIVEIRA, 2012). As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) permitem uma adaptação individualizada a cada aluno, ajustando-se às diferentes situações apresentadas em sala de aula.

O professor passa a ter a oportunidade de trabalhar de forma diferenciada, aproximando a realidade vivenciada pelos alunos dos conteúdos ensinados, adaptando-se à realidade dos nativos digitais. Uma das principais dificuldades na utilização das TICs pode residir na percepção tradicional do professor como detentor exclusivo do conhecimento. Em um cenário em que a informação está constantemente acessível aos alunos, essa visão precisa ser desconstruída.

Isso confere ao educador o papel de mediador, no qual orienta para o uso adequado dessas tecnologias na aquisição de conhecimento. KENSKI (2010, p.89) declara que:

Estamos vivendo um novo momento tecnológico. A ampliação das possibilidades de comunicação e de informação, por meio de equipamentos como o telefone, a televisão e o computador, altera nossa forma de viver e de aprender na atualidade.

---

A incorporação das TICs no ensino é influenciada por vários aspectos, a qualificação pela qual o educador passa pode ser crucial, mas não apenas isso, o investimento realizado pelo governo para sua capacitação e seu interesse pessoal em aprender novos métodos também são relevantes nesta questão, além disso, a escola precisa ter uma infraestrutura física que permita a utilização dessas ferramentas em sala de aula (LEITE; RIBEIRO, 2012).

O emprego das TICs nunca poderá substituir o docente em sala de aula, mas possibilita transformar o aprendizado, esse processo de ensino sempre dependeu muito mais da habilidade de quem o utiliza, do que da própria ferramenta (KENSKI, 2010).

## **O ENSINO DE MATEMÁTICA E A GAMIFICAÇÃO**

Educadores de matemática e de outras disciplinas científicas frequentemente encontram-se com requisitos didáticos em constante mudança e inovadores, ou que exigem uma maior concentração daqueles que se dedicam à pesquisa no domínio da didática da matemática e, principalmente, ao desenvolvimento de unidades de aprendizagem para lidar com uma variedade de tópicos dentro dos fóruns matemáticos. Embora seja verdade que a maioria dos textos escritos sobre a educação matemática se refira ao ensino, deixando pouco espaço para a reflexão sobre a aprendizagem, também é verdade que muitas das ideias didáticas foram desenvolvidas e validadas nos últimos anos. Aqueles que estão envolvidos com a didática da matemática acreditam que os estudantes devem adquirir várias formas de conhecimento matemático em diferentes contextos, tanto para sua aplicação futura quanto para fortalecer estratégias didáticas no processo de ensino-aprendizagem. Isso obviamente requer um conhecimento profundo dos métodos de aprendizagem correspondentes e, em particular, das técnicas apropriadas para o desenvolvimento do ensino.

O ensino da matemática é realizado de várias maneiras e com a ajuda de vários recursos, cada um com suas respectivas funções, sendo um deles, o mais utilizado e imediato, a linguagem natural. Atualmente, o computador e seus respectivos programas tornaram-se o recurso artificial mais popular para lidar com vários temas matemáticos, desde jogos e atividades para educação matemática básica até teorias e conceitos matemáticos de alta complexidade, principalmente no campo da matemática.

O ensino pode ser caracterizado como um processo ativo, que exige não apenas o domínio da disciplina, mas também conhecimentos matemáticos básicos a serem trabalhados pelos alunos e por quem sustenta ou explica os conceitos mais detalhados e rigorosos necessários para entender, além do domínio adequado de um conjunto de competências e habilidades necessárias para um bom desempenho do trabalho dos professores de matemática.

As primeiras manifestações de ludificação estão associadas a empresas. Em 1984, Charles A. Coonradt lançou o livro "A Game of Work", no qual estabelece uma relação entre as principais características dos jogos e situações que ocorrem no ambiente empresarial. O termo ludificação deriva de "gamification", e seu primeiro registro de uso remonta a 2003, quando Nick Pelling, que trabalhava como consultor no desenvolvimento de hardware, o mencionou (NAVARRO, 2013).

Inovar o ensino da matemática geralmente relaciona-se com o desenvolvimento de novas metodologias de ensino que

---

complementem o conteúdo trabalhado com o objetivo de desenvolver a autonomia dos alunos bem como seu conhecimento lógico matemático analisado dentro de uma visão interativa e autônoma, na formação de indivíduos autônomos, capazes de raciocinar de forma independente, participativo e criativo (KAMMI, 1995, p. 45 apud OLIVEIRA, ALVES e NEVES, 2015).

Por ser uma abordagem relativamente recente, a ludificação ainda é pouco explorada. A proposta de metodologias ativas, com ênfase na ludificação, busca trazer para a sala de aula um ambiente familiar aos alunos. Isso ocorre porque os jogos digitais são aplicativos amplamente utilizados pela nova geração (OLIVEIRA, 2015).

Quando o professor utiliza jogos educativos para explicar o conteúdo, MUNIZ (2008) argumenta que há um aumento no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Isso é frequentemente observado no uso de recursos lúdicos para o ensino da matemática.

O jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa "em jogo" que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa (HUIZINGA, 1971, p. 93).

A utilização de jogos como ferramenta pedagógica implica que o professor adote um novo método de ensino. Nessa abordagem, busca-se incorporar características que reavivem o interesse do aluno, uma vez que os desafios servem como estímulo para a aprendizagem.

É importante destacar que um jogo possui quatro elementos principais: os objetivos a serem alcançados pelo jogador, a posição do jogador em relação a esses objetivos, a participação no jogo sendo totalmente voluntária e, por fim, as regras que regem o jogo (Reis JR; REIS, 2017).

A matemática pode ser abordada da mesma maneira, uma vez que sua estrutura é baseada em regras claras, com o objetivo de resolver as expressões apresentadas, sendo o progresso na resolução das contas o ponto de retorno para o aluno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao integrar elementos lúdicos, como gratificações, competições amigáveis, desafios crescentes e retorno imediato, a gamificação desperta o engajamento dos estudantes, estimula a resolução de desafios, fomenta a colaboração entre os alunos e promove o desenvolvimento de habilidades matemáticas de maneira divertida e cativante. Além disso, a gamificação possibilita a personalização da aprendizagem, adaptando-se às necessidades individuais de cada aluno e proporcionando um ambiente propício para a experimentação e a descoberta.

Nesse contexto, é crucial que os professores percebam a importância da gamificação como uma estratégia pedagógica eficiente para o ensino de matemática na educação primária. Alocar recursos em tecnologias e táticas gamificadas oferece uma experiência de

---

aprendizado mais relevante, estimulando o gosto pelo estudo da matemática e estabelecendo um alicerce robusto para o progresso acadêmico futuro dos pequenos.

Ampliando a discussão sobre a gamificação, essa abordagem utiliza elementos de design de jogos em contextos não lúdicos para motivar e engajar os alunos. No ensino da matemática, por exemplo, a gamificação pode transformar conceitos abstratos em desafios divertidos e interativos. Isso pode incluir a resolução de problemas matemáticos para ganhar pontos, competições para resolver equações mais rapidamente ou completar desafios matemáticos para avançar para o próximo nível.

A gamificação também pode ser personalizada para atender às necessidades individuais dos alunos, permitindo que eles aprendam no seu próprio ritmo e estilo. Além disso, a gamificação pode promover a colaboração e o trabalho em equipe, pois muitos jogos educacionais incentivam os alunos a trabalhar juntos para resolver problemas ou completar desafios.

No entanto, é importante lembrar que a gamificação deve ser usada como uma ferramenta complementar ao ensino tradicional e não como um substituto. O objetivo final da educação é garantir que os alunos compreendam os conceitos e sejam capazes de aplicá-los na prática. A gamificação pode ser uma maneira eficaz de alcançar esse objetivo, tornando o aprendizado mais envolvente e divertido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, M. Revista Educação Edição 239 Políticas Públicas. **Revista Educação**, 2002. ISSN Edição 239.
- DALBEN, A. I. L. d. F. et al. **História do Ensino da Matemática: uma introdução**. p. 70, 2012. ISSN 16469895.
- D'AMBROSIO, B. **Como ensinar matemática hoje?** [S.l.: s.n.], 1989. v. 2. 15-19 p.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. H.D.Tjeenk Willink Zoon, 1971.
- KENSKI, M. V. **Tecnologias e o ensino presencial e a distância**. Editora Papirus, 2010.
- LEITE, W. S. S.; RIBEIRO, C. A. d. N. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Revista Internacional de Investigación en Educación**, v. 5, n. 10, p. 173–187, 2012. ISSN 2027-1182. Disponível em: <<http://localhost:8080/jspui/handle/123456789/2600>>. Acesso em 20 out.2023.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** Editora Cortez, 2002.
- NAVARRO, G. Gabrielle Navarro. **Gamificação: a transformação do conceito do termo jogo no contexto da pós-modernidade** Gabrielle Navarro Gamificação : a transformação do conceito do termo jogo no contexto da pós-modernidade. Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação, v. 1, 2013.
- OCED. Programme for International Student Assessment (PISA) **Results from PISA 2015**. Oecd, p. 1–10, 2015.
- OLIVEIRA, A. C. de. **Gamificação na Educação**. Endereço: [s.n.], 2015. v. 9. ISSN 2014-5039.
- OLIVEIRA, C. **Tic's na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno**. p. 75–95, 2012.
- OLIVEIRA, S. **Encontros, desencontros e novas perspectivas**. Integrare, 2016.
- PASSOS, R.; MORBACH, C. **Ensinar e jogar: possibilidades e dificuldades dos professores de matemática dos anos finais do ensino fundamental**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade de Brasília., 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11100>. Acesso em 20 out.2023.
- PEREIRA, A.; COSTA, D. A. **Ensinar geografia: a luta contra o tradicionalismo através das metodologias e dos recursos de ensino**. Alcione pereira da costa ensinar geografia: a luta contra o tradicionalismo através das metodologias e dos recursos de ensino. 2011.
- PIAGET, J. Cognitive Development in Children: Piaget: Development and Learning. **Journal of Research in Science Teaching**, v. 40, n. Suppl, p. S8–S18, 2003. ISSN 0022-4308. PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. On the Horizon, v. 9, n. 5, p. 1–6, 2001. ISSN 1074-8121.

---

Reis JR, P.; REIS, M. A. F. **VII congresso internacional de ensino da matemática**. VII. Congresso Internacional de Ensino da Matemática – ULBRA, p. 1–12, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/7146-21496-1-PB.pdf>. Acesso em 23 out.2023.

SCHOEFFEL, P. et al. Uma experiência no ensino de pensamento computacional para alunos do ensino fundamental. In: **Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação**. [S.l.: s.n.], 2015. v. 4, n. 1, p. 1474.

TOLEDO, P. B. F. O Comportamento da Geração Z e a Influência nas Atitudes dos Professores. **Gestão, inovação e tecnologia para a sustentabilidade**, p. 16, 2012.

# A INFLUÊNCIA DOS JOGOS NA VIDA E NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

GRAZIELA DE CARVALHO MONTEIRO

## RESUMO

Pensando nas crianças e adolescentes, a sociedade atual está extremamente envolvida com os jogos eletrônicos e videogames, onde o uso é considerado uma atração. Porém, apesar dos inúmeros benefícios que o uso de jogos eletrônicos, inclusive no âmbito educacional, é preciso levar em consideração também os aspectos negativos relacionados a integridade física e mental já que atualmente, na sociedade do conhecimento, todos estão expostos as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Desta forma, como objetivo geral, tem-se a discussão sobre o uso de jogos eletrônicos inclusive em sala de aula; e como objetivos específicos, sobre a sua influência no desenvolvimento de crianças e adolescentes. A metodologia escolhida foi a qualitativa para o tratamento dos dados, com base em diferentes documentos a respeito do tema. Os resultados encontrados demonstraram que se utilizado de forma equilibrada é provável que contribua com o desenvolvimento cognitivo das crianças e adolescentes.

**Palavras-chave:** Aprendizagens lúdicas; Desenvolvimento; Formação; Raciocínio lógico.

## INTRODUÇÃO

A indústria do entretenimento descobriu um nicho importante do mercado voltado para crianças e adolescentes, que são os jogos e videogames, o que se tornou uma verdadeira atração. Na sociedade do conhecimento, essas novas ferramentas tecnológicas se tornaram também alvo de preocupação, tentando-se compreender até que ponto elas influenciam o comportamento humano, uma vez que a comunicação e as formas de entretenimento em massa possuem a capacidade de atingir um enorme número de indivíduos, o que ocorreu com os jogos eletrônicos.

Para avaliar os efeitos reais do uso de jogos é preciso observar as inúmeras variáveis de acordo com a Ciência. Psicopedagogos, educadores e neurocientistas têm estudado os efeitos dos jogos de acordo com as suas influências cognitivas, sociais, emocionais e comportamentais. Ao se destacar as habilidades cognitivas, os games ganham destaque inclusive na área da Educação.

Como problemática, tem-se a questão por exemplo, de que cada vez mais, uma quantidade maior de crianças e adolescentes tem consumido os jogos de uma indústria que

---

vem crescendo virtuosamente a cada dia, fazendo com que muitos deixem de lado o mundo real em virtude do mundo virtual que teoricamente parece ser mais fácil de se viver. Isso reflete também em sala de aula quando o estudante deixa de fazer suas atividades ou de interagir com a turma, ao jogar durante as aulas.

Por isso, a importância da discussão sobre o tema a partir de diferentes vertentes, com relação às influências no comportamento cognitivo de crianças e adolescentes, uma vez que a literatura apresenta resultados tanto positivos quanto negativos sobre a referida questão.

Assim, como objetivo geral, tem-se a discussão sobre o uso de jogos eletrônicos inclusive em sala de aula; e como objetivos específicos, sobre a sua influência no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

## **SOBRE A PSICOLOGIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL**

Com o desenvolvimento da Psicologia enquanto Ciência, no fim do século XIX, diversos estudos surgiram como, por exemplo, a Psicologia Educacional. Na atualidade, a Psicologia e a Educação apresentam relação intrínseca, constituindo-se por linhas de pensadores que estudam o comportamento e os processos de aprendizagem relacionados ao desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes.

No Brasil, a história da Psicologia tem estreita relação com a Educação, pois, foi na educação que ela teve uma das primeiras aplicações. Desta forma, três áreas se destacaram como o estudo e as medidas das diferenças individuais; as pesquisas experimentais relacionadas à aprendizagem; e a psique infantil:

Aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maturo, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência; envolve os hábitos que formamos os aspectos de nossa vida afetiva e a assimilação de valores culturais, além dos fenômenos que ocorrem na escola (JOSÉ e COELHO, 2006, s/p.).

A cada experiência o cérebro se modifica, segundo as interações entre ser humano e ambiente provocando mudanças constantes no cérebro, conhecida como plasticidade neural, o que é resultado, por exemplo, do uso de jogos e videogames (RELVAS, 2010).

Assim: “O cérebro em desenvolvimento é plástico, ou seja, capaz de reorganização de padrões e sistemas de conexões sinápticas com vista à readequação do crescimento do organismo às novas capacidades intelectuais e comportamentais da criança” (PINHEIRO, 2007, p. 44).

Essas conexões ampliam a capacidade de aprendizagem, possibilitando transformações e adaptações: “Todo ser humano quer aprender a vida inteira, desde o momento em que nasce” (FRIEDRICH e PREISS, 2006, p. 13).

Cosenza e Guerra (2011), explicam que os neurônios estabelecem sinapses com centenas de outros neurônios, ao mesmo tempo em que recebem diferentes informações provenientes de outras células. Assim, a plasticidade não ocorre apenas através do desenvolvimento cerebral ou em resposta a uma dada situação, mas, pode ocorrer também devido a uma lesão cerebral, a fim de tentar reorganizar o Sistema Nervoso Central (SNC).

---

A Neurociência entende que quando a lesão ocorre ainda na infância, o cérebro apresenta maior capacidade de regeneração devido à plasticidade e neste caso os neurônios podem se adaptar, assumindo outras funções, regenerando suas células e criando novas conexões, o que pode ocorrer inclusive devido ao uso excessivo de jogos eletrônicos (PINHEIRO, 2007).

Boni e Welter (2016) relacionam a plasticidade neural com a neurociência, visando a aplicação junto a crianças e adolescentes, no fazer pedagógico e interdisciplinar, observando que cada um é um ser integral e ao mesmo tempo mutável, de acordo com as experiências vividas.

Na área da Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, o Behaviorismo tem como principal ideia estudar os fenômenos e comportamentos observáveis a olho nu, refutando o estudo dos fenômenos mentais. Watson definiu o comportamento como sendo as modificações observadas no organismo, ocorridas em virtude de estímulos tanto internos quanto externos. Os comportamentos seriam manifestações reflexas e respostas que o organismo dá quando estimulado e as funções corporais como um todo (HEIDBREder, 1981).

Pode-se encontrar trabalhos dos fisiólogos russos Ivan Pavlov, Bekhterv e Thorndike, que faziam estudos experimentais sobre a aprendizagem associativa. Estes teóricos formaram a base da psicologia experimental behaviorista, influenciando a psicologia norte-americana por um bom período, com ênfase nos estudos comportamentais e nos processos mentais, por meio de procedimentos metodológicos (FIGUEIREDO, 2000).

Para Skinner, o sucessor das ideias behavioristas, eventos ou comportamentos de caráter mental como o pensar, sentir, ouvir, ver, entre outros, não servem para explicar a conduta do ser humano. Embora não negue a existência desses eventos mentais, sua teoria defende que o ser humano é controlado por influências do meio em que vive e não por processos fisiológicos internos (NUNES e SILVEIRA, 2015).

Para que elas aprendam, é necessário a interação com o objeto de conhecimento como é o caso dos jogos de videogame. Por isso, levar em consideração os aspectos discutidos é essencial para contribuir com o desenvolvimento da sua estrutura cognitiva.

Todas as áreas do comportamento humano poderiam compreendidas a partir da relação entre a resposta a um estímulo; e todos os comportamentos seriam considerados reflexos, pois seriam uma resposta provocada por estímulos.

Assim, no caso da Neuropsicopedagogia, o desenvolvimento constante pode contribuir com uma aprendizagem significativa, podendo-se inclusive fazer uso de jogos eletrônicos para estimulá-los.

## **IMPACTO DOS JOGOS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Atualmente, é possível perceber a preocupação que parte da sociedade possui com relação aos impactos do uso de videogames no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Isso porque diferentes pesquisas elencam o uso de jogos esportivos como basquete, tênis, futebol e corrida de carros; jogos de aventura, como administrar fazendas e cidades; e jogos de batalha como guerras, disputas de força e poder e de violência excessiva como o Free Fire,

---

por exemplo. Outros, exigem dedicação e tempo por parte dos usuários, levando-se dias para ser concluído (CONTE e HABOWSKI, 2019).

Professores e pesquisas de pediatras, assim como a própria preocupação de pais e responsáveis, se preocupam com o tipo de interferência que o videogame pode ocasionar não somente no desempenho escolar, mas, no relacionamento interpessoal de crianças e adolescentes, sendo que este último apresenta maior risco com relação ao uso excessivo desse tipo de ferramenta (EISENSTEIN et al., 2019).

É preciso levar em consideração que os consoles influenciam tanto de forma positiva quanto negativa. Estudos da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), indicam inúmeras situações como a substituição do convívio com outras pessoas, incluindo-se familiares; transtornos do sono e alimentação; abandono de atividades de lazer, esportes, dentre outras situações.

Em casos mais graves pode desencadear transtornos alimentares, sedentarismo e obesidade; abandono do autocuidado e higiene; problemas mentais como angústia, ansiedade, depressão; dores de cabeça, enxaqueca, musculares, tontura, problemas de postura; agressividade, irritação e condutas violentas; dentre outras situações (EISENSTEIN et al., 2019).

A SBP, realizou um estudo que culminou em diferentes recomendações para o cuidado com crianças e adolescentes que constam no Manual de Orientação de 2016 e 2019 alertando para a urgência do acompanhamento sobre a utilização de jogos e videogames. Deve-se destacar também que com a Pandemia da Covid-19 e as medidas de isolamento social para conter a doença contribuíram ainda mais para o uso indiscriminado por parte dos mesmos (EISENSTEIN et al., 2019).

Os responsáveis também devem ficar atentos a classificação etária dos jogos, bem como os conteúdos. Ainda é preciso observar se o jogo é realmente adequado para a maturação mental e cognitiva da criança e/ou adolescente.

Assim, conversar com os mesmos sobre as regras e cooperação durante o uso de jogos online, é essencial, principalmente porque neste caso, não se tem certeza de quem está do outro lado da internet.

Ainda, ao perceber qualquer tipo de comportamento estranho, é preciso encaminhar a um profissional adequado para diagnosticar e intervir, principalmente em se tratando de transtornos comportamentais relacionados aos jogos e videogames, a fim de realizar acompanhamento terapêutico.

As escolas também são de suma importância neste projeto e podem organizar ciclos de palestras discutindo questões como violência e dependência digital, exemplificando quais são os limites considerados saudáveis e as regras para a sua utilização de forma adequada.

Ainda, a própria escola e os pais/responsáveis podem fazer denúncias à justiça ou órgão competente, ao identificar jogos que acabam por colocar em risco a saúde física e mental de crianças e adolescentes. Deve-se respeitar os direitos e deveres que se encontram muito bem explicitados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (FANTIN, 2015).

---

É necessário explicar sobre os limites quanto ao espaço e tempo sobre a rotina diária e as regras mantendo o diálogo, o respeito e os hábitos saudáveis de convivência, evitando-se as punições e restrições, pois, muitas vezes não se mostram funcionais para as mudanças comportamentais; além de compreender e delimitar a utilização de celulares, tablets e computadores quanto ao uso de consoles e jogos online, bem como horários e hábitos associados.

Pode-se destacar que não existe apenas malefícios no uso de jogos eletrônicos por crianças e adolescentes. Os impactos dos videogames no desenvolvimento deles podem ser realmente positivos. Neste sentido, existem jogos que apresentam potencial educativo e, que podem ser utilizados tanto em sala de aula, como também em casa, garantindo assim bons momentos ao lado da família (GUIMÓN, 2019).

Assim, uma forma saudável de se utilizar os jogos eletrônicos é a partir do contexto educacional. Os jogos e brincadeiras podem influenciar diretamente o desenvolvimento infantil, existindo a necessidade de intervenção por parte do professor para mediar as regras e limites de cada jogo ou brincadeira.

Para o autor, fazer uso de brincadeiras e jogos permite grandes avanços, desenvolvendo a criança e ao adolescente como um todo. Ainda, considera que os jogos estão intimamente ligados à imaginação, promovendo assim, aspectos cognitivos, denominado por ele de Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD) (VYGOTSKY, 2011).

A cultura tem total significado na formação da consciência humana e da atividade dos indivíduos aprendentes. Para a criança e o adolescente, durante seu desenvolvimento, os mesmos vão dominando os conteúdos de forma gradativa, somando-se a isso suas experiências culturais, hábitos, os signos linguísticos e também as diferentes competências e habilidades ligadas ao raciocínio nas mais variadas situações.

Assim, o desenvolvimento intelectual da criança, provém de um estado de equilíbrio progressivo, em que há uma mutação contínua entre um estado de menor equilíbrio para um estado de maior equilíbrio. Cada estágio desse desenvolvimento constitui, uma forma pessoal de estabilidade e a sequência do desenvolvimento mental caracterizando uma equilíbrio completa (VYGOTSKY, 2011).

Ainda, todas as áreas do comportamento humano seriam compreendidas a partir da relação entre a resposta a um dado estímulo; e todos os comportamentos seriam considerados reflexos, pois não deixam de ser uma resposta provocada por estímulos. Conclui ainda que: “aprendizagem é função destes elementos externos, isto é, da forma como os estímulos são dispostos”.

O professor, nesse caso, deve utilizar estratégias que respeitem o funcionamento do cérebro, como é o caso do uso da gamificação, já que esta área também traz uma abordagem científica no processo de ensino e aprendizagem, baseado na compreensão dos processos cognitivos que estão envolvidos (SANTOS e VASCONCELOS, 2014).

Com a necessidade de diversificar as formas de construção do conhecimento por meio dos games visa-se aproximar a criança e o adolescente do mundo virtual realizando um trabalho de observação com a aplicação de jogos educacionais.

---

Os jogos aplicados em sala de aula que contribuem para a construção de conhecimentos, como os quebra-cabeças, jogos de memória, entre outros. Pesquisas realizadas com crianças demonstram que as que têm contato com o computador em casa desempenham com mais facilidade as atividades propostas pelos jogos.

O jogo desenvolve a coordenação motora, a percepção, a audição e a visão, fator essencial nesta faixa etária. Deve-se lembrar que a criança se desenvolve por meio do lúdico principalmente.

Desperta-se na criança o interesse, curiosidade, a satisfação e o prazer ao jogar ajudando na construção de conceitos e fazer descobertas. Jogando aprende-se a extrair questões essenciais para a vida (ANTUNES, 2003).

Ao se utilizar a gamificação com crianças e adolescentes que possuem dificuldades cognitivas, elas demonstram motivação, interesse, autonomia e concentração, envolvendo-se com os jogos e não apresentando dificuldades para completar as diferentes etapas dos jogos (DOMÍNGUEZ et al. (2013).

Domínguez et al. (2013), explicitam que a gamificação é capaz de promover contextos lúdicos a fim de favorecer o processo de aprendizagem. Os jogos permitem que as crianças e adolescentes vivenciem um período de espaço e tempo característicos da vida real de forma virtual.

Assim, o processo de gamificação pode ser mensurado e os resultados definidos a fim de que a criança e adolescente compreenda as regras da vida como empatar, perder, ganhar, entre outras.

Vianna et al. (2013), explica que a gamificação, portanto, tem como objetivo despertar emoções positivas, explorando a partir disso aptidões relacionadas e recompensas virtuais ao executar dada tarefa. Por isso, deve ser aplicada em situações que necessitem a criação ou adaptação das experiências de quem está jogando.

Para que o contato com os jogos eletrônicos de forma saudável, pode-se destacar: o uso das tecnologias e dos jogos eletrônicos na medida e no tempo certo. Os jogos contribuem para desenvolver diferentes habilidades nas crianças e adolescentes que envolvem a concentração, o raciocínio, as tomadas de decisão, além das habilidades visuais e motoras, sempre de forma controlada.

Deve-se equilibrar, portanto, o uso dos jogos eletrônicos com a prática de outras atividades, sejam elas lúdicas, esportivas, sociais, criando ainda momentos importantes junto à família, o que é mais do que saudável.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No caso do uso de jogos eletrônicos é preciso impor limites para eles a fim de que a saúde mental seja preservada. O uso excessivo de jogos sejam eles de videogame ou computador podem influenciar negativamente, contribuindo para o aparecimento de problemas como a depressão, a ansiedade, a obesidade, o sedentarismo, o afastamento dos colegas e familiares, o isolamento social, dentre outras situações.

É preciso lembrar que os estudos realizados pela SBP, trazem dados alarmantes quanto ao uso excessivo, precoce e prolongado das TIDC, da internet, das redes sociais, dos celulares e principalmente dos jogos de videogames, discutindo-se sobre a responsabilidade da sociedade como um todo, em especial dos profissionais que acompanham a saúde das crianças e adolescentes.

Os impactos previstos a longo prazo podem ser os mais variados possíveis, segundo o grau de intensidade e o tipo de uso que se faz dos aparatos tecnológicos. Se utilizado de forma moderada é muito provável que contribua com o desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes.

Diversos autores relatam que é impossível na atual sociedade do conhecimento continuar negando os benefícios tanto educacionais quanto sociais que as ferramentas tecnológicas, como é o caso dos jogos eletrônicos, podem oferecer. Para compreender essa questão é preciso pensar em como poderia ser a vida em sociedade atualmente sem a internet e os demais aparatos tecnológicos.

As TIDC, além de facilitar a comunicação e as relações interpessoais, apresenta potencial para estimular o raciocínio e a criatividade de crianças e adolescentes.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **O jogo e a educação infantil**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BONI, M.; WELTER, M.P. **Neurociência cognitiva e plasticidade neural: um caminho a ser descoberto**. Curso de Pedagogia, FAI Faculdade, 2016.
- CONTE, E.; HABOWSKI, A. C. O agir comunicativo na educação como dispositivo e autoridade epistêmica à práxis tecnológica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 40, e0193424, 2019.
- COSENZA, R.; GUERRA, L. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DOMINGUÉZ, A.; MARCOS, de L.; NAVARRETE, J.S. de.; FERNANDEZ-SANZ, L. Gamifying Learning Experiences: Practical Implications and Outcomes. April 2013. **Computers & Education** 63(1):380-392. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/256194365\\_Gamifying\\_Learning\\_Experiences\\_Practical\\_Implications\\_and\\_Outcomes](https://www.researchgate.net/publication/256194365_Gamifying_Learning_Experiences_Practical_Implications_and_Outcomes). Acesso em: 07 out. 2023.
- EISENSTEIN, E.; PFEIFFER, L.; GAMA, M.C.; ESTEFENON, S.; CAVALCANTI, S.S. **Dependência virtual – um problema crescente #MENOS VÍDEOS #MAIS SAÚDE**. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021) • Sociedade Brasileira de Pediatria.
- FANTIN, M. Crianças e games na escola: entre paisagens e práticas. **Revista Latino-americana de Ciências Sociais**, Niñez y Juventud, 13 (1), p. 195-208, 2015.
- FIGUEIREDO, L.C.M. **Matrizes do pensamento psicológico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 208 p.
- FRIEDRICH, G; PREISS, G. Ciência do Aprendizado. **Revista Mente e Cérebro**. São Paulo, p. 6-13, 2006.
- HEIDBREDER, E. **Psicologias do século XX**. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- JOSE, E.A.; COELHO, M.T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2006.
- NUNES, A.I.B.L.; SILVEIRA, R.N. **Psicologia da Aprendizagem**. 3ª Edição Revisada Fortaleza, Ceará, 2015, 121 p.
- PINHEIRO, C.M.P. A história da utilização dos games como mídia. **Pol. Cult. Rev. Salvador-BA**, v.10, n.1, p.237-60, Jan./Jun. 2017.
- PINHEIRO, M. **Fundamentos de neuropsicologia - o desenvolvimento cerebral da criança**. Vita et Sanitas, Trindade, 2007. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:og16d--3h1J:https://sigaa.ufrn.br/sigaa/verProducao%3FidProducao%3D2460691%26key%3D4b9dd4705051e9388342ad3590469711+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> &gt;. Acesso em: 06 out. 2023.
- RELVAS, M.P. **Neurociência e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2011.

---

SANTOS, M.A.; VASCONCELOS, E.S. Neurociência e Educação: o sistema nervoso e sua relação com a aprendizagem. In: **IV Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**. Universidade Estadual de Roraima, 2014.

VIANNA, Y.; VIANNA, M.; MEDINA, B.; TANAKA, S. **Gamification, Inc.:** como reinventar empresas a partir de jogos. MJV Press: Rio de Janeiro, 2013.

VYGOTSKY, L.S. O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. Cap. 6. **Pensamento e linguagem**. 2011, p. 93-95. Versão para eBook eBooksBrasil.com. Disponível em: [www.jahr.org](http://www.jahr.org). Acesso em: 07 out. 2023.

## A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO NO ENSINO SUPERIOR

JONATAS HERICOS ISIDRO DE LIMA

### RESUMO

A formação de professores, em especial no Brasil, vem sofrendo pressão com o desenvolvimento da pesquisa científica há décadas, principalmente nas grandes universidades públicas, e por isso, entende-se que a prática docente se dá por meio do estudo e da pesquisa. Diversos autores acreditam que a pesquisa científica faz parte do ensino porque há conexões com o seu desenvolvimento, como a questão do protagonismo e da efetivação de políticas educacionais, culminando nas mudanças socioeconômicas e ideológicas que caracterizam o atual cenário educacional brasileiro em relação à formação de professores. A pesquisa foi realizada a partir de levantamento bibliográfico a respeito do tema; e os resultados encontrados indicaram que ainda existe algumas fragilidades na formação pedagógica de professores que precisam ser sanadas com urgência.

**Palavras-chave:** Docentes; Educação Básica e Superior; Formação de professores.

### INTRODUÇÃO

Sabe-se que atualmente, uma série de intervenções tem ocorrido tanto nas faculdades quanto nas universidades, em especial, em termos financeiros, trazendo consigo desafios constantes, por exemplo, no desenvolvimento da investigação científica.

Problemas como a má formação dos professores, a falta ou pouco interesse no desenvolvimento da pesquisa, a atual possibilidade de ingresso em cursos superiores mesmo com grande atraso na educação básica são alguns dos entraves à educação integral.

Portanto, justifica-se o presente artigo no tocante a trazer essa questão para discutir a fim de contribuir com a melhoria da formação da docente e conseqüentemente a qualidade do ensino.

Assim, como objetivo geral o presente artigo trata da trajetória da formação docente e o ensino superior no Brasil; e como objetivos específicos, questões relacionadas às políticas educacionais.

### COMO O ENSINO SUPERIOR SE DESENVOLVEU NO BRASIL

No Brasil, no Século XX, houve a junção de algumas faculdades, com a criação das primeiras Universidades brasileiras: a Universidade da Amazônia, no ano de 1909; a Universidade Federal do Paraná, em 1912; e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em

---

1920; sendo criadas faculdades e institutos tecnológicos e de pesquisa em todo o território nacional. A primeira Universidade brasileira considerada contemporânea foi criada com base na tríade ensino, pesquisa e extensão: a Universidade de São Paulo (USP), no ano de 1934 (HUMEREZ e JANKEVICIUS, 2015).

Masetto (2008), relata que o ensino superior teve como doutrina o modelo de ensino europeu. Boa parcela do ensino superior foi baseada nas universidades francesas que apresentavam características de uma escola autárquica, valorizando enormemente as ciências exatas e tecnológicas em detrimento da formação inicial de professores.

Os primeiros cursos superiores tinham como meta formar profissionais voltados para o mercado de trabalho, com base no pensamento da Revolução Industrial a fim de desempenhar uma profissão específica. Igualmente, a escolha do currículo contemplava exclusivamente as disciplinas ligadas ao exercício da profissão em questão (FRANCHINI et al., 2016).

O espírito científico, a criação cultural e o pensamento reflexivo deveriam ser algumas das prioridades no ensino superior: “[...] a função do Ensino Superior é de criar situações favoráveis ao desenvolvimento dos aprendizes nas diferentes áreas do conhecimento, no aspecto afetivo-emocional, nas habilidades e nas atitudes e valores” (MASSETO, 2008, p. 14).

No ano de 1951, foi criado o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), com o intuito de direcionar e desenvolver o conhecimento científico e tecnológico no país e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável pela formação de docentes e pesquisadores.

Catorze anos depois, em 1965, a CAPES iniciou a regulamentação da Pós-graduação, com a aprovação inicial de 27 cursos de Mestrado e 11 de Doutorado. As atividades de pesquisa foram formalizadas e apoiadas na segunda metade do século XX. Em 1976, o Brasil já possuía 490 cursos de Mestrado e 183 de Doutorado.

Trinta anos depois, em 2006, somavam-se 2.344 Mestrados e 1.288 Doutorados; em 2015, já eram 3.165 cursos de Mestrado acadêmico, 579 cursos de Mestrado profissionalizante e 1.945 cursos de Doutorado reconhecidos pela CAPES, boa parte voltados para profissionais da educação (HUMEREZ e JANKEVICIUS, 2015).

Deve-se destacar que até a década de 1970, o ensino superior utilizava um modelo tradicional, exigindo como formação docente apenas o bacharelado, além de experiência profissional no campo em que iria ministrar aulas. Atualmente, esse modelo de formação não funciona mais, uma vez que os conhecimentos devem contemplar a autonomia e não mais decorar conteúdo.

Diversos educadores afirmam a relação existente entre a docência no Brasil, seus paradigmas e suas práticas pedagógicas existentes. Na Constituição de 1988, o capítulo referente ao Ensino Superior, trouxe novas diretrizes voltadas ao ensino, à pesquisa e a extensão nas instituições.

Em conformidade com Masetto (2008), hoje, a formação docente no ensino superior é definida a partir do domínio de competências e habilidades específicas, incluindo uma determinada área de conhecimento a serem compartilhadas com os estudantes.

---

Para que isso ocorra, é importante que as instituições invistam em formação concreta dentro da realidade do país, voltada para a formação docente, realizando produções acadêmicas, incentivando a pesquisa, desde a iniciação científica, até o Mestrado ou Doutorado, tanto voltado aos laboratórios de pesquisa, quanto para a formação de docentes (FRANCHINI et al., 2016).

A partir dessa problemática é factível refletir sobre as exigências que tem sido cada vez mais impostas na formação específica de docentes para ministrar aulas, sejam elas em escolas públicas ou privadas.

Em conformidade com as informações do Ministério da Educação e Cultura (MEC), o preceito que regula a atuação de profissionais da educação está pautado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). De acordo com Veiga (2012), existe uma preocupação extremamente forte na atualidade com a qualidade dos resultados da educação, indicando a relevância da formação científica, política e pedagógica dos docentes que trabalham nas escolas públicas e privadas.

A LDBEN, enquanto legislação tem sofrido alterações constantemente perdendo dentre outros aspectos, a inovação, havendo a necessidade de ajustes para que esteja de acordo com as inúmeras mudanças que ocorrem na sociedade e que influenciam de forma direta a organização do processo educacional.

Isso demonstra a necessidade de revisão da legislação que discuta sobre a formação inicial e em especial específica, que esteja em concordância com as diferentes mudanças sociais, educacionais, e políticas que vem ocorrendo durante as últimas décadas (BERNARDO e VASCONCELLOS, 2021).

O ensino, a pesquisa e a extensão são áreas de diálogo de um mesmo fazer, contribuindo para um olhar diferenciado no Ensino Superior quanto a formação de profissionais da educação, na diretriz de uma práxis acadêmica integrada e interdisciplinar, que converse entre todas as disciplinas com o escopo de gerar novos conhecimentos principalmente para a formação de professores.

Assim, um dos desafios da formação docente é sustentar uma educação de qualidade, porque, o que se vê é um universo acadêmico escasso, já que os cursos ministrados nem sempre dão o suporte necessário para se trabalhar em sala de aula com tantas adversidades, o que tem resultado na perda em parte da qualidade do ensino e da pesquisa no Brasil (FRANCHINI et al., 2016).

Assim:

Os professores dizem que o seu principal professor tem sido a experiência; eles aprenderam a ensinar através de ensaios e erros na sala de aula. Aquilo que eles visualizam como processo de aquisição, são práticas testadas pessoalmente, não um refinamento ou aplicação de princípios de instrução geralmente válidos. Eles insistem que a influência dos outros são escolhidas através de seus conceitos pessoais e são sujeitas a testes práticos. As conotações do termo socialização parecem um tanto tendenciosas quando aplicadas a este tipo de indução, visto que elas implicam numa maior

---

receptividade para a cultura preexistente, que parece prevalecer. Os professores são, em grande parte, “formados por si mesmos”; a internalização do conhecimento comum é apenas uma pequena parte de seu movimento em direção à responsabilidade do trabalho (LORTIE, 1975, p. 80).

O autor ainda se mostra pouco esperançoso na possibilidade de que se construa um currículo de formação inicial do professor. Ele acredita que é mais plausível se falar em “programas de iniciação na profissão docente” (GARCIA, 1999, s/p.).

## **QUESTÕES RELACIONADAS À POLÍTICA EDUCACIONAL**

No ano de 2019, o governo federal anunciou a redução de cerca de 5.000 bolsas para pesquisa no ensino superior voltadas a cursos de pós-graduação relacionados a trabalhos de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Nos primeiros oito meses desse mandato, 11.811 bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Universitário (Capes) foram canceladas, e esse cenário não foi modificado até o momento.

Em um período de quase 70 anos, a Capes foi responsável pelo desenvolvimento da pesquisa no país, tornando-se uma das instituições de referência no assunto. A presidente da Associação Nacional de Pós-graduandos, Flávia Calé, disse no ano de 2019 em entrevista à Folha de São Paulo que o cenário é triste para os pós-graduandos: o que se propõe é a morte da pesquisa no Brasil. Um corte no orçamento pela metade deve impossibilitar o trabalho da pós-graduação (CAMARGO, 2019).

A Capes foi obrigada a reduzir verbas dos seguintes programas: Programa Demanda Social (DS); Programa de Excelência Acadêmica (PROEX); Programa de Apoio à Pós-Graduação em Instituições de Ensino Superior Comunitárias (PROSUC); Programa de Apoio à Pós-Graduação em Instituições Particulares de Ensino (PROSUP) e Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES).

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) também teve que cortar verbas. A retomada de projetos de pesquisa que contribuam para o desenvolvimento científico e tecnológico do país ficou dependente da liberação de créditos complementares, o que se intensificou ainda mais devido a Pandemia da Covid-19.

Essa é uma perda significativa para o país, pois é nas universidades públicas que a demanda por publicações científicas, como artigos, cai. Na mesma medida, o deputado do PCdoB Márcio Jerry (MA) criou o Projeto de Lei de Produção Científica já em desenvolvimento pela comunidade científica brasileira a fim de retornar o direito a verba para a manutenção das pesquisas no Brasil (CAMARGO, 2019).

O projeto de lei aguardava o parecer do relator na Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicações e Informática (CCTCI) até meados de agosto de 2019, o que significa que a medida de suspensão se mantém em vigor até o momento e traz prejuízos significativos para a ciência do país (CAMARGO, 2019).

É preciso pensar nos fundamentos da formação de professores no contexto do ensino superior, no âmbito das políticas públicas e discutir possíveis implicações e desdobramentos

---

a partir dos acontecimentos político-pedagógicos atuais sobre o desenvolvimento da pesquisa no país.

Infelizmente, ao longo da pesquisa nos deparamos com desafios relacionados à formação de professores. Um exemplo é a forma como o trabalho acadêmico está sendo produzido atualmente. Muitas das faculdades e universidades do país pressionaram seus pesquisadores a desenvolverem ciência rapidamente, por exemplo, para classificar sua instituição nas avaliações estaduais.

Assim, a construção do conhecimento perde sua função baseada na quantidade versus qualidade, o que muitas vezes reduz a relevância do trabalho. O que temos observado é a busca incessante por publicações que tem consumido professores, pesquisadores e alunos apenas para atingir os objetivos em relação a outras instituições de ensino.

Outro problema diz respeito a possíveis deficiências na formação de professores (DEITOS, 2012). Até dez anos atrás, as faculdades empregavam pelo menos 67 mestres e doutores, o que aumentava os custos, pois, os salários eram relativamente altos. Nos últimos anos, o número de professores em geral diminuiu, onde especialistas começaram a ministrar cursos, levando a uma redução nos custos.

Outras instituições passaram a ministrar cursos à distância (EAD), onde um profissional específico se torna tutor de vários cursos e alunos ao mesmo tempo em que o contato é feito pela plataforma. Considerando que a Lei nº 9.394/96, em seu art. 66 estipula que a preparação para o ingresso no ensino superior se dá em nível de pós-graduação, princ

Em relação à última questão, se as universidades têm priorizado atualmente a formação pedagógica, o ensino e a pesquisa, pode-se dizer que sim, mas, as atuais políticas públicas têm impedido de alguma forma o avanço da pesquisa acadêmica, pois, muitos alunos têm bolsas perdidas durante o desenvolvimento de pesquisas.

Além disso, muitos deixaram seus empregos, casas, familiares e até se mudaram para outra cidade para conseguir uma bolsa de estudos e continuar os estudos. Com o corte de verbas, a continuidade de muitos projetos de pesquisa torna-se impossível. Existem universidades privadas que possuem boas notas na avaliação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e se baseiam no desenvolvimento de pesquisas científicas em áreas específicas, como a engenharia civil.

Assim, as universidades privadas também possuem bolsas, mas, todas as dificuldades enfrentadas ao longo do caminho fazem com que muitos alunos desistam de cursar o ensino superior.

A manutenção dos laboratórios, assim como a pesquisa, só tem se sustentado devido a novas parcerias com empresas privadas que investem em educação, caso contrário não conseguiriam manter o padrão atual. Além disso, no que diz respeito à produção de artigos científicos, encontrou-se uma alternativa para dar continuidade à sua produção (CRUZ e COSTA, 2017).

Portanto, essas instituições tornaram-se exemplos de como a pesquisa no Brasil está realmente em terreno instável. Por um lado, coloca a produção científica em primeiro plano, por outro, também coloca em primeiro plano a quantidade e não a qualidade do que é publicado.

---

Assim, de acordo com a Constituição de 1988, ensino, pesquisa e formação de professores formam a base para o desenvolvimento das universidades no país. Por isso, tanto a produção científica quanto a docência no ensino superior tem sido questionada, principalmente pelo atual governo. Rauter (2012), explica que até o governo anterior, as políticas públicas financiavam pesquisas para incentivar a divulgação científica no país. Adversidades como tempo, investimento, competição, produção em massa e o baixo nível de formação de professores têm pressionado significativamente o campo científico.

Além disso, políticas públicas recentemente impostas estão fechando as portas para muitas pesquisas que poderiam beneficiar o país. Aqueles que incentivam a pesquisa e a inovação tecnológica são extremamente importantes para o desenvolvimento econômico. A grande maioria dos países desenvolvidos, assim como aqueles que querem chegar lá, entendem que a política deve estimular e acelerar a pesquisa acadêmica e não o contrário.

O Brasil, por outro lado, caminha para um dos maiores atrasos científicos da história do país com os últimos ataques. Segundo Oliveira, colunista da revista *Época*, o Brasil ocupava em 2019 a 10ª posição em Despesa Interna Bruta em Pesquisa e Desenvolvimento (DIBPD), incluindo investimentos do setor privado. No entanto, em comparação com outros países, sua posição é a 24ª per capita. O declínio é ainda maior no ranking de investimento em relação ao PIB, que ocupava até então a 28ª posição com apenas 1,2.

Freitas et al. (2014, p. 290) definem: “[...] os discursos negam a legitimidade do currículo, da pesquisa e da formação docente no atual cenário das instituições de ensino superior. Ser pesquisador no campo está se tornando cada vez mais difícil”.

Assim:

A cultura acadêmica não é tributária apenas da experiência historicamente acumulada nos padrões de atuação dos grupos profissionais. Ela é influenciada pelas pressões e expectativas externas e pelos requerimentos situacionais dos sujeitos envolvidos. Essa característica põe em evidência a articulação entre a cultura acadêmica e o processo social mais amplo, isto é, sua dimensão ideológica e política e, por isso mesmo, não neutra (CUNHA e ZANCHET, 2010, p. 185).

Com isso em mente, deve-se abordar a importância da pesquisa, bem como do trabalho desenvolvido no ensino superior, uma vez que as produções científicas estão diretamente ligadas ao desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, à economia do país. Novas pesquisas precisam ser realizadas para apoiar a necessidade de mudança das novas políticas públicas vigentes no país para que o desenvolvimento da ciência volte ao que era antes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabe-se que o direito a Educação está previsto na Constituição de 1988. Nessa mesma legislação, dentre outras considerações, o Ensino Superior em especial, passou a receber novas diretrizes voltadas ao ensino, especialmente, quanto a formação de professores.

É possível observar no cotidiano escolar e das Instituições de Ensino Superior, as mais diferentes práticas e concepções da formação de professores. Entretanto, quanto a responsabilidade pelos cursos de formação continuada no formato EAD, por exemplo, sendo importante considerar as metodologias e políticas públicas que são implementadas nesse ramo educacional, conhecendo a realidade em que elas são disponibilizadas e para quem as utiliza, para que não continuem se tornando armadilhas de dominação ou exclusão social, principalmente no tocante a má formação desta classe.

Por fim, quanto a formação de professores, no país, sem dúvida tem sido uma das problemáticas no Ensino Superior. Por um lado, retrata uma formação preocupada com as exigências da sociedade moderna, por outro o investimento, a produção em escala, a competição, e a própria falta de formação continuada dos docentes interferem diretamente nesse processo.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDO, E.S.; VASCONCELLOS, K. Ser professor, uma construção em três atos: formação, indução e desenvolvimento na carreira. **Educação em Revista**|Belo Horizonte|v.37|e32800|2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/55RGtLfGwtFtZKKRnHZJ4YN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2023.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. 9394/1996.
- CAMARGO, L.M. **Governo Bolsonaro anuncia novo corte e cancela 5,8 mil bolsas de pesquisa**. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2019/09/governo-bolsonaro-anuncia-novo-corte-e-cancela-58-mil-bolsas-de-pesquisa/>. Acesso em: 18 out. 2023.
- CRUZ, E.C.; COSTA, D.B. da. A Importância da Formação Continuada e sua Relação com a Prática Docente. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Edição 08. Ano 02, Vol. 03. pp 42-58, Novembro de 2017.
- CUNHA, M.I. da; ZANCHET, B.M.B.A. A problemática dos professores iniciantes: tendência e prática investigativa no espaço universitário. **Educação, Porto Alegre**, v. 33, n. 3, p. 189–197, set./dez. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.puc>
- DEITOS, R.A. Políticas públicas e educação: aspectos teórico-ideológico e socioeconômico. In: PULLIN, E.M.M. P.; BERBEL, N.A. (Org.). **Pesquisas em educação: inquietações e desafios**. Londrina, PR: EdueL, 2012. p. 145-162.
- FRANCHINI, F.; FREITAS, I.; ENNSER, M.C.; BODEZA, M.; FERREIRA, M. Desafios à docência no Ensino Superior em tempos neoliberais. **RG&PP** vol. 6(1): 118-139, 2016.
- FREITAS, S.L.; COSTA, M.G.N. da; MIRANDA, F.A. de. Avaliação educacional: formas de uso na prática pedagógica. **Meta:avaliação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, 2014. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?q=http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewFile/217/pdf&sa=U&ved=2ahUKewjQtq229dfiAhVLLlkGHV-NDVEQFjAAegQICBAB&usq=AOvVaw1ODX7xz7RaPdxX-75kMz4E>. Acesso em: 16 out. 2023.
- GARCIA, M.C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora, 1999.
- HUMEREZ, D.C.; JANKEVICIUS, J.V. **Evolução Histórica do Ensino Superior no Brasil**. Disponível em: . Acesso em: 18 out. 2023.
- MASETTO, M.T. (Org.). **Docência na universidade**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- RAUTER, L. **Crise na educação e teoria da história: alguns apontamentos**. 2012. Disponível em: <http://snhhistoriografia.wordpress.com/2012/05/09/crise-naeducacao-e-teoria-da-historia-alguns-apontamentos-luisa-rauter/>. Acesso em: 18 out. 2023.



## INSUCESSO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE AS CAUSAS NO CONTEXTO ANGOLANO

LINA DOS SANTOS

### RESUMO

O presente artigo tem como objectivo, fazer uma abordagem teórica sobre o insucesso escolar no contexto angolano. No entanto, procura-se explicar com a sustentação teórica na ideia de alguns autores como onde faz-se a interpretação do insucesso escolar como sendo um plano falhado, uma situação que o indivíduo é colocado e na qual não conseguiu dar solução ao problema, e caracteriza o insucesso escolar como sendo o rendimento escolar do aluno não aproveitável e isso pode acontecer por diversas causas. Levantamos alguns pontos de vista provenientes de situações ocorridas em nossa prática docente, acreditando no potencial deste tema no que se refere à mobilização dos professores em direcção a uma gestão mais profissional e significativa. A metodologia utilizada para a realização deste artigo é a pesquisa bibliográfica. Ao longo da pesquisa percebeu-se que o insucesso escolar é um problema vivido nas escolas de Angola, e sua compreensão ainda origina certa confusão devido a sua complexidade. Mas, percebe-se que, é a incapacidade de o aluno permanecer durante todo o ano lectivo cumprindo o calendário escolar sem desistir.

**Palavras-chave:** Insucesso escolar; perturbações. Dislexia. Discalculia Desortografia.

### INTRODUÇÃO

O insucesso escolar caracteriza-se pela incapacidade de uma criança corresponder aos objectivos da escola em termos de escolaridade. É um problema frequente na infância e adolescência e constitui factor de risco para menor sucesso pessoal, profissional e pior integração social. Existem factores causais do indivíduo, como as doenças orgânicas, as perturbações do desenvolvimento, emocionais e do comportamento, que urge diagnosticar para que sejam alvo de uma intervenção atempada e eficaz. Há, em Angola, uma naturalização do fracasso escolar, fazendo com que a sociedade aceite que um perfil específico de estudante passe pela escola sem aprender, sendo reprovado diversas vezes até desistir. Essa situação já existia em 2018 e se agravou com a pandemia. Assim sendo a modulação dos factores do ambiente é igualmente importante para o sucesso da intervenção. Neste artigo expõem-se detalhadamente as várias perturbações do desenvolvimento envolvidas nas dificuldades de aprendizagem e suas manifestações clínicas. Também faz-se uma descrição de algumas teorias que abordam sobre o insucesso escolar.

## **NOÇÃO DO INSUCESSO ESCOLAR**

A noção que se tem do fenómeno de insucesso escolar é muito ampla e ao mesmo tempo convergente. O insucesso escolar é um problema muito actual na realidade das escolas angolanas. Facto que se verifica em função do índice do grande número de alunos reprovados. O insucesso escolar é compreendido como sendo um acto que impede o aluno de passar para outra classe. Sendo assim, sua prestação no que diz respeito ao desempenho escolar é baixa. No entanto, algumas correntes e teóricos apresentam a noção que se tem sobre o insucesso escolar.

Rangel (1994, p.20) descreve o insucesso escolar como sendo “a falência de um projeto, bem como uma posição difícil na qual somos colocados pelo adversário”. Isto quer dizer que, o aluno em insucesso escolar sente-se como se tudo estivesse acabado, mas não é bem assim, porque não é ele que não quer aprender, alguma coisa impede para que os conhecimentos não se acomodem em sua memória.

Para Sil (2004, p.139) “apresenta a noção do insucesso escolar como sendo uma tarefa complexa, que implica por um lado a classificação do conceito de insucesso escolar, do sistema educativo e de outros intervenientes, o insucesso escolar é o atraso e repetência”. Significa que o insucesso escolar não é uma coisa simples de compreender, encontra-se envolvida nela vários intervenientes como a escola, a família, a sociedade e outros. Assim, o insucesso escolar também pode ser compreendido como a disparidade entre a classe do aluno e a idade cronológica. Uma realidade vivenciada pelos alunos no contexto angolano. Quando assim acontece, segundo a lei de base do sistema educativo angolano, de acordo o artigo 28º da lei 16/17 de 7 de Outubro de 2016, os alunos são colocados no ensino de adultos no período nocturno.

De facto, o insucesso escolar não é um problema fácil para estudar e ao mesmo tempo ser entendido, sua complexidade dificulta seu entendimento. A escola é uma das maiores instituições que participa directamente na transformação do individuo, razão pela qual, a Lei de Base do sistema educativo angolano orienta que, a educação do ensino de base é obrigatória e gratuita para todos. (2016). A educação básica é clarificada pela UNESCO (2006) como sendo o nível de ensino que compreende os primeiros anos de escolaridade, porém, apresenta duas etapas:

A primeira etapa engloba a educação primária, envolvendo a aprendizagem da leitura básica, da escrita e cálculos básicos. Já a segunda envolve o primeiro ciclo, correspondendo a conclusão da leitura, escrita e as aprendizagens básicas na área da língua materna, historia e compreensão do meio social e natural. A família é que transmite os primeiros ensinamentos no individuo, que em parte é crucial para o seu aprendizado quando for para a escola. A sociedade fornece vários aparatos que contribui positiva ou negativamente no aprendizado do homem. Assim, a concepção que se tem do insucesso escolar segundo o autor acima citado, é que, os três elementos são fundamentais e determinantes para o insucesso escolar do aluno.

No entanto, busca se compreender a noção do insucesso escolar no contexto angolano, a partir de pesquisas e estudos realizados recentemente. Severino (2019, p.13) em estudo de dissertação de mestrado, “descreve o sucesso e insucesso escolar como sendo um

---

fenómeno complexo que afecta todos os sistemas educativo e coloca desafios a todas as sociedades, sobre tudo, na actualidade, em que a aprendizagem e o conhecimento constituem a base de todo o desenvolvimento pessoal, social e económico” Deste modo, outro estudo foi realizado por Chivela (2022, p.24) Caracteriza o insucesso escolar como sendo “ o baixo rendimento escolar dos alunos que por razões de varia onde, não alcançaram resultados satisfatórios e não atingiram os objectivos desejados ou não alcançaram as competências esperadas num determinado período”.

Neste contexto, compreende-se que, o insucesso escolar pode ser caracterizado no contexto angolano, como sendo a fraca prestação nos serviços da escola que por vários motivos, não tiveram resultados positivos e não alcançaram as metas desejadas. Por outro, não apresentaram os requisitos necessários para completar o tempo esperado.

Em função as ideias acima apresentadas sobre a noção que se tem de insucesso escolar, percebessem que, insucesso escolar é um fenómeno difícil de ser estudado e ao mesmo tempo compreendido devido a sua complexidade. Pode ser compreendido como a falência de um projecto, uma tarefa muito difícil porque envolve vários intervenientes como, a escola, família a sociedade e outros. É descrita também como o baixo rendimento escolar do aluno, quer dizer que, o aluno termina um período sem corresponder positivamente o desejado.

## **DESCRIÇÃO DE ALGUMAS TEORIAS QUE ABORDAM SOBRE O INSUCESSO ESCOLAR**

Durante muito tempo foram surgindo algumas teorias que procuram compreender e tentar dar explicações sobre o fenómeno do insucesso escolar. Pesquisas que têm divergido em função de cada ideia apresentada sobre ela. Sendo assim, apresenta-se três teorias que intentam explicar o problema do insucesso escolar. “Teoria dos Dons” teoria estudada por diferentes pesquisadores da área de Psicologia. Destaca-se Binet, Simon e Spearman, realizaram estudos na primeira metade do século XX. Benavente e Correia (1980) nas suas interpretações, percebe-se que o insucesso escolar tem a ver com a ligação das habilidades e a vida particular de cada aluno.

Certamente em função das pesquisas feitas, ouve a necessidade da criação de uma teoria que explicasse o fenómeno do insucesso escolar, razão pela qual, estes pesquisadores formaram um único grupo para aclararem sobre o insucesso escolar. Ainda os mesmos autores (1980) defendem a ideia de que a inteligência e vista como um dom da natureza, como alguma coisa que o individuo já nasce com ele, coisa herdada, e o factor de um estudante não ter bom aproveitamento escolar, deveria ser apontada simplesmente pela sua incapacidade e pouca inteligência. Segundo a ideia apresentada, interpreta-se que, as crianças com nível de vida social mais alta tende a se destacar na absorção de conhecimentos do que aquelas que pertencem ao nível social baixo, tudo devido as boas condições de vida que recebem logo quando chegam ao mundo e do acesso que elas têm na maneira de adquirir os conteúdos.

No entanto, em função de observações e a acompanhamento de alunos em recintos escolar no contexto angolano, analisa-se que a ideia do autor acima citado é descontextualizada a realidade dos alunos nos tempos actuais. Hoje, verifica-se que, os alunos que mais vão para o lado do insucesso escolar são os de estatutos sociais altos e com boas

---

condições para a absorção de conhecimentos sem sobre saltos. Possuem telefones digitais que permite fazer pesquisas e tablets. Sua atenção fica voltada para o facebook e WhatsApp, em assuntos que não diz respeito ao aprendizado escolar. Entretanto, outra teoria surgiu “Teoria do Handicap Sociocultural” A sociologia da Educação realizou diferentes estudos que contribuíram grandemente para o surgimento de uma nova teoria que explica o insucesso escolar. Benavente (1990, p.6) explica que a teoria do handicap sociocultural se concentra na explicação do “sucesso/ insucesso dos alunos, é explicado pela sua pertença social, pela maior ou menor bagagem cultural de que dispõem à entrada na escola”.

Neste ponto, fica evidente que a teoria do handicap sociocultural, explica o sucesso e insucesso escolar como em diversas formas pode ocorrer, quais os seus efeitos e como é visto no meio social. Continuando na mesma senda de ideia das teorias que procuram explicar o insucesso escolar, pode-se ver que há uma divergência entre as duas teorias apresentadas.

A primeira defende a tese de que a inteligência era vista como um dom da natureza, como alguma coisa que o individuo já nasce com ele, coisa herdada, e o factor de um estudante não ter bom aproveitamento escolar, deveria ser apontada simplesmente pela sua incapacidade e pouca inteligência. Já a segunda pensa diferente, apresenta outros argumentos, frisa os factores social e cultural, a maneira como o individuo foi preparado para ingressar na escola. Logo, não casa com a teoria dos Dons.

Prosseguindo no mesmo caminho, apresenta-se a “Teoria Socioinstitucional” Devido o grande desenvolvimento socioeconómico a nível de alguns países, ainda não é possível extinguir o insucesso escolar, mas, minimizar sim. No entanto, algumas inquietações existentes na teoria do handicap sociocultural, começa a ser entendida com um olhar virado para a escola.

Segundo Benavente (1990, p.7) “a transformação da própria escola, nas suas estruturas, conteúdos e práticas, procurando adapta-las às necessidades dos diversos públicos que as frequentam, incluindo subtis mecanismos de reprodução de diferenças e procurando caminhos de facilitação das aprendizagens para todos os alunos”.

Diante do exposto, dizer que, devidos alguns pontos que não foi bem clarificado na teoria sociocultural houve uma grande necessidade de se fazer estudos virados para a escola, tornando a vida do aluno mais fácil, desde a estrutura da própria escola, as matérias e o enquadramento feito em função da classe dos alunos e o modo de vida.

Desta feita a teoria socioinstitucional concentra seus estudos de forma diferente das duas apresentadas anteriormente. Mas, há um ponto que converge nas três teorias apresentadas, todas elas focam-se num ponto em comum “a preocupação com o aprendizado do aluno” Na realidade angolana a estrutura da escola como local da aprendizagem ainda é de situações precárias, sem condições favoráveis para o aprendizado do aluno, um problema que vem sendo discutido desde os tempos passados.

## **CAUSAS DO INSUCESSO ESCOLAR NO CONTEXTO ANGOLANO**

Descrever as causas do insucesso escolar no contexto angolano, leva-nos a fazer uma viagem no passado da história da educação de Angola nos diversos períodos, bem como os factores intervenientes no âmbito político, cultural, social e económico do país. Para entender

---

melhor o processo de ensino e as causas do insucesso escolar, recorre-se a um autor Binji (2015, p.15) que descreve e faz uma divisão do ensino em Angola em dois grandes períodos:

O período colonial: este período teve uma duração de 493 anos e podemos dividi-lo em quatro fases: a primeira corresponde a fase da penetração portuguesa no então reino do congo; a segunda corresponde a fase do estabelecimento das relações portuguesas com o reino do congo; a terceira corresponde a fase da administração portuguesa do reino do congo e a conquista e integração de outros reinos e a quarta, corresponde a fase da luta pela independência. O período pós-colonial desde 1975 até aos nossos dias [...].

Na ideia do autor entende-se que, a educação em Angola foi caracterizada pelo período colonial e o período pós-colonial, assim, cada tempo apresentava um tipo de educação em função do ambiente político, social, cultura ou económico. Diante desta situação explica-se que, este processo ocorreu, segundo o Ministério da Educação de Angola (2001, p.47) “pelas dificuldades pessoais e a urgência de intervenção que o país precisava de fazer, visto que até a independência tinha cerca 80% de analfabetismo.

As causas do insucesso escolar no contexto angolano podem ser a pontadas como sendo de diversas ordens:

- 1- A família – O lar pode constituir-se uma fonte para a causa do insucesso escolar do aluno, a falta de acompanhamento por parte do pai, a falta de afecto, abandono moral, instabilidade económica, instabilidade emocional por parte dos filhos, ausência do pai na convivência diária, lar desorganizados, pais desunidos ou separados.

Estudo realizado por Santos (2015) indica que o insucesso escolar em alunos pertencentes a família monoparental, a ponta a monoparentalidade como uma das causas do insucesso escolar em alunos pertencentes as escolas do contexto angolano, esta monoparentalidade traduz-se no abandono por parte do pai tamto do lado emocional como financeiro e a falta de afecto, está mais ausente do que presente. Fala-se do pai e não a mãe porque? Por que maior parte dos alunos de famílias monoparental na realidade angolana vivem com a mãe e não o pai.

- 2 - **A sociedade** – A sociedade angolana, hoje mais do que nunca tornou-se um grande obstáculo e tem levado o aluno para o insucesso escolar, maus exemplos dos adultos e de pessoas responsáveis em geral, a escola distante da residência do aluno, mudanças frequentes de residência, amizades prejudiciais,

- 3- **O professor**– O professor pode, também, ser fonte de insucesso nos estudos de seus alunos, e tudo indica serem as principais causas as seguintes: Falta de preparo em conteúdo, falta de preparo didático-pedagógico, falta de condições pessoais para o magistério, falta de adequado relacionamento com os alunos, criando tensões nos mesmos, timidez excessiva, não exigir esforços, má organização das provas de verificação da aprendizagem, mudança de professores, falta de motivação nas aulas, intolerância para com os alunos.

- **4- Causas na escola** – A escola pode ser uma das causas para o insucesso escolar do aluno, instalações de materiais deficientes, falta de limpeza, número excessivo de alunos em salas de aulas.

Zassala (2012, p. 7-8) esclarece que as causas que determinam o fraco rendimento dos alunos do ensino de base regular, nomeadamente do primeiro nível, ensino primário, resumem-se em três factores: Refere-se à problemática de utilização do português como língua de ensino em Angola,; O autor relaciona o fraco desempenho escolar com a precária formação técnico cultural e psicopedagógica dos professores que por norma, para além de estarem afectos à estrutura e aos organismos disfuncionais, que pouco ou nada contribuem para promoção de sua formação profissional.; O terceiro factor aponta o condicionante fraco rendimento escolar do primeiro nível, refere-se às condições de aprendizagem na escola e em casa;

Este autor fala-nos que aprendizagem e o desempenho escolar dependem da criação de condições por parte da escola, nomeadamente carteiras, bancos, giz, quadro preto, livros, cadernos, ardósias, ponteiros, sala de aulas, iluminação, arejamento, ruídos, humidade, quantidade adequada de número de alunos numa mesma turma, bem como um bom ambiente familiar com condições em que a criança tem lugar apropriado para estudar, disponibilidade de tempo, apoio didáctico por parte dos pais, tamanho da familiar, vida afectiva, se os pais vivem juntos ou separadas as possibilidades financeiras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O insucesso ou menor sucesso escolar são frequentes, acarretam problemas para o próprio e para a sociedade e devem ser tratados como um problema de saúde. Perante uma criança com queixas de insucesso escolar temos sempre que analisar o caso sobre todas as suas perspectivas: a dimensão do próprio orgânica, desenvolvimental e emocional e a dimensão do ambiente família, meio socioeconómico, escola.

As perturbações do desenvolvimento, eventualmente agravadas pelas condicionantes emocionais e socioculturais, são etiologia frequente de dificuldades de aprendizagem. As perturbações do desenvolvimento afectam o processos cognitivos específicos envolvidos na aprendizagem (memória, atenção, processamento fonológico, verbal, visual) e as perturbações emocionais envolvem sobretudo processos de atenção, motivação, interesse e comportamento.

O insucesso escola é um problema complexo, caracterizado pela incapacidade do aluno não conseguir atingir seus objectivos na prestação de ter um resultado positivo no fim do ano lectivo sem desistir. Uma realidade presente nas escolas de Angola. Tem se verificado que um grande numero de alunos matriculados não terminam o percurso do ano lectivo. Um ponto muito importante que foi abordado é a noção do insucesso escolar. Neste aspecto, encontro se divergências em função das varias perspetivas apresentadas e convergência no sentido de apontarem como não sendo uma tarefa fácil quando se busca compreender sua noção. Assim, o insucesso escolar é entendida como sendo o inverso do sucesso escolar, é quando à aprendizagem do aluno acontece com sobre saltos e impossibilita o mesmo passar para outra classe.

---

Outro aspecto frisado foi especificamente algumas teorias que procuram dar uma explicação sobre o insucesso escolar. Foi possível verificar a partir delas “na Teoria dos Dons” de que a inteligência é vista como um dom da natureza, coisa que o homem nasce com ele, é passada pela transmissão genética, e o motivo do aluno não ter uma boa prestação escolar não devia ser apontada simplesmente pela sua incapacidade e pouca inteligência. A Teoria do Handicap Sociocultural” concentra-se na explicação do “sucesso/ insucesso dos alunos, é explicado pela pertença social, pela maior ou menor bagagem cultural de que dispõem à entrada na escola”. Neste ponto, fica evidente que a teoria do handicap sociocultural, explica o sucesso e insucesso escolar apontando o meio social e cultural como sendo a força motriz para levar o aluno para o sucesso ou insucesso escolar. Com certeza pode-se ver que há uma ligação entre as duas teorias apresentadas.

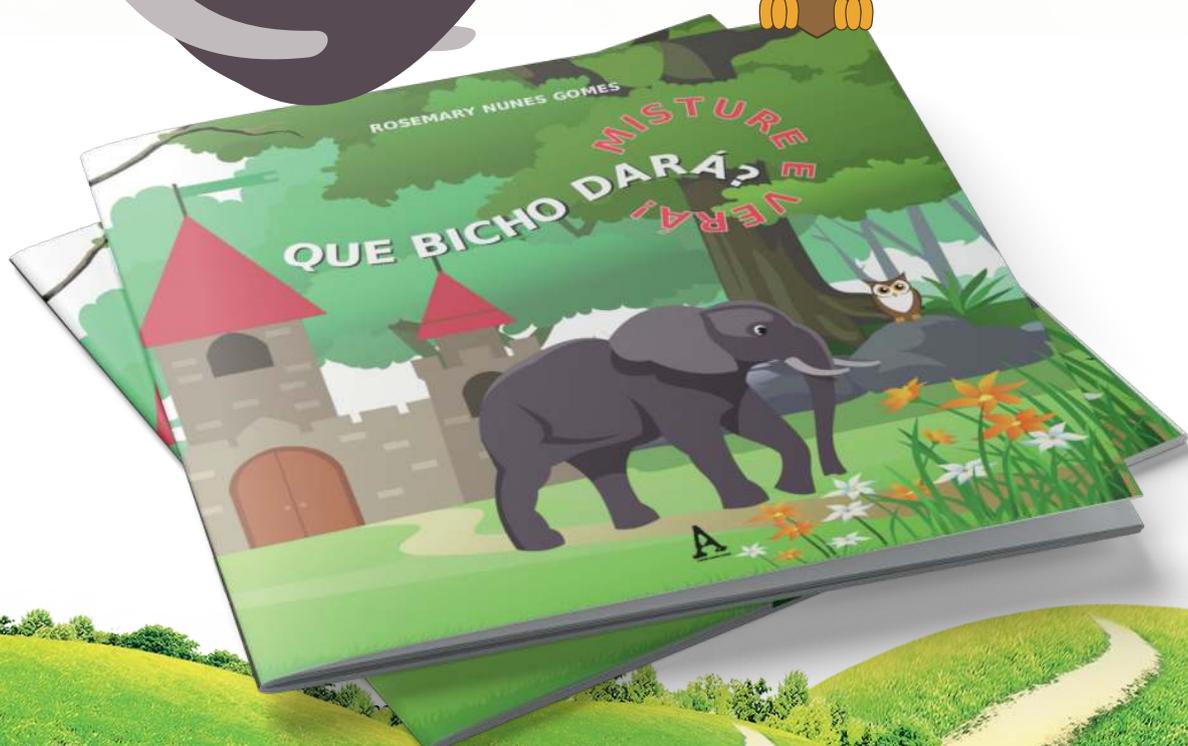
A primeira defende a tese de que a inteligência é vista como um dom da natureza herdada. Já a segunda pensa diferente, apresenta outros argumentos, aponta os factores social e cultural, a maneira como o indivíduo foi preparado no seio familiar para frequentar a escola. Quanto as causas do insucesso escolar no contexto angolano concluem-se que, são de diversas ordens: A família, a sociedade, o professor e a escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGOLA- ASSEMBLEIA NACIONAL.(2016) lei de base do sistema educativo angolano **Lei nº16/17** de 7 de Outubro de 2016.
- ANGOLA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001) **Estratégia integrado para a melhoria do sistema de educação** (2001-2015). Luanda: Editora Nzinda.
- BENAVENTE, A., & Correia, A.P. (1980).**Obstáculo ao insucesso na escola primária**. Lisboa: IED.
- BENAVENTE, A. (1990). **Insucesso escolar no contexto português: abordagens, concepções e políticas**. Lisboa:Análise Social.
- BINJI, P. (2015). **A reforma educativa em Angola**. Os desafios da construção duma escola libertadora. Pádua: Centro Missionário dei Capuccini
- CHIVELA, D. P. (2022) **Insucesso escolar no ensino primário em Angola: causas e implicações para política educativa**. para política educativa. Tese de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades. (Tese de Mestrado)
- RANGEL, A. (1994). **Insucesso escolar**. Lisboa: Instituto Piaget.
- SANTOS, L.P.D (2015) **insucesso escolar em alunos pertencentes a família monoparental da escola 50107 do Bairro do Capalanga, Município de Viana**. Angola: Universidade Piaget de Angola. (Monografia não editado)
- SEVERINO, A.D. (2019) **Insucesso Escolar e Estratégias pedagógicas inovadoras: Estudo de caso na escola comandante Bula, Huambo**. Portugal: Universidade Portuguesa (Dissertação de Mestrado).
- SIL, V. (2004). **Alunos em situação de insucesso escolar**. Lisboa: Instituto Piaget.
- UNESCO (2006) **Classificação internacional normalizada da educação**. Genève: ASA
- ZASSALA, C. (2012). **Orientação escolar e profissional em Angola**. Luanda: Mayamba.

# QUE BICHO DARÁ? MISTURE E VERÁ!

Rosemary Nunes Gomes



## QUALIDADE DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO SISTEMA EDUCATIVO EM ANGOLA

NELSON ANDRÉ A. QUISSUNGO<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe-se a compreender os fundamentos político-pedagógicos da transição automática nas classes iniciais dos ciclos de ensino-aprendizagem no ensino primário diante de uma tendência social que parece imputar o fraco aprendizado dos alunos, principalmente neste nível, a implementação da transição automática nas classes iniciais de cada ciclo a partir da segunda reforma educativa. Através do aporte bibliográfico, pode-se perceber que a organização do ensino-avaliação-aprendizagem em ciclos responde à necessidade de instauração de um sistema educativo mais inclusivo, seja como garantia ao acesso à educação, mas também como forma de garantir o direito à aprendizagem para todos a partir de um sistema de avaliação centrado na aprendizagem e capaz de respeitar o ritmo de crescimento de cada um tal como defendido nas teorias socio-construtivistas assumidas no contexto didático-pedagógico angolano a partir da última reforma educativa. Assim, renunciar a transição automática no ensino primário indicia uma resistência às mudanças necessárias nos procedimentos didático-pedagógicos para que se garanta a construção das aprendizagens significativas. Isto constituiu um recuo do sistema educativo diante dos avanços pelo menos ao nível das concepções políticas e teóricas do acto educativo escolarizado no contexto angolano.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Aprendizagens; ensino; Inclusão escolar; transição automática.

### ELIMINAÇÃO DA TRANSIÇÃO AUTOMÁTICA E A QUESTÃO DA QUALIDADE DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM EM ANGOLA: UM DILEMA ENTRE AVANÇOS E RETROCESSOS DE UM SISTEMA EDUCATIVO

A educação constitui hoje o alicerce para desenvolvimento das pessoas e consequentemente das comunidades humanas. Por isso, todos os países que almejam garantir o desenvolvimento sustentável têm empreendido diversas reformas, totais ou parciais, aos seus sistemas educativos com o intuito de formar seus cidadãos para os desafios impostos pela conjuntura actual, seja, ao nível global ou local.

<sup>1</sup> Licenciado em pedagogia pelo ISDB – Universidade Católica de Angola; mestre em ciências da educação pelo ISCED –Luanda, na opção pedagogia do ensino superior. É professor de Desenvolvimento Pessoal e Socio-profissional no ISDB.

---

No caso específico de Angola, desde 2004, objectivando a melhoria da qualidade do processo de ensino-avaliação-aprendizagem com a segunda reforma educativa, efectuaram-se mudanças significativas no desenho de práticas avaliativas em que surgiram inovações com a adopção de um sistema de avaliação ao serviço da aprendizagem, isto é, centrado na avaliação formativa contínua. Com base a isto, concebeu-se também uma organização das aprendizagens em ciclos, criando um sistema de transição automática para as classes de entrada de cada ciclo, pois, somente do segundo ciclo é que são avaliados os objectivos de ensino-aprendizagem.

Deste modo, o ensino primário foi organizado em três ciclos: 1.ª e 2.ª classes; 3.ª e 4.ª classes; 5ª e 6ª classes (LBSEE, artigo 28º). A avaliação dos objectivos pedagógicos efectua-se na última classe do ciclo.

Não falta quem considere que tenha havido um retrocesso na qualidade da educação em geral e no processo de ensino-aprendizagem em particular, principalmente com o sistema de transição automática para a 1ª, 3ª e 5ª classes. O SINPROF (Sindicato Nacional dos Professores não Universitários), por exemplo, propôs ao governo entre as suas reivindicações em 2019, a anulação da transição automática o que, de certo modo, afecta a avaliação dos objectivos pedagógicos por ciclos de aprendizagem. Esta exigência foi atendida a partir do ano lectivo 2021/2022.

Diante desta situação, pode colocar-se a seguinte questão: a anulação do regime de transição automática constitui uma melhoria ou um retrocesso do sistema educativo em relação a promoção da qualidade do processo de ensino-avaliação-aprendizagem?

Na tentativa de responder a este questionamento é que se estabeleceu como objectivo geral compreender os fundamentos político-pedagógicos da transição automáticas nas classes iniciais dos ciclos de ensino-aprendizagem. No específico, pretende-se estabelecer relação entre a transição automática e a qualidade do processo de ensino-avaliação-aprendizagem bem como, identificar os factores que estão na base da resistência dos agentes da educação às mudanças nas práticas didáctico-pedagógicas que têm lugar na escola.

O artigo discute quatro itens. Em primeiro lugar, procura apresentar os fundamentos político-pedagógicos da transição automática. Em segundo lugar, procura rebater as críticas que se fazem em torno da transição automática como sendo um dilema entre avanços e recuos do sistema educativo. Em terceiro lugar, reflete sobre as possíveis razões da resistência dos agentes de educação às mudanças no sistema de ensino-avaliação e, por fim, apresenta a relação entre a transição automática e a qualidade do processo de ensino-avaliação-aprendizagem.

## **1. FUNDAMENTOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS DA TRANSIÇÃO AUTOMÁTICA NO ENSINO PRIMÁRIO**

A transição automática não é novidade no contexto educativo mundial. Países como Brasil, França e Itália usam-na no ensino primário ou fundamental. Através deste princípio, procura-se diminuir ou mesmo zerar os índices de repetências e analfabetismo. Por exemplo, o artigo 3º do Decreto 62/17 sobre “Os Princípios da Avaliação no Sistema Educativo Italiano”, proíbe a reprovação no ensino primário, excepto em casos, verdadeiramente extraordinários,

---

em que os responsáveis da escola em unanimidade e com uma ampla motivação o proponham. No entanto, reafirma que para alunos que não tenham atingido o suficiente nas disciplinas, a escola deve “ativar estratégias específicas para a melhoria dos níveis de aprendizagem” (República Italiana, Decreto 62/17).

No caso específico de Angola, desde a primeira reforma educativa (1977-1990) assumiu-se como eixo central da nova política educativa pós-independência a maior oportunização de acesso à educação e à continuidade de estudos, bem como a gratuidade do ensino e do aperfeiçoamento permanente do pessoal docente.

No entanto, embora se consagrasse o direito à educação para todos, este restringia-se sempre a possibilidade de acesso à escola pública e pouco ou nenhuma referência fazia a permanência efectiva do aluno na escola com a garantia da sua aprendizagem (Nguluve, 2010; Paxe, 2017).

O diagnóstico da primeira reforma educativa realizado em 1986 pelo MED (Ministério da Educação) evidenciara a necessidade de uma segunda reforma. Sabe-se que até 1995 a taxa líquida de escolarização era inferior a 60%. Em 1998, por exemplo, o I nível de escolaridade ocupava cerca de 73% do total dos alunos matriculados no Ensino de Base Regular. No entanto, apenas 12,2% atingia a 4ª classe<sup>2</sup>. XXXX - Neste mesmo período, a eficácia escolar (rendimento) no I nível era estimado em 46,7% sendo que, 27% dos alunos matriculados no nível em referência tinham abandonado a escola e 26,8% tinham sido reprovados nos exames finais (MED, 2001).

Esta situação é deveras grave e preocupante, pois se considerarmos que “os alunos que abandonaram a escola no decurso do ano lectivo, ou os que reprovaram nos exames podem não se matricular no ano seguinte devido à falta de vagas, circunstâncias familiares ou outros factores” (MED, 2001, p. 24).

É perceptível que o contexto acima descrito, a educação escolar é permeada de pecados mortais no ensino-avaliação-aprendizagem dos alunos (Afonso, 2022). O ensino centra-se na figura do professor como sendo o agente capaz de proporcionar os estímulos de que o aluno necessita para assimilar o conteúdo que, neste contexto, corresponde à aprendizagem. No âmbito da avaliação, privilegiam-se os conhecimentos e aptidões dos alunos sendo que, na prática é sobre eles que recaí a maior responsabilidade pelas falhas nas aprendizagens. Mais que promover a aprendizagem dos alunos, este sistema centra-se na selecção e exclusão expressos pelos binómios aprovado vs reprovado e transita vs não transita.

Assim, a regulação das aprendizagens dos alunos dá-se de modo retroactivo visto que, as dificuldades dos alunos não são detectadas durante, mas sim após o processo de ensino-aprendizagem (Fernandes, 2009), quando nada mais ou pouco se pode fazer para garantir a aprendizagem.

As práticas didáctico-pedagógicas vigentes neste âmbito são inadequadas à realidade política e cultural de hoje onde se pretendem práticas condicentes às relações democráticas.

---

2. O Sistema Educativo da primeira reforma estruturava o ensino de base em três níveis: I nível 1ª à 4ª classe; II nível da 5ª à 6ª classe e III nível da 7ª à 8ª classe. A este seguia um ensino Pré-universitário (9ª à 11ª classe) ou Ensino Médio Técnico (9ª à 12ª classe). O Ensino Superior variava entre 4 a 6 anos.

Tais práticas são caracterizadas por pouco ou nenhum espaço para o diálogo, debate e negociação. Fundamentam-se na relação de poder sobre o educando e não na relação de parceria, aliança e diálogo de que o acto educativo necessita (Freire, 2017). Adopta procedimentos didácticos que formam o medo, o conformismo e a servidão. Por isso, pode-se dizer que é uma experiência educativa ainda antialogante e antidemocrática.

De modo a inverter a situação, o Estado Angolano com o apoio da ONU (Organização das Nações Unidas) formulou o Plano-Quadro Nacional de Reconstrução do Sistema Educativo para a década de 1995-2005. Este plano previa três períodos distintos para sua implementação: *Emergência* (2001/2002), *Estabilização* (2003/2006) e finalmente a *Expansão e o Desenvolvimento* (2007/2015).

A execução deste plano implicou mudanças substanciais na fundamentação, na concepção e na prática do acto educativo escolarizado no contexto angolano. No âmbito da fundamentação foram adoptadas novas teorias educativas de matriz socioconstrutivistas e progressistas (Afonso & Agostinho, 2019; MED, 2019; Afonso, 2022) em detrimento daquelas behavioristas que orientaram as acções dos actores da educação no período colonial e pós-independência.

No que concerne ao direito de acesso de todas as crianças ao ensino primário obrigatório, embora tenha conhecido melhorias, ainda hoje, constitui um desafio às políticas educativas. Assim, a transição automática responde politicamente a esta necessidade de imprimir maior fluidez ao sistema educativo de modo a que mais alunos tenham o direito à educação primária salvaguardado, não só em termos de acesso, mas também de permanência e garantia das condições para aprendizagem num ritmo adequado a cada indivíduo.

Nesta perspectiva, Jacomini (2010) entende que a pretensão de realizar uma educação para todos como modo de concretizar o direito à educação deve ser acompanhada por parte do Estado e da escola de uma busca de formas de superar os mecanismos políticos e pedagógicos que contribuem para perpetuar a exclusão.

Isto significa que, não obstante as situações diversas que caracterizam os alunos, seja de carácter motivacional (não querer aprender), falta de acompanhamento dos pais ou até mesmo dificuldades de aprendizagem, estes têm tanto direito de frequentar um ensino primário de qualidade quanto todos aqueles que reúnem todos esses requisitos, quer dizer, é responsabilidade da escola fazer com que todos aprendam e aprendam significativamente. Portanto, “a educação só se concretiza como direito numa escola em que todos possam aprender os conhecimentos básicos e necessários para estar e actuar de forma consciente no mundo” (Jacomini, 2010, p. 45).

A implementação do regime de transição automática no Ensino Primário funda-se também no pressuposto de que o educando é um ser inacabado (Freire, 2018), portanto, um ser em desenvolvimento. É uma manifestação da crença na possibilidade de ele vir-a-ser, no sentido de vir a construir os conhecimentos necessários nos próximos ciclos, ou no ano lectivo subsequente, desde que se garanta um melhor acompanhamento. É uma oposição à lógica da pedagogia tradicional que, ao julgar somente o produto, considera o educando como um ser acabado. Neste sentido, Jacomini (2010, p. 23) entende que a “progressão continuada também pode ser compreendida numa perspectiva de ruptura com o carácter selectivo da escola ao propor o fim da reprovação anual” como estamos habituados.

---

Assim, promover a transição automática fundada na prática da avaliação formativa contínua é um “remar contra corrente” diante de uma sociedade que promove a exclusão e o individualismo. Por isso, no regime de transição automática avaliar é empreender tempo e recursos na aprendizagem do aluno num ritmo ditado pela dinâmica funcional do organismo aprendente.

Apartamo-nos aqui da conclusão de que “a transição automática despreza os contextos educacionais, tanto de cada aluno, turma, escola, região ou do país em geral” (Canivete, 2018, p. 106) ao procurar aprovar a todos os alunos.

Pelo contrário, o respeito pela especificidade de cada aluno exige que a escola crie condições e tempo para que cada um aprenda dentro do seu ritmo sem necessidade de compará-lo com os outros ou muito menos obrigá-lo a submeter-se ao ritmo de outros sob pena de ser castigado com a reprovação.

A compreensão das diferenças de ritmo de aprendizagem, no âmbito educativo incide “sobre o modo e a intensidade do acompanhamento pedagógico, o que leva a uma diversificação dos percursos de formação” (Perrenoud, 2004, p. 13) e não a pretensão de que todos produzam os mesmos resultados nos mesmos tempos.

Não se trata de dar salto à natureza (Canivete, 2018), mas de acreditar na possibilidade de o aluno ser capaz de aprender se lhe for garantido o acompanhamento necessário. Por isso, defende-se que a implementação de classes de transição automática se reflecte positivamente na qualidade da educação onde é acompanhado de investimentos na formação dos professores e na criação de condições pedagógico-didáticas.

O maior desafio dos agentes da educação nos diversos níveis deve ser garantir estas condições e não reter o aluno por falta de tais condições, pois que, não se pode imputar a incompetência da escola e do sistema em geral ao aluno através da reprovação.

Deve-se ainda compreender que a organização da aprendizagem em níveis, cuja aprovação dos alunos fazia-se no final do ano lectivo durante a primeira reforma educativa, é resultado da herança colonial e da convicção de que, todos os indivíduos matriculados numa determinada classe são homogéneos, isto é, possuem as mesmas condições, capacidades, professores e, por isso, podem aprender no tempo determinado pelo sistema. Por conseguinte, os que apresentam resultados insatisfatórios são excluídos do direito às novas aprendizagens e níveis sucessivos. Em alguns casos, como ocorre ainda hoje, caso reprove duas vezes na mesma classe o aluno é excluído da escola.

## **2. REGIME DE TRANSIÇÃO AUTOMÁTICA: UM DILEMA ENTRE AVANÇOS E RETROCESSOS DE UM SISTEMA EDUCATIVO**

Na verdade, as críticas ao sistema de avaliação que promove a transição automática revelam um pessimismo, um descrédito à capacidade de superação do aluno, a eficácia da avaliação ao serviço da aprendizagem, ao próprio docente e ao seu trabalho desenvolvido no acompanhamento do aluno. O entendimento subjacente, neste caso, é que se deve avaliar para classificar e seleccionar; poder qualificar no final dum ano lectivo, torna inútil todo o empenho docente e discente. Esta compreensão relega a responsabilidade do processo de aprendizagem somente ao aluno.

Deste modo, procura-se reavivar e exaltam-se as práticas tradicionais na educação e manifestam-se resistências às mudanças necessárias ao sistema educativo em prol da promoção de uma maior qualidade do processo de ensino-avaliação- aprendizagem na escola. Esta é uma situação de dilema entre avanço e retrocesso no sistema educativo angolano e na prática didáctico-pedagógica que tem lugar na sala de aulas.

O argumento que tende a imputar a “preguiça” e a “falta de dedicação”, tanto dos alunos como dos professores, e a não aprendizagem dos alunos a transição automática não é real, na medida em que antes da 2ª reforma educativa com a qual se implementou a transição automática e os ciclos de aprendizagem, quando os professores e alunos não eram “perniciosos”, “calculistas”, supostamente mais comprometidos com o acompanhamento dos alunos, para cada 100 alunos matriculados na 1ª classe apenas 30 concluíam a 4ª classe e 15 a 6ª classe. Isto significa que as taxas de reprovação no ensino primário estavam acima dos 30% (Relatório MDG/NEPAD, 2003), e os alunos eram reprovados porque não aprendiam como não aprendem agora.

Neste sentido, concordamos com Jacomini (2010, p. 77) ao entender que “os altos índices de reprovação com os quais a escola conviveu durante muito tempo escamoteavam a baixa qualidade do ensino”, no entanto, a escola habituou-nos a ver problema fora dela: nas políticas, nas famílias ou no próprio aluno como se este fosse um agente externo a ela. Dai que, a culpa é sempre dos outros, até na educação (Milando, 2022).

Segundo Piaget (1978, p. 61):

[...], a questão da qualidade do ensino deve ser analisada em termos dos objectivos efectivamente perseguidos no sentido do desenvolvimento máximo possível dos alunos, de uma aprendizagem no seu sentido mais amplo, alcançada por eles a partir das oportunidades que o meio lhes oferece.

Nesta linha de pensamento, não é o aluno que deve adaptar-se às condições da escola, mas é esta que deve sim estar à altura dos desafios do aluno. O que significa que a escola, torna-se extremamente responsável pelo possível à medida que favorece oportunidades amplas e desafiadoras de construir conhecimentos.

A perspectiva da avaliação assumida no actual contexto tomando as teorias socio-construtivistas como fundamento da acção didáctico-pedagógica na sala de aulas (MED/INIDE, 2019; Agostinho & Afonso, 2019), permite compreender o processo educativo como sendo um processo cumulativo, isto é, um processo que impulsiona para frente, para o desenvolvimento e não para a retroação. Por isso, é que o significado primeiro e essencial da acção avaliativa formativa contínua é o “prestar muita atenção” (Hoffmann, 2014), isto é, investir no conhecimento do aluno e buscar alternativas para uma acção educativa voltada para a sua autonomia como sujeito. Por isso, “aprender sem repetir é diferente de camuflar a aprendizagem para que o aluno possa avançar sem aprender” (Both2017, p. 154).

De facto, a transição automática tem razão de ser na medida em que o centro do processo pedagógico é a aprendizagem do aluno. A maior preocupação da escola não deve ser aprovar ou reprovar, mas sim promover a aprendizagem.

---

Quando a aprendizagem é garantida, a aprovação acontece naturalmente, pois se conhecem os pontos de força do aluno e as possibilidades e habilidades que dispõe para continuar a aprender. Neste caso, a reprovação, acontece somente naqueles casos em que o aluno não participa do processo de construção do conhecimento necessário para o ciclo de aprendizagem.

Então, não basta que alunos sejam aprovados automaticamente para que se esteja diante de uma educação de qualidade. A organização do estudo em ciclos de aprendizagem e transição automática sem melhoria efectiva do ensino faz com que, “os alunos que eram reprovados ou evadidos, porque não aprendiam, sejam aprovados para as séries seguintes e permaneçam na escola, também sem aprender” (Paro, 2010, p. 12)

Este é, ao nosso ver, a situação do ensino em Angola. Apesar de ter-se reformado o sistema de avaliação e da educação em geral, não se atingiu a qualidade desejada, pois o ensino-avaliação-aprendizagem continuam a ser feitos seguindo moldes tradicionais, isto é, com pretensão de selecionar desvinculando, assim, a avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Este é um dos maiores pecados mortais do ensino-avaliação-aprendizagem no contexto educativo angolano (Afonso, 2022) – prender separar na prática didáctico-pedagógica o que as concepções teóricas socioconstrutivistas, assumidas para guiar a prática, uniram.

Diante disto, parece sensato pensar que a escola não ensina, por isso, os alunos não aprendem. Então, os alunos não aprendem, não porque não são reprovados, mas porque a escola não cumpre com a sua missão de fazê-los aprender (Paro, 2010).

Na verdade, as práticas excludentes através da reprovação estão tão enraizadas na vida da escola e da sociedade que, não só muitos professores, mas também os alunos, acreditam que não seja impossível numa turma possam ser aprovados todos os alunos. Ou seja, não acreditam que seja possível concretizar o direito de todos a aprender e ser promovido aos níveis sucessivos.

Em geral muitos professores e encarregados de educação e até mesmo os próprios alunos acreditam que a repetição de uma classe garante maior e melhor aprendizagem ao aluno. A este respeito precisa observar quanto afirma Jacomini (2010, p. 145):

A possibilidade de os alunos alcançarem esses objectivos (do processo de ensino-aprendizagem)<sup>3</sup>, está directamente vinculada às condições de ensino oferecidas pela escola e às condições sociais e materiais dos alunos para a realização da aprendizagem, e, não ao facto de aluno ser provado ou reprovado.

De facto, não é raro perceber que, alunos repetentes tenham maiores dificuldades que alunos novos numa turma. Quer dizer, a repetição em si não garante maior e melhor aprendizagem. Assim, não se pode falar de uma relação de causa e efeito entre a reprovação e uma melhor aprendizagem, ou seja, significativa. Na verdade, para que se efective a aprendizagem, é necessário que haja mudanças no processo e, isto pode conseguir-se sem

---

<sup>3</sup> Acréscimo e grifo nosso.

necessidade de reprovar o aluno. Portanto, são as intervenções didáctico-pedagógicas adequadas que mudam o rumo dos acontecimentos.

O que garante maior qualidade das aprendizagens não é o maior ou menor tempo que se passa na escola, mas sim a intensidade de experiências educativas a que os alunos são submetidos e a qualidade do processo de ensino em si. Aliás, alguns países nórdicos da Europa, como por exemplo, a Finlândia, os alunos passam menos tempo nas salas de aulas e atribuem maior importância aos jogos como situação educativa. Por isso, longe de pensar que a reprovação resolve problemas de aprendizagem, antes de mais é preciso perceber que ela constitui um obstáculo à realização do direito à educação, principalmente do ensino fundamental.

Assim sendo, pensar que a concretização do direito à educação para todos é uma utopia é se conformar com as desigualdades de oportunidades e com a injustiça. É acreditar que a educação continua a ser privilégio de alguns dotados de inteligência condições socio-económicas, culturais, etc, especiais e não efectivamente um bem cujo acesso deva ser garantido para todas as crianças e jovens.

Defender que no contexto educativo angolano seja impossível e ineficaz organizar o ensino primário em ciclos de aprendizagem e implementar adequadamente a transição automática nas classes iniciais de cada ciclo pela alegada falta de condições humanas, didáctico-pedagógicas e infraestruturais (Canivete, 2018), é pensar que o aluno deve adaptar-se às condições da escola, quando, na verdade, é a escola que deve adaptar-se às condições da criança que é aceite na escola. Isto significa dizer que, é responsabilidade da escola fazer o aluno aprender a partir da situação em que se encontra.

Por isso, mais do que eliminar a transição automática e avaliação da aprendizagem por ciclos pela alegada falta de condições, é necessário criar condições humanas, didáctico-pedagógicas e infraestruturais que permitam o sistema educativo avançar na consecução dos objectivos atinentes à melhoria da qualidade do processo de ensino-avaliação-aprendizagem da escola angolana.

Assim sendo, eliminar a transição automática no ensino primário, tendo em conta o que se explanou acima, constitui um recuo do sistema educativo diante dos avanços nas opções políticas e das concepções teóricas assumidas para orientar o acto didáctico-pedagógico que tem lugar na escola angolana a partir da segunda reforma educativa.

### **3. RENÚNCIA À TRANSIÇÃO AUTOMÁTICA: FUGA ÀS MUDANÇAS NA PRÁTICA DA AVALIAÇÃO**

A renúncia dos agentes da educação, principalmente dos professores à transição automática é, antes de tudo, uma manifestação de dificuldades para as mudanças necessárias nas práticas didáctico-pedagógicas que herdamos por tradição. Tal resistência deve-se em parte ao facto de que, no nosso contexto, ainda que muitos não o admitam, o acto didáctico-pedagógico é encarada como exercício de poder, isto é, o momento em que o professor se torna plenipotenciário diante do aluno. Sousa (2011, p. 36) quando fala do sistema de avaliação no sistema educativo angolano afirma que “a sociedade angolana vive um status de certificação, de números, de classificação, de diploma” o que torna difícil a prática e aceitação da transição automática fundada na avaliação ao serviço da aprendizagem.

---

A resistência dos professores às mudanças nas práticas didático-pedagógicas fundamenta-se em quatro (4) elementos: factores psicológicos, relações microssociais de disciplinamento e poder, a herança histórica da prática de acompanhamento da aprendizagem do estudante e o contexto histórico-social (Luckesi, 2011).

Quanto ao primeiro factor, o psicológico é preciso compreender que o nosso modo de acompanhar os alunos está enraizado na nossa experiência estudantil caracterizada por traumas, humilhações, desgostos provocados pelo modo como fomos ensinados e avaliados. Na verdade, de acordo com Luckesi, (2011, p. 220)

Em nossa experiência escolar, não tivemos oportunidade de aprender outra forma de acompanhar a aprendizagem dos educandos que não fossem os exames escolares, pois a eles fomos submetidos durante os anos sucessivos da nossa escolaridade. Se não fomos traumatizados, acostumamo-nos a esse modo de agir como se fosse o único. Hoje como educadores, no momento de necessidade repetimos a solução que fora praticada conosco.

Existe uma relação entre o modo como ensinamos e avaliamos e a experiência de ensino e avaliação a que fomos submetidos. Geralmente, no exercício da profissão docente tendemos a repetir, total ou parcialmente, consciente ou inconscientemente as experiências de professores que marcaram a nossa vida. Muitas vezes a nossa acção docente é reflexo das relações que estabelecemos no passado com os nossos mestres.

Nos cursos de formação de professores temos um grande elenco de profissionais que teoricamente estão bem-dotados no âmbito de conteúdo e até especificamente sobre a avaliação. Mas nem por isso se desligam da prática dos seus mestres. Isto significa, que as experiências vividas enquanto estudante são muito mais condicionantes que as novas compreensões de conceitos que construímos ao longo dos estudos. Neste sentido, “muitas vezes compreendemos novos conceitos e discutimos sobre eles, mas nossa prática permanece atrelada a um modo comum, antigo e insatisfatório de agir, pois que, em grande parte de nossos dias de vida, somos guiados pela situação do nosso inconsciente” (Luckesi, 2011, p. 220)

As considerações do autor são mais verdadeiras se compreendermos que, os actuais professores, principalmente no ensino geral, ou são fruto da geração de 80 e 90 ou então, eles mesmos são academicamente descendentes directos de professores que o país herdou do sistema colonial. Lembremos que a geração das décadas de 80 e 90 foram formados pelos professores que conheceram e viveram os rastos da educação colonial: foram formados sob base da ditadura do professor e do castigo.

Durante a formação desta geração de professores, por exemplo, ainda era prática assumida castigar o aluno em função do número de erros cometidos no ditado (ortografia). Quem não lembra das privações ao intervalo, porque errou algum exercício? Quem não lembra dos castigos de ficar de joelhos no canto da sala com braços em alto? Ou ainda, quem não lembra dos chicotes nas mãos por ter errado um exercício?

---

Por meio de todas estas práticas acreditava-se educar os mais novos para o amanhã, para um futuro promissor. Onde os professores tinham apreendido e interiorizado esta prática? Os professores desta época (alguns deles estão ainda em activo) ainda repetiam a frase: “o negro só aprende com chicote”. Aqueles que não a repetiam por palavras, pelo menos assim procediam com os seus alunos. Certamente, estas práticas foram banidas na prática educativa angolana. No entanto, os seus vestígios resistem no inconsciente de muitos professores.

O insucesso conducente a reprovação marca indelevelmente a personalidade do individuo ao ponto de que, em algum momento da vida adulta, estas marcas tendem a reaparecer como “desforras”, às vezes até inconscientes, nas gerações mais novas, do mesmo modo que se afirma que a violência gera violência.

De certa maneira, quando observamos professores apegados ao sistema de reprovação ou contra a transição automática (e implicitamente sobre a organização do estudo em ciclos de aprendizagem), entendemos que está subjacente neles este mecanismo fruto de uma educação autoritária. Através deste mesmo mecanismo a escola, os professores e as direcções de escolas exercem o controlo e domínio sobre os alunos. Através deste mecanismo atrofia-se o contraditório ao ponto de que, ninguém tem coragem de dizer a verdade ao director ou ao professor, porque os alunos temem a represália através da reprovação. Assim, a escola imprime autoritarismo, complexo de passividade, inercia, impotência e até complexo de culpabilidade na personalidade dos indivíduos.

Em geral, entre nós considera-se como melhor ensino aquele que se caracteriza pela rigidez que leva muitas vezes à reprovação dos alunos, sob pretexto de que, devem esforçar-se mais a nível individual. Na verdade, tal facto deriva duma cultura incutida pela escola tradicional que camufla o seu fracasso atribuindo responsabilidade aos alunos.

O segundo factor que pode explicar a nossa resistência às práticas didáctico-pedagógicas centradas na aprendizagem tem a ver com as relações microsociais de disciplinamento e poder. De acordo com Luckesi (2011b. p. 226) “a escola é um espaço microsocial, organizado por relações de hierarquizadas de poder, reproduzindo o modelo social no qual se insere”. Para o autor, embora as práticas pedagógicas que favorecem mais as metodologias centradas do professor e no exame sejam actos pedagógicos, acarretam consigo expressões autoritárias de exercício de poder.

No âmbito das relações que se estabelecem na escola, um ensino centrado nos conteúdos e ao invés da aprendizagem, os exames ou provas são tidas como momentos de disciplinamento dos alunos e não poucas vezes, oportunidade para o professor se vingar da turma tida como “indisciplinada”. Por que colocar questões na prova referentes a um tema que o professor sabe que maior parte dos alunos esteve distraída? Ou ainda expressões como: “a minha disciplina é difícil, não aprovo qualquer um...”.

A evocação das provas para atrair a atenção dos alunos é recorrente. Deste modo, efectua-se o controlo, obrigam os alunos a assumirem atitudes irreflectidas e que muitas vezes não estão convencidos. Tornam-se acríticos, conformistas e inibidos. Assim, o diálogo, o consenso, a cooperação e participação cedem lugar ao predomínio das ameaças e castigos.

---

Portanto, abrir mão às metodologias centradas do professor, as provas e exames e passar a prática pedagógicas ao serviço da aprendizagem, para muitos professores, constitui-se numa perda do poder de que necessitam para controlar, sujeitar e administrar seu poder na escola. Deste modo, embora as provas e os exames pareçam actos meramente pedagógicos, escondem atrás de si o autoritarismo do professor.

O terceiro factor que pode explicar a nossa resistência à prática didáctico-pedagógica significativa é a herança histórica da prática de acompanhamento da aprendizagem do estudante. A história da educação angolana, a partir do período colonial não conheceu outra forma de acompanhar as aprendizagens dos alunos que não fosse o exercício de provas, exames e testes e a conseqüente reprovação ou aprovação, apto e não apto.

Mesmo quando se efectuou a primeira reforma educativa (1977-1990) na tentativa de demarcar-se do sistema educativo colonial, o “novo” sistema de ensino herdou a forma de ensinar, avaliar e qualificar colonial da qual os professores haviam sido formados e educados.

Segundo Binji (2015, p. 33):

O sistema educativo da primeira reforma não tinha outro sistema educativo senão aquele aplicado na época colonial. Trata-se do período histórico em que vigorou o método chamado tradicional, método que colocava o aluno não como sujeito do ensino e aprendizagem, mas como objecto; o aluno era um simples elemento passivo da formação. Portanto, a metodologia usada neste período, era centrada na pessoa do professor e no programa. O professor comunicava os conhecimentos preparados, e organizava exercícios de repetição e treinos [...]. Este método de ensino não formava homens livres e capazes de pensar e construir a sua aprendizagem para dar respostas as exigências reais da vida e da sociedade, mas era um método que fazia dos alunos memorizadores de conteúdos.

As análises do autor oferecem-nos diversos elementos para compreendermos, na realidade, o modo como se acompanhavam as aprendizagens dos alunos. Em primeiro lugar, sublinha-se a herança colonial: métodos didácticos, relação pedagógica e avaliação das aprendizagens. Estes três elementos na prática educativa estão sempre relacionados ao ponto de ser verdade que o modo como avaliamos é reflexo do modo como ensinamos.

A partir das diversas leituras sobre a temática da avaliação é fácil perceber que, geralmente a prática da verificação e classificação através de provas, exames e notas está intimamente ligada a uma pedagogia dita “tradicional” sistematizada pela pedagogia jesuíta e comeniana.

De recordar que as bases da educação sistematizada no país foram colocadas pelos missionários católicos e protestantes cujo pensamento pedagógico foi sistematizado e popularizado pelos jesuítas e por Coménio. Neste sentido, Vieira (2017) e Ngaba (2012) ao se referirem à avaliação na educação angolana no período pré-independência entendem que em função do método que era usado na época, o método tradicional, que é meramente expositivo, o modo de avaliar os estudantes não passava de provas orais e escritas, a fim de comprovar que o aluno de facto está a aprender ou não o que lhe era ensinado.

---

Quanto a qualificação, era considerado apto a prosseguir com a formação ou para um outro grau, o estudante que falasse bem o português, dominando o mínimo das regras gramaticais; aquele que apresentasse uma habilidade enorme em memorizar os conteúdos ministrados e que era capaz de efectuar os cálculos básicos, fazendo uso das quatro operações básicas (Vieira, 2007; Mangando e Santos, 2011 e Ngaba, 2012).

Trata-se de um ensino centrado no estímulo e o uso da memória, seja na aprendizagem como na sua avaliação. Binji (2015) ao se referir de que os métodos e procedimentos avaliativos usados na aprendizagem não formavam “homens livres e capazes de construir a sua aprendizagem”, o autor está a classificar tais procedimentos como amedrontadores, adestradores, antialogantes e antidemocráticos, pois a construção de aprendizagens se faz através da participação do educando, do diálogo, da participação, emancipação, portanto, da democracia.

O quarto factor que explica a resistência dos professores às praticas didactico-pedagógicas ao serviço da aprendizagem está ligado ao contexto histórico-social. A sociedade moderna (burguesa), apesar de ter sido construída sob os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade é uma sociedade fundamentalmente de exclusão e autoritarismo.

No entender de Luckesi (2011b, p. 259)

A sociedade burguesa está constituída para o bem de poucos e para a marginalização de muitos. Isso em todas as esferas: social, económica, política, cultural, sanitário, educacional...tanto na população mundial como na população dos países, as diferenças discrepâncias existentes não acesso dos cidadãos aos bens sociais e culturais são gritantes.

Na sociedade actual, os ideais de liberdade e igualdade promovidos pela Revolução Francesa foram confinados simplesmente no âmbito da lei e não da realidade. Enquanto a fraternidade desapareceu, ou seja, traduziu-se em relações de cooperação em que está sempre camuflado o interesse das classes dominantes.

A educação no âmbito desta sociedade está ao serviço do poder, da economia, da competitividade que supõe o acesso desigual aos bens e serviços. Por isso, no âmbito escolar, as relações em geral, tendem a reproduzir o tipo de relações sociais que as pessoas estabelecem entre si. Relações baseadas no exercício de poder, controlo, autoritarismo e exclusão.

No entender de Luckesi (2011b, p. 257) “somos resistentes à mudança naquilo que se refere à prática dos exames escolares, [...] nesta prática pedagógica assenta-se um recurso especial para a administração do poder na relação educador-educando, na qual o educador é autoritário”. Assim sendo, na sala de aula, e na escola em geral, ainda que de modo inconsciente, reproduz-se o tipo de relação de poder e autoritarismo que se vive na estrutura macrossocial.

Aos factores de resistência indicados podemos acrescentar um quinto que tem a ver com a falta de participação de todos os agentes educativos nos diferentes níveis de articulação das políticas educativas a quando da sua elaboração.

---

As relações que se estabelecem entre as diferentes estruturas que compõem o sistema educativo é fundamental para que as decisões e orientações sejam assumidas e incorporadas no quotidiano da acção escolar de modo eficaz. Assim sendo, o carácter centralizador das políticas educativas não permitem uma corresponsabilidade suficiente entre os actos educacionais.

Nesta perspectiva Jacomini (2010, p. 65) entende que:

A construção de novos tempos e espaços, de uma nova forma de avaliar e de organizar os conhecimentos escolares e a construção de metodologias que favoreçam a aprendizagem exige, necessariamente, a participação de todos os atores educacionais. Sem isso, qualquer tentativa de mudar a escola, por melhor que seja, poderá ser compreendida como imposição e criará resistências ativas e passivas, correndo para seu fracasso.

A construção de um sistema educativo que permita atingir os ideais democráticos deve ser antecedida e acompanhada de existência de instâncias democráticas que facilitem o diálogo, a auscultação e a participação dos professores, pais e encarregados de educação, membros da sociedade civil e outros actores sociais e académicos e não simplesmente um grupo restrito de peritos superando, assim, todas as relações autoritárias que caracterizam o quotidiano da escola e da sociedade em geral.

Por fim, promover metodologias de ensino e uma avaliação ao serviço da aprendizagem na escola hoje, constitui um “remar contra corrente” diante de uma sociedade que promove a exclusão e o individualismo. Já promover metodologias e práticas de avaliação centradas na situação do aluno é, antes de tudo, promover o crescimento e desenvolvimento de outrem. É acreditar nas suas potencialidades e na sua capacidade de superação. Por isso, ensinar e avaliar é empreender tempo e recursos na aprendizagem do aluno num ritmo ditado pela dinâmica funcional do organismo aprendente.

#### **4. TRANSIÇÃO AUTOMÁTICA VS QUALIDADE DO PROCESSO DE ENSINO-AVALIAÇÃO-APRENDIZAGEM**

Universalmente reconhece-se, através da Declaração Mundial de Educação para Todos, no seu Art. 4º que, a qualidade do processo educativo na sociedade contemporânea, passa não simplesmente em garantir o acesso de todos à educação através do processo da matrícula na educação básica, mas sim, em garantir o desenvolvimento da C-H-A-V-E através de um processo educativo centrado na aprendizagem.

A partir deste pressuposto, no contexto angolano, o intento de efectivação desta resolução, implicou no âmbito da educação escolar, mudanças nas práticas didáctico-pedagógicas com a introdução de metodologias e práticas avaliativas que deveriam valorizar mais os processos de construção de C-H-A-V-E em relação ao produto final.

Especificamente no âmbito da avaliação tinha-se como pressuposto de que, ela é o principal instrumento da transição automática que possa eliminar a reprovação anual em algumas classes no ensino primário (1ª, 3ª e 5ª Classes). As dificuldades apresentadas pelos alunos seriam superadas através de processos didácticos fundamentados no diagnóstico

---

contínuo e processual da situação dos alunos em relação à aprendizagem. Isto indicaria a efectiva aprendizagem.

É preciso compreender que, no âmbito da transição automática, o aluno que não consegue desenvolver as aprendizagens objectivadas, devia beneficiar de um programa de “aceleração” ou reforço escolar de modo a garantir as aprendizagens necessárias.

Assim, a transição automática, aliada às boas práticas de ensino-avaliação-aprendizagem, contribuí para aumentar a qualidade do ensino-aprendizagem, pois, concorre para eliminar a desfasagem de idade vs classe ou nível, combater a evasão escolar e evitar múltiplas repetências.

Se levarmos em consideração os resultados do Inquérito Nacional Actualização Curricular em Angola (INACUA, 2019) no indicador “percepção dos actores sociais sobre o desempenho profissional dos docentes” onde entre professores, alunos, encarregados, políticos, autoridades tradicionais e outros actores sociais a média percentual está entre 35% - 53,6% que reconheceram que os professores detectam os erros e atendem as particularidades individuais dos alunos durante as aulas, então, a transição automática pode ser compreendida como uma daquelas práticas que pode contribuir para recolocar o processo de ensino-avaliação-aprendizagem ao contexto, à realidade do aluno angolano, pois, “pode representar uma boa alternativa para se atender às reais necessidades vividas pelos alunos em sua evolução” (Ludkc, 2001, p. 30).

Neste sentido, num sistema educativo em que se faz aposta na aprendizagem do aluno através da transição automática, o currículo adquire um novo significado, passando de uma concepção tecnicista<sup>4</sup> para “uma realidade polissémica, multifacetado, uma construção cultural, historicamente situado, socialmente construído, vinculado indissocialmente ao conhecimento, constituindo-se no elemento central do projecto educativo da escola (Abramowicz, 2001, p. 36).

Como se pode perceber, no contexto da transição automática o currículo manifesta-se como um elemento flexível, adequado às necessidades e a realidade do aluno focando-se, não na quantidade de informações ou conteúdos, mas sim na qualidade do processo de aprendizagem.

Por outra, esta prática contribui para uma nova compreensão e mudança do papel do professor no processo de ensino-avaliação-aprendizagem na sala de aulas. De facto, na perspectiva das teorias socioconstruivistas assumidas na realidade educativa angolana, na dinâmica da relação professor-aluno, o primeiro abdica-se das suas funções tradicionais de depositário e transmissor dos conteúdos que constituem os conhecimentos de forma autoritária e assume-se como real promotor da aprendizagem respeitando o aluno como sujeito com ritmo próprio de crescimento.

Nesta perspectiva, Abramowicz (2001, p. 40) afirma que

Ele (o professor) é um profissional comprometido com o objectivo de promover o aluno e garantir seu progresso e avanços constantes, em sua dimensão fundamentalmente ética que busca preservar o direito à educação desse aluno, seu sucesso e permanência em um sistema de ensino de qualidade.

---

Portanto, a razão ser primária da acção do professor no processo de ensino é favorecer a aprendizagem significativa do aluno. Não há ensino se não houver aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta os objectivos propostos e ao que se abordou ao longo do texto, pode afirmar-se aqui que, os fundamentos da transição automática estão relacionados com a necessidade de instauração de um processo educativo inclusivo que responda à exigência de garantir o acesso e a permanência dos alunos no sistema educativo com níveis de aprendizagens objectivados, mas primando pelo respeito do ritmo de crescimento cada organismo da criança.

A implementação da transição automática no ensino primário responde também a necessidade de centrar as acções didáctico-pedagógicas no processo de aprendizagem do aluno tendo como pressuposto de que, o homem é um ser construído eterno, um ser inacabado tal como se evidenciam nas teorias socioconstrutivistas e progressistas adoptadas no contexto da segunda reforma educativa em Angola.

Na perspectiva das opções feitas a nível das concepções pedagógicas, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem não depende da aprovação ou reprovação dos alunos. Mas sim, da instauração de um sistema educativo que tenha como prioridade das práticas didáctico-pedagógicas a garantia da aprendizagem efectiva ou significativa através de uma educação escolar inclusiva, isto é, uma educação que vai ao encontro das necessidades do educando elevando-o aos níveis esperados. Para tal, é fundamental a adopção e efectivação de um sistema de avaliação do processo de ensino-aprendizagem dinâmico centrado no desenvolvimento das potencialidades do educando compreendido como “ser inacabado”; um sistema centrado no processo de construção das aprendizagens e não simplesmente no resultado final.

Por fim, eliminar a organização do processo de ensino-avaliação-aprendizagem em ciclos no actual contexto didáctico-pedagógico constitui um retrocesso na linha evolutiva do sistema educativo angolano e constitui uma contradição teórico-prática com as opções socioconstrutivistas assumidas como fundamento do acto didáctico-pedagógico que tem lugar na sala de aulas no contexto angolano.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- Abramowicz, A. (2001). **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papirus.
- Afonso, M. (2022). **Pecados Mortais no ensino, na avaliação e na aprendizagem (Reflexões para as mudanças necessárias)**. Lisboa: Livros & Conteúdos.
- Binji, P. (2015). **A reforma educativa em Angola**. O desafio de uma escola libertadora. Pádova: Centro Missionário dei Cappuccini.
- Both, I. J. (2017). Avaliação planejada, aprendizagem consentida. É ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. 2ªed. **Rev. e act**. Curitiba: Itersaberes.
- Canivete, I. (2018). **Avaliação é Promover a Qualidade de Ensino-Aprendizagem: Angola e os Desafios Educativos**. Luanda: s.ed.
- Fernandes, D. (2009). **Avaliar para aprender**. Fundamentos , práticas e políticas. São Paulo: Unesp.
- Freire, P. (2017). **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 55ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hoffmann, J. (2014). **Avaliação Mediadora**. Uma Prática em Construção da Pré-escola à Universidade. 33ª. Porto Alegre: Editora Mediação.

- 
- INIDE-MED (2019). **Resultados do Inquérito Nacional sobre Adequação Curricular em Angola 2018-2025**. Luanda: Mensagem Editora.
- Jacomini, M. A. (2010). **Educar sem Provar**. São Paulo: Cortez, 2010.
- Ludke, M. (2001). **Evoluções em avaliações**. Em C. Franco, Avaliação, ciclos e promoção na educação. Porto Alegre: Artmed.
- Luckesi, C. (2011). **Avaliação da Aprendizagem**. Componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez.
- Mangando, O. & Dos santos, A. (2011). **Raízes históricas do professorado em Angola**. Luanda: s.ed.
- MED.(2014). **Avaliação Global da Reforma Educativa**. Luanda: Moderna.
- Ngaba, A. V. (2012). **Políticas educativas em Angola (1975-2005):** entre o global e o local. O sistema educativo mundial. Mbanza-Kongo: Siedeca.
- Nguluve, A. K. (2010). **Educação angolana:** Políticas de reformas do Sistema Educacional. São Paulo: Biscalchin.
- Paro, V. H. (2010). **“Nem passar nem Reprovar: ensinar.”** Em Educar sem Reprovar, por Márcia Aparecida Jacomini, 11-17. São Paulo: Cortez.
- Paxe, I. (2017). **Políticas educativas em Angola:** Um desafio do direito à educação. Luanda: Casa de Ideias.
- Perrenoud, P.(1999). **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Sousa, N. M. de (2011). **Avaliação da aprendizagem**. A prova que não prova nada. Londrina: Artgraf.
- Varela, L. B.(2013). **O currículo e o desenvolvimento curricular:** concepções, práxis e tendências. Praia.
- Vieira, L. (2007). **Angola:** A dimensão ideológica da educação 1975-1992. Luanda: Nzila.

## GESTÃO DEMOCRÁTICA E INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO: UM CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO EM ITAQUAQUECETUBA

ROSEMARY NUNES GOMES

### RESUMO

Este artigo científico explora a importância da gestão democrática e inclusiva na educação, considerando o contexto de Itaquaquetuba. Baseado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Constituição Brasileira e no Estatuto da Criança e do Adolescente, este estudo propõe um modelo de gestão educacional que visa o desenvolvimento integral de todos os cidadãos. Além de destacar a valorização das diferenças individuais, a pesquisa enfatiza a necessidade de uma educação que promova a ética, justiça, cidadania e liberdade. Para alcançar esses objetivos, a gestão administrativa deve ser pautada pela transparência, otimização de recursos e envolvimento das instâncias colegiadas. A gestão pedagógica prioriza o aprendizado amplo e incentiva a formação contínua da equipe. A gestão financeira busca a participação da comunidade e a aplicação eficaz dos recursos. A gestão do espaço físico visa criar um ambiente inclusivo e acolhedor. Este artigo não apenas apresenta um projeto, mas destaca a importância de um planejamento educacional contínuo, democrático e inclusivo para transformar a educação em Itaquaquetuba e, potencialmente, em outras comunidades.

**Palavras-chave:** Gestão Democrática; Inclusão; Educação; Itaquaquetuba; Desenvolvimento Integral.

### INTRODUÇÃO

A gestão democrática e inclusiva na educação é um dos pilares fundamentais para impulsionar a transformação social e assegurar a equidade no acesso a uma educação de qualidade. Dentro desse contexto, o município de Itaquaquetuba, localizado no estado de São Paulo, emerge como um desafio de importância significativa. Alicerçado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Constituição Brasileira e no Estatuto da Criança e do Adolescente, este artigo tem como objetivo traçar um plano abrangente de gestão educacional. Este plano não se restringe à mera busca por eficiência administrativa, mas estabelece um compromisso com a promoção do desenvolvimento integral de todos os cidadãos, sem distinção de suas diferenças e origens.

Uma gestão nesses moldes implica um processo participativo que envolve alunos, pais, professores e demais membros da comunidade escolar na tomada de decisões, visando a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário. É uma abordagem que

---

reconhece que a educação não é um fim em si, mas um meio para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária.

A inclusão de todos os cidadãos, independentemente de suas diferenças e origens, é um princípio fundamental. Isso significa que a educação deve ser acessível e adaptada para atender às necessidades de todos os alunos, incluindo aqueles com deficiências, aqueles que pertencem a grupos minoritários e aqueles em situações de vulnerabilidade social. É um compromisso com a promoção da igualdade de oportunidades e a valorização da diversidade como um ativo para a sociedade.

No contexto específico de Itaquaquecetuba, a implementação de uma gestão democrática e inclusiva na educação pode enfrentar desafios específicos relacionados a recursos financeiros, infraestrutura, formação de professores e engajamento da comunidade. Portanto, é essencial desenvolver estratégias específicas que abordem essas questões, garantindo que a visão de uma educação de qualidade e equitativa se torne uma realidade para todos os habitantes desse município.

Em suma, a gestão democrática e inclusiva na educação, ancorada em princípios legais e constitucionais, representa um caminho essencial para promover a transformação social e a equidade na educação. No município de Itaquaquecetuba, isso implica a formulação e implementação de políticas e práticas que assegurem que cada indivíduo tenha a oportunidade de desenvolver seu potencial máximo, independentemente de suas circunstâncias pessoais. É um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária através da educação.

## **GESTÃO DEMOCRÁTICA E INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO**

A importância da gestão democrática e inclusiva na educação se revela fundamental quando todos os membros da comunidade educacional - professores, pais, alunos e outros indivíduos da localidade - são ativamente envolvidos no processo de tomada de decisões relacionadas à educação. Essa participação ativa e inclusiva assegura que as escolhas educacionais sejam moldadas de maneira abrangente e equitativa, levando em consideração uma diversidade de perspectivas e necessidades. Como destacado por Vasconcelos (2009), "a gestão democrática é um processo de construção coletiva que permite a participação de todos os envolvidos na comunidade escolar na definição dos rumos da educação".

Em Itaquaquecetuba, uma localidade caracterizada por uma população diversificada em termos de origens, crenças e etnias, a necessidade de uma gestão sensível a essas diferenças e promotora da inclusão de todos se torna ainda mais evidente. Como ressalta Freire (1997), a educação inclusiva é, antes de tudo, um "ato de amor, um ato de conhecimento, um ato de curiosidade, de admiração, que, quando a gente adquire, a gente fica melhor". Isso implica reconhecer que a diversidade é um ativo, não uma barreira, e que a gestão democrática e inclusiva na educação é a chave para proporcionar a todos os alunos um ambiente que os valorize, respeite suas particularidades e os apoie em sua jornada de aprendizado.

Nesse contexto, a gestão democrática não apenas permite que todas as vozes sejam ouvidas, mas também cria um ambiente em que a diversidade é celebrada e considerada um fator enriquecedor. A educação inclusiva, por sua vez, não é apenas uma obrigação moral, mas

---

uma oportunidade para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e preparada para lidar com as complexidades do mundo contemporâneo. Portanto, a promoção de uma gestão democrática e inclusiva na educação é um compromisso com o desenvolvimento integral de cada aluno e a construção de uma sociedade mais tolerante e acolhedora.

## **GESTÃO ADMINISTRATIVA**

A gestão administrativa eficiente desempenha um papel absolutamente crucial na garantia da operação bem-sucedida de qualquer instituição educacional. No entanto, é imperativo destacar que a administração em Itaquaquetuba, ou em qualquer outro local, não pode se contentar apenas com a busca pela eficiência. Ela deve ser caracterizada por uma série de elementos essenciais que a tornam verdadeiramente eficaz. Entre esses elementos, a transparência emerge como um pilar fundamental, garantindo que todas as ações e decisões sejam compreensíveis e acessíveis a todos os envolvidos. Além disso, a otimização de recursos desempenha um papel igualmente importante, assegurando que os recursos limitados sejam alocados de maneira inteligente e estratégica para maximizar o impacto educacional. Por fim, não podemos subestimar a importância do envolvimento das instâncias colegiadas, que envolve ativamente professores, alunos, pais e demais membros da comunidade educacional na tomada de decisões, criando um ambiente de colaboração e participação que promove a excelência educacional. Portanto, a administração educacional em Itaquaquetuba, assim como em qualquer lugar, deve incorporar esses princípios para alcançar o sucesso e cumprir sua missão educativa de forma eficaz e significativa. De acordo com Paro (2014), "a gestão democrática implica em promover a participação ativa da comunidade escolar, com ênfase nas instâncias colegiadas, na definição das políticas educacionais".

A impessoalidade nas relações funcionais, a atualização constante da legislação vigente e a comunicação transparente são passos cruciais para uma gestão administrativa eficaz. Conforme Pimenta (2008), "a gestão escolar democrática requer que todos os envolvidos na comunidade escolar sejam informados e envolvidos nas decisões e ações da escola".

## **GESTÃO PEDAGÓGICA**

Para aprimorar a gestão pedagógica em Itaquaquetuba, é fundamental direcionar esforços para promover um aprendizado abrangente que leve em consideração as diferenças individuais dos alunos. Isso implica reconhecer que cada estudante possui seu próprio ritmo de aprendizado e suas particularidades, e é importante adaptar as estratégias pedagógicas de acordo com essas características. Dessa forma, o objetivo é criar um ambiente educacional que seja inclusivo e respeitoso com a diversidade de habilidades, estilos de aprendizagem e necessidades dos alunos.

Além disso, é crucial motivar a equipe escolar a se comprometer com metas pedagógicas coletivas. Isso significa que todos os membros da escola, desde os professores até a equipe de apoio e a gestão, devem trabalhar em conjunto para alcançar objetivos educacionais compartilhados. A colaboração é essencial para o sucesso da instituição e para garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de atingir seu potencial máximo.

---

Outro ponto crucial é a realização de uma avaliação abrangente de toda a instituição escolar. Essa avaliação deve ser um processo contínuo que visa identificar e superar as deficiências existentes no sistema educacional. Isso inclui a análise de resultados de aprendizagem, a infraestrutura da escola, a qualidade do ensino, as práticas de inclusão e a satisfação dos alunos e suas famílias. Somente por meio de uma avaliação rigorosa e constante é possível promover melhorias efetivas na gestão pedagógica.

Como destacado por Coll (2007), a gestão pedagógica deve estar centrada no desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola. Esse projeto deve ser orientado para a busca contínua de qualidade e inclusão, garantindo que a educação seja equitativa e promova o pleno desenvolvimento de todos os alunos, independentemente de suas origens, habilidades ou características individuais.

Além disso, a formação contínua da equipe escolar é de importância fundamental para assegurar que a educação seja verdadeiramente inclusiva. Conforme observado por Libâneo (2007), a formação contínua dos professores é um requisito essencial para a eficácia do processo de ensino e aprendizagem. Os profissionais da educação devem estar em constante aprendizado e atualização, especialmente no que diz respeito a questões de inclusão, antirracismo, sociedade, cultura e diversidade. Isso os capacitará a atender às necessidades variadas de seus alunos e a criar um ambiente educacional que seja acolhedor e respeitoso com a diversidade. Portanto, investir na formação contínua da equipe é um passo fundamental na direção de uma educação mais inclusiva e de qualidade.

## **GESTÃO FINANCEIRA**

A gestão financeira deve ser amplamente inclusiva, envolvendo ativamente todas as partes interessadas no processo. Isso significa que não apenas os gestores, mas também os pais, alunos, professores e demais membros da comunidade escolar devem ser convidados a participar ativamente na tomada de decisões relacionadas ao uso dos recursos financeiros. Essa abordagem garante que as decisões financeiras não sejam tomadas de forma isolada, mas sim em conjunto com aqueles que são diretamente afetados por elas.

Para fortalecer essa colaboração, é essencial consolidar os colegiados ou comissões responsáveis pela gestão dos recursos financeiros, garantindo que esses grupos sejam compostos por representantes de diferentes setores da comunidade escolar. Essas comissões devem funcionar como fóruns de discussão e deliberação, onde as prioridades de gastos, os investimentos necessários e as metas de longo prazo são amplamente debatidos e decididos de forma transparente.

A transparência na prestação de contas à comunidade escolar é um elemento-chave nesse processo. É fundamental disponibilizar informações financeiras de forma acessível a todos, de modo que qualquer membro da comunidade possa compreender como os recursos estão sendo utilizados e para que fins. Essa prestação de contas promove a confiança e o entendimento mútuo, construindo uma base sólida para a gestão financeira democrática.

Quanto à alocação de recursos, é fundamental que o objetivo principal seja apoiar os objetivos educacionais e o aprendizado dos estudantes. Isso requer um planejamento cuidadoso e uma alocação estratégica dos recursos, priorizando investimentos que melhorem

---

a qualidade da educação, como a capacitação de professores, a aquisição de materiais didáticos de alta qualidade e a manutenção das instalações escolares.

Em resumo, a gestão financeira democrática envolve a participação ativa de toda a comunidade escolar na tomada de decisões financeiras, a transparência na divulgação das informações financeiras, o fortalecimento dos colegiados responsáveis pela gestão e a priorização dos recursos para benefício do aprendizado dos estudantes. Essa abordagem não apenas promove uma administração mais eficaz dos recursos, mas também fomenta a colaboração e o compromisso de todos os envolvidos com a educação de qualidade.

## **GESTÃO DO ESPAÇO FÍSICO**

A gestão do espaço em uma instituição educacional é um componente fundamental na construção de um ambiente inclusivo e acolhedor. Deve-se primordialmente assegurar a acessibilidade e a criação de um ambiente seguro, onde cada criança se sinta confiante e plenamente inserida. Conforme enfatizado por Piletti (2011), "o planejamento do espaço físico da escola deve ser cuidadosamente elaborado de maneira a fomentar a inclusão e a igualdade de oportunidades para todos os alunos". Isso envolve a consideração de aspectos como rampas para cadeiras de rodas, banheiros acessíveis, sinalização adequada, entre outros elementos que garantam que a escola esteja pronta para receber e atender a diversidade de seus estudantes.

Nesse contexto, a gestão do espaço físico não é apenas uma questão de logística, mas também uma declaração de valores e um reflexo do compromisso da instituição com a promoção da igualdade e do respeito à diversidade. O espaço físico deve ser concebido de forma a não apenas acomodar, mas a abraçar a singularidade de cada criança, garantindo que suas necessidades individuais sejam atendidas, promovendo assim um ambiente de aprendizado verdadeiramente inclusivo.

## **CONCLUSÃO**

Neste artigo, exploramos a importância da gestão democrática e inclusiva na educação, com foco no contexto de Itaquaquecetuba, destacando a necessidade de uma transformação educacional. Baseado em princípios legais e constitucionais, enfatizamos que a gestão democrática não é apenas uma questão de eficiência administrativa, mas sim um compromisso com o desenvolvimento integral de todos os cidadãos, independentemente de suas origens e diferenças.

A proposta aqui apresentada não deve ser encarada como um projeto rígido e imutável, mas sim como um plano de gestão educacional em constante evolução. A transformação da educação em Itaquaquecetuba requer um compromisso firme com a gestão democrática e inclusiva, que valorize as diferenças e promova o desenvolvimento integral de todos os envolvidos no processo educacional, sejam eles estudantes, professores, pais ou outros membros da comunidade educacional.

Como Paulo Freire (1996) tão sabiamente expressou, "a educação é um ato de amor, e, por isso, um ato de coragem". O ato de educar envolve não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a construção de um ambiente de respeito, compreensão e

---

inclusão. Portanto, a gestão do espaço físico desempenha um papel central na concretização desse ato de amor e coragem, criando as condições necessárias para que cada indivíduo alcance seu potencial máximo e contribua para uma sociedade mais justa e igualitária.

A gestão democrática e inclusiva na educação implica um processo participativo que envolve ativamente alunos, pais, professores e a comunidade escolar na tomada de decisões. Essa abordagem reconhece a educação como um meio para promover uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. Ela valoriza a diversidade e busca a promoção da ética, justiça, cidadania e liberdade.

A gestão administrativa, além de buscar a eficiência, deve ser pautada pela transparência, otimização de recursos e envolvimento das instâncias colegiadas. A gestão pedagógica prioriza um aprendizado amplo e incentiva a formação contínua da equipe. A gestão financeira busca a participação da comunidade e a aplicação eficaz dos recursos. A gestão do espaço físico visa criar um ambiente inclusivo e acolhedor.

Em resumo, a gestão democrática e inclusiva na educação é um caminho essencial para promover a transformação social e a equidade na educação. No contexto de Itaquaquecetuba, essa abordagem requer a superação de desafios específicos relacionados a recursos financeiros, infraestrutura, formação de professores e engajamento da comunidade. No entanto, é um compromisso que vale a pena, pois busca construir uma sociedade mais justa, igualitária e preparada para enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo.

Portanto, a implementação da gestão democrática e inclusiva na educação não é apenas um projeto, mas uma jornada contínua de planejamento e evolução. É um compromisso com o desenvolvimento integral de cada indivíduo e a construção de uma sociedade mais tolerante, acolhedora e igualitária por meio da educação. Como Paulo Freire disse, "a educação é um ato de amor e coragem", e a gestão democrática e inclusiva na educação é um passo fundamental para tornar essa visão uma realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Batista, A. M. (2012). **Gestão financeira escolar: princípios e práticas**. São Paulo: Editora Cortez.
- Coll, C. (2007). **Psicologia da educação e currículo**. São Paulo: Editora Ática.
- Freire, P. (1996). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Libâneo, J. C. (2007). **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Editora Loyola.
- Paro, V. H. (2014). **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Editora Ática.
- Pimenta, S. G. (2008). **Gestão democrática na educação: conceitos e vivências**. São Paulo: Editora Cortez.
- Vasconcelos, M. A. (2009). **Gestão democrática da escola pública: a construção histórica de um conceito**. São Paulo: Editora Cortez.

## A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE: VANTAGENS E DESVANTAGENS

SABALO JOÃO LUANDA

### RESUMO

O presente artigo tem como objectivo compreender os pontos de estrangulamento no uso das redes sociais na educação da juventude e, com isso apontar as vantagens e desvantagens. Esta pesquisa é resultado do uso crescente que se tem observado das redes sociais, não só para troca de informações relacionados a actividades educacionais, profissionais, laborais ou comerciais mas também para outros fins que atentam contra a ética, segurança e bom nome das personalidades envolvidas. Isto nos motiva a alertar, principalmente a juventude a como utilizar as Redes Sociais com maior granjeio. A metodologia usada para este artigo foi a pesquisa bibliográfica, permitindo abordar a questão a partir de um referencial teórico. Este estudo vai possibilitar entender claramente a relevância da formação de identidades dos jovens desde a sociabilidade mediada pelas tecnologias de informação e comunicação, o que gera a necessidade da juventude cuidar das interacções realizadas nas redes sociais evitando situações perigosas e fazendo uso consciente das mesmas.

**Palavras-chave:** Educação. Influência. Juventude. Tecnologias de Informação e Comunicação. Redes Sociais.

### INTRODUÇÃO

Hoje as Tecnologias de Informação e Comunicação, vulgo TICs, onde a internet se destaca, constitui um fenómeno maior do desenvolvimento das sociedades humanas. Não se trata de se ser «contra» ou a «favor» deste fenómeno, mas de o compreender e de utilizar as suas bases para entrar com ferramentas adaptadas, no novo «espaço-tempo» criado pelas redes interactivas multimédia.

As redes sociais ganharam enorme popularidade. É notória a facilidade de se aceder a ela. Por exemplo, milhões de utilizadores se conectam anualmente ao Facebook. Apesar da utilidade que a mesma apresenta, os desafios são enormes e afectam outras facetas da vida que não são menos importantes. Será possível usufruir de todas as vantagens e benefícios que essas redes oferecem e lidar com os vários desafios que os mesmos apresentam?

A tecnologia moderna permite que tenhamos centenas ou milhares, de contactos online, simplesmente adicionando nomes a lista de contactos. E se quisermos encerrar a relação/ interacção com um contacto, basta remover o mesmo da lista. É visível o facto de que

---

semanalmente milhares de utilizadores se conectam a internet, e os resultados são evidentes. Nunca antes na História mundial tantas pessoas puderam aprender tanto sobre a vida, os productos e as ideias de outras pessoas e povos.

Hoje muitos se conectam a internet em geral e particularmente por via das redes sociais. Quando bem usadas podem, sem dúvida, poupar tempo, energia e recursos. Mas há um lado preocupante a levar em conta: a quantidade de tempo que o uso das redes sociais pode consumir. Muitos a usam como um brinquedo fascinante, em vez de instrumento útil. Por fim, talvez negligenciem as coisas mais importantes, como a família, os amigos, trabalho escola e outras actividades relevantes. As redes sociais podem até mesmo se tornar um vício.

Pode-se dizer que, a Internet é uma aldeia global e o acesso a ela deve ser feito de forma criteriosa. Espera-se, aqui ajudar a todos e especialmente a juventude a poder conhecer e usufruir das vantagens que as redes sociais oferecem ao passo que de forma equilibrada cuidam de não serem vítimas dos desafios que as mesmas apresentam.

## **O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE**

O uso das redes sociais em sala de aula pode surgir a partir de uma mudança simples de comportamento, convertendo aquele desabafo ou texto, em compartilhamento de conhecimento. Quando pensamos em redes sociais, logo nos vem à cabeça que este tipo de mídia digital serve apenas para o entretenimento, ou para fazer amigos. Ainda existe discussão sobre a influencia de redes sociais na sala de aula, mas é facto que são mídias que não podem ser ignoradas, uma vez que alunos de todas as idades acessam diariamente conteúdos por meio delas. De acordo com o estudo uso da Internet passa pela responsabilidade dos jovens, daí a necessidade de compreender o conceito de juventude.

O termo Juventude actualmente é em grande medida apresentada relativamente de acordo com os contextos em abordagem. Segundo Fialho (2019) a concepção de juventude é intimamente relacionada ao contexto, às condições financeiras, económicas e culturais em que o sujeito vive. Nesta perspectiva entendemos que não há uma definição que possa abranger todo o campo semântico que o individuo jovem pode adquirir. Por isso, Vasconcelos *apud* Fialho (2015) afirma que ao invés de falar em jovem ou juventude, considera-se que há jovens e juventude, por compreender tal categoria como temporal, dinâmica, plural e diversa que não se define apenas etariamente, mas desde o contexto social, cultural e económico. No entanto, não colocamos de lado o conceito geral de que a juventude é o período da vida que normalmente ocorre entre a infância e a idade adulta (APA, 2012). Esta fase é aquela em que se busca a identidade, com certa desesperança implícita, com uma grande quantidade de energia e de entrada para o mundo social independente.

Neste contexto, o uso das tecnologias, em especial das redes sociais, “revela a peculiaridade da cognição e da socialização de um público que está transformando as relações sociais à sua volta, ao mesmo tempo em que percebe mudança na configuração de suas regras e valores, resultantes da interação com as tecnologias de informação e comunicação” Vasconcelos *apud* Fialho (2015). Sendo assim, é clara a interferência das tecnologias de informação e comunicação na formação da juventude actual, dessa forma, pesquisar sobre como sucede a interação e participação da juventude no espaço virtual torna-se essencial.

---

Considerando a conjuntura social moderna, é impossível dissociar a juventude ao contexto social em que vivemos: o da tecnologia e por conseguinte, da vida em rede. Miranda *apud* Fialho (2015) afirma que, para refletirmos sobre a juventude contemporânea, é necessário que as “localizemos no âmbito da cibercultura e do ciberespaço, considerando especialmente, a internet e as suas redes sociais”.

A revolução tecnológica desencadeou fortes mudanças nos modos de comunicação e nos relacionamentos humanos e isso se tem refletido também, no comportamento dos jovens. Nota-se a forma encantada como lidam com as tecnologias, em especial às voltadas para comunicação, sendo essas as que mais influenciam a vida da juventude.

As influências que a juventude sofre hoje ao lidar com as tecnologias são diversas e com o foco centrado no carácter social e cultural. Sales *apud* Fialho (2011) exemplifica a manifestação das tecnologias nos comportamentos juvenis, pontuando a «ressignificação da linguagem ao se comunicar pela internet, ambiente em que pode ser evidenciado o uso de símbolos e palavras que ganham outros sentidos».

Nesse sentido, com as novas formas de se socializar por meio de artefactos tecnológicos, em especial a internet, observa-se grandes mudanças na forma das pessoas interagirem, em especial a juventude. É grande o impacto das tecnologias no dia-a-dia dos jovens, o que pode ser evidenciado observando a forma como se apropriam de tais artefactos e o crescente uso da internet. Este facto demanda aprofundamento com pesquisas que interrelacionam a juventude e as redes sociais. No entanto, importa apresentar com algum detalhe outros conceitos que suportem esta inter-relação, como as Tecnologias de Informação e Comunicação bem como as próprias Redes Sociais.

## **TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Nunca como hoje a informação esteve revestida de semelhante importância. Há muitos envolvidos: desde empresas, organismos privados até aos governos e público em geral. Com o mesmo impacto da Revolução Industrial, que marcou a passagem de uma sociedade agrícola a uma sociedade industrial (Afonso, 2010), a Revolução da Informação conduz-nos em direcção a uma sociedade dominada pelas trocas imateriais.

O estudo da informação começou na Matemática, quando rostos como Alan Turing, Kurt Gödel e Alonzo Church começaram a estudar que tipos de problemas poderiam ser resolvidos, ou computados, por elementos humanos que seguissem uma série de instruções simples de forma automática, independente do tempo necessário para tal. Da mesma forma que as indústrias manuseiam matéria-prima para transformá-la em produto final, os algoritmos foram desenhados para que um dia uma máquina pudesse tratar informações (Afonso, 2010).

Assim, de acordo com Afonso (2010), chama-se Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) aos procedimentos, métodos e equipamentos utilizados para processar e comunicar a informação [...].

Estas tecnologias agilizaram e tornaram menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para a captação, transmissão e distribuição das informações, que podem assumir a forma de texto, imagem estática, vídeo ou som.

---

Considera-se que o advento destas novas tecnologias e a forma como foram utilizadas por governos, empresas, indivíduos e sectores sociais possibilitaram o surgimento da Sociedade da Informação. Para tipificar as tecnologias de Informação e Comunicação, neste artigo vamos nos limitar apenas a abordar duas, em função do contexto da abordagem, uma vez que o leque de tecnologias é muito alargada e não dispomos aqui de espaço para abordar cada uma. Assim, tratamos aqui de duas que pensamos serem essenciais para o contexto, a Internet e as Redes Sociais.

## INTERNET

Analogamente, os computadores são utilizados, na sua grande maioria, como ferramentas para criar e analisar informação que depois é distribuída através do suporte de informação mais tradicional que é o papel. Mas com o surgimento das redes de computadores em larga escala, nomeadamente com a Internet, as pessoas podem utilizar os seus computadores para comunicar nas mais variadas formas (Afonso; Braz ;Viana , 2014) Para Afonso, *et al.* (2014) «a actualidade poderá ser comparada com o tempo em que deixaram de transcrever as conversas telefónicas. Os computadores, com ligação à Internet, são já suficientemente comuns, e já são encarados como algo que faz parte do quotidiano».

Através da Internet passou-se a dispor de enormes quantidades de informação num número ilimitado de tópicos, alterando-se os métodos tradicionais de pesquisa. Nos dias de hoje, em poucos segundos, pode-se ter nas mãos informações que, há pouco tempo atrás, demorariam horas ou dias a conseguir através de pesquisas em bibliotecas. O aparecimento da WEB veio alterar radicalmente os métodos de estudo, pois, os alunos podem facilmente complementar as suas aulas com pesquisas na Web. A distribuição, pelos docentes, de programas, apontamentos, sebatas e exercícios através da Internet são já habituais e segundo Afonso, *et al.* (2014) «os modelos de ensino à distância por este meio já são aceites, amplamente disseminados e utilizados».

No entanto como podemos conceituar Internet e seu posicionamento dentro do contexto do tratamento da informação e comunicação?

O termo Internet provém da conjugação dos dois termos INTER connected NETworks (redes interligadas) e teve a sua origem nos Estados Unidos nos anos 60. As primeiras ferramentas que apareceram foram o correio electrónico (E-mail) e a transferência de ficheiros, a Word Wide Web, mais conhecida por Web, foi um dos últimos serviços a aparecer (Afonso, *et al.*, 2014).

A Internet é uma rede mundial de computadores interligados através de redes cabladas, redes de telefones móveis, ligações por satélite e fibras ópticas, em que não importa a marca ou o modelo do computador que está a ser utilizado ou o que é que o interconecta (Afonso, *et al.*, 2014). Para que seja possível esta conectividade, toda a infraestrutura assenta numa regra básica: todos os integrantes devem “falar” a mesma língua. Ou seja, utiliza-se um conjunto de protocolos e serviços conhecidos, partilhados e utilizados em comum.

A comunicação pode ocorrer sob diversas formas. «Dados puros, voz, vídeo, ou mesmo a união de todas estas componentes são denominados por multimédia» (Afonso, *et al.*, 2014).

---

Assim pode-se entender então a Internet como sendo uma rede de milhões de computadores interligados, que oferece e permite partilhar várias informações, recursos e serviços. Hoje por via da internet é possível interligar, para além de computadores, vários outros dispositivos electrónicos e por meio destes, vários programas em sistemas distribuídos, trata-se um sistema distribuído é um conjunto de computadores interligados via rede, mas, para o utilizador final das aplicações, que são executadas através deles, aparenta ser um sistema único (TANEMBAUM E STEEN, ANENBAUM; STEEN, 2008), que permitem atingir o mesmo fim.

A Internet permite atravessar fronteiras, diminuir a distância entre os espaços e o acesso a todo tipo de informações, assumindo-se como o meio de comunicação mais fluente, tendo em conta a atracção das suas ferramentas e a facilidade na sua utilização, (Vilela, 2019).

Navegar na Internet é o acto de, por assim dizer, passear pela Web (teia), movendo-se de um Website para outro, seguindo links (ligações), também conhecido por hyperlink (Conjunto de páginas que contêm informações, (textos, fotografias, animações gráficas, áudios e até vídeos) pertencentes a empresas, governos, pessoas singulares e outros), (VV,2019) Navegar na Internet é como andar por uma cidade. Os nomes das ruas e os números das casas das cidades são organizados para facilitar a localização dos endereços. Cada página (site) tem o seu endereço, por exemplo, [www.casa.com](http://www.casa.com).

Desta forma podemos usufruir dos vários serviços que a internet disponibiliza alargando dessa forma os modos de comunicação. (Castells & Bonnal, 2001) referem que «a comunicação é a essência da actividade humana, sendo que os domínios da vida social vêm a ser alterados pelo uso alargado da internet». O ser humano é um ser social, tem a necessidade de socializar, comunicar e, a internet tem vindo a oferecer várias formas de comunicação online, o que faz com que seu uso faça parte da vida quotidiana.

Neste quesito aumenta a interacção entre as pessoas e em consequência a busca incessante por ferramentas na internet que automatizem tal interacção. As Redes Sociais promovem essa interacção entre as pessoas.

## **REDES SOCIAIS**

Em toda a história da sociedade, as pessoas organizaram diferentes formas de estabelecer conexões e se comunicarem. Com o avanço da tecnologia, as redes sociais se tornaram espaços de troca de experiências e interações online, aproximando pessoas de todos os cantos do mundo.

A ideia de 'rede social' «não é nova nem actual, na verdade, é um conceito usado há já mais de um século para designar as relações estabelecidas entre elementos de um determinado sistema social». (Pereira, *et al.*, 2011).

Mas afinal, o que são Redes Sociais? Talvez, quando se ouve falar de "redes sociais" se faça uma imediata associação com alguns canais, como Facebook, Instagram, Twitter etc. Mas as redes sociais vão além das plataformas online.

Segundo Campos (2021) «Redes Sociais são canais — online e offline — criados para conectar pessoas conforme seus interesses e valores». A rede é estabelecida por uma

---

sucessão de conexões de pessoas, que interagem em torno de determinado assunto. Campos, fala de um conceito aplicado à internet, querendo o mesmo significar uma estrutura constituída por pessoas ou organizações que partilham interesses, motivações, valores e objectivos comuns. Este sistema de rede é criado e mantido através da comunicação partilhada pelos seus membros.

Para (Pereira, *et al.*, 2011), Redes sociais, no mundo virtual, «são sites e aplicativos que operam em níveis diversos — como profissional, de relacionamento, dentre outros — mas sempre permitindo o compartilhamento de informações entre pessoas e/ou empresas».

As Redes Sociais é um «ambientes de convivência e interação on-line, nos quais é possível informar, divulgar, entreter, dentre outras possibilidades» (Basile, 2019). Este conceito nos permite entender que num mesmo espaço encontramos pessoas de diferentes idades, classes sociais, níveis de escolaridade, opiniões e objectivos. Logo, com tantas possibilidades, é preciso foco e direcção para produzir conteúdos relevantes para diferentes públicos.

Para alguns estudiosos, as redes sociais enquadram-se num conceito mais amplo de 'media sociais', pretendendo destacar a interacção e a intervenção das pessoas (Pereira, *et al.*, 2011). Neste artigo, considerando o uso do termo "Redes Sociais" na língua portuguesa, seguimos esta designação para englobar todos os meios. Temos, no entanto, presente que, têm finalidades e utilizações diferentes, que podem sofrer alterações consoante a actualização e evolução das ferramentas. Apesar dos elementos abordados na conceitualização, se faz necessário descrever aqui as finalidades das redes sociais. Para que servem as redes sociais?

Já se viu que as redes sociais promovem a interacção entre as pessoas. No entanto, há vários tipos de redes sociais, com objectivos diferentes e públicos específicos. Os objectivos a que cada uma se propõe estabelece a diferenciação entre elas, que podem ser:

- Estabelecer contactos pessoais, podendo ser relações de amizade e/ou namoro;
- Realizar networking, ou seja, partilhar e buscar conhecimentos profissionais e procurar emprego ou preencher vagas;
- Buscar e partilhar imagens e vídeos;
- Buscar e partilhar informações sobre temas variados;
- Divulgar produtos e serviços para compra e venda;
- Jogar, entre outros.

Existem dezenas de Redes Sociais, (Campos, 2021) destaca as mais conhecidas e utilizadas actualmente: « Facebook, YouTube, WhatsApp, Instagram, Twitter, LinkedIn, Messenger, TikTok.

Assim sendo e aproveitando o destaque destas redes sociais, apresentamos em seguida a caracterização de cada uma delas partindo de seu propósito:

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

---

Dentro desta caracterização, importa isolar aquelas que são muito usuais no contexto actual:

–i- O Facebook é a rede social muito utilizada, inclusive por empresas que aproveitam para realizar estratégias de publicidade e marketing. Isso acontece devido ao grande alcance de utilizadores que a rede apresenta.

–ii- O WhatsApp é considerado hoje um dos principais aplicativos destinados à comunicação e troca de mensagens e, assim como o Facebook, vem sendo utilizado para interação entre empresa e cliente.

–iii- O YouTube é uma plataforma de vídeos em que o utilizador pode fazer comentários e interagir com outras pessoas, por isso também é considerada uma rede social. Tem um alcance muito alto de pessoas, pois permite assistir diversos vídeos, aulas, acompanhar programas e diversas outras actividades.

–iv- O TikTok é uma das redes sociais que mais cresceram durante o período de isolamento social em 2020. No princípio, a plataforma era praticamente feita para entretenimento, com diferentes desafios que envolviam os utilizadores e convidavam para produção de conteúdo. Com o tempo, compreendeu-se que a rede social vai muito além do entretenimento e passaram a adoptar estratégias de marketing no TikTok.

Existem muitas vantagens em fazer parte das redes sociais e é principalmente por isso que elas tiveram um crescimento tão significativo ao longo do anos. Porém, é importante atentar para aos perigos que ela pode oferecer, mais adiante nos debruçaremos sobre este aspecto. Por ora, importa destacar as vantagens e desvantagens que as Redes Sociais apresentam. Campos (2021) destaca as mais relevantes que vamos aqui enumerar:

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

## **O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS**

Relativamente à influência da internet em geral, e das redes sociais em particular, na vida das pessoas, nomeadamente da juventude, é frequente encontrar uma visão dividida entre uma perspectiva pessimista, baseada numa visão simplista de pânico moral, e uma perspectiva optimista, que tece elogios admiráveis, de algum modo, inocentes às tecnologias. (Pereira, *et al.*, 2011) afirmam que «quer uma quer outra perspectiva apresentam-nos visões distorcidas desta realidade». Sendo assim, é importante, e desejável, encontrar uma visão de meio-termo, equilibrada, que considere e avalie eventuais riscos e possíveis desafios e potencialidades.

Alguns autores sugerem que os meios digitais, como a internet, têm um impacto maior que qualquer outro meio na forma como as crianças lêem, aprendem, comunicam e se relacionam com os outros e com o mundo. No entanto, segundo (Pereira, *et al.*, 2011), é preciso ter presente que a comunicação e as relações virtuais das crianças moldam e são moldadas pelas práticas e rotinas do dia-a-dia. Ou seja, a interacção com estes meios não ocorre no vazio. São fundamentais os contextos e os instrumentos, bem como as competências, para enfrentar a realidade serão meios transferíveis para lidar com a internet e as redes sociais. Isto é, formar eficazmente para uma utilização crítica das redes sociais

---

passa, antes de mais, por educar as crianças num sentido muito mais amplo do que numa perspectiva meramente tecnológica.

Os factos que observa-se hoje indicam que as redes sociais têm verificado um crescimento exponencial nos últimos anos e a tendência é para que cresça e se intensifique a sua utilização. No entanto, o facto das redes sociais oferecerem mais oportunidades para comunicar e participar, não significa que os níveis de participação dos cidadãos aumentem. (Pereira, *et al.*, 2011) referem que «é necessário que os jovens sejam incentivados a expressar as suas opiniões e que aprendam a fazê-lo».

Neste ponto entende-se que, a escola, a família, as bibliotecas, associações cívicas e outros, desempenham aqui um papel fundamental. Levanta-se aqui uma questão que importa situar a cada momento: para além do arsenal tecnológico que permite a criação e manutenção das redes sociais, comunicamos realmente melhor?

Na visão de Pereira, *et al.*(2011), a qualidade da comunicação é um critério-chave para aferir a utilidade e a qualidade do uso das redes sociais na vida de cada um. Então, caso a resposta seja negativa, uma certa ideia de que a internet proporciona uma navegação por mares infindáveis de informação e de contactos é enganadora, pois determinados usos podem demonstrar que se pode encalhar em areias movediças ou imergir em terrenos pantanosos.

## **A JUVENTUDE NA INTERFACE COM AS REDES SOCIAIS**

É evidente pela sua utilização intrépida que, para a juventude as redes sociais são mais do que um ambiente utilizado para se relacionar, pois também é espaço para aprendizagem, expressões e troca de experiências, Fialho (2019) afirma que independentemente da idade, todos os jovens mantêm acesso diário à internet, pelo computador ou telemóvel, logo, tanto em casa, na escola e em outros ambientes eles mantêm-se conectados às redes.

A julgar pelo panorama descrito vê-se que a internet não é um ambiente visitado esporadicamente, ao contrário, consome parte considerável do dia da juventude, motivo pelo qual, os jovens consideram o uso da internet indispensável à vida (Fialho, 2019). Assim sendo, as relações estabelecidas pelos meios tecnológicos, permitem caracterizar as redes sociais como uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objectivos comuns. Uma das fundamentais características na definição das redes é a sua abertura, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre participantes. A rede social se tornam espaços de lazer, de encontros e de expressões juvenis em que é possível fazer descobertas, expor opiniões, conhecer saberes e pontos de vista diferenciado ( Jackson, 2003); mas entendamos que há necessidade de serem utilizadas com cautela e responsabilidade. Todavia, imerso nesse universo de possibilidades, não raramente, o jovem adentra experiências danosas às relações concretas, por intermédio do isolamento físico e da dependência, conforme enfatiza Oliveira *apud* Fialho (2012)

Para os jovens, após um período de fascinação com a tecnologia, o envolvimento com ela aumenta, criando estruturas simbólicas de dependência e os sujeitos não mais se imaginam distantes do

---

aparato tecnológico. [...] Com o celular eles escutam músicas, jogam, enviam torpedos, conversam, entram na internet, em salas de bate-papo e se abstraem do espaço institucionalizado na escola, a ponto de, muitas vezes, nem escutar o que os outros falam.

Muitas vezes o anonimato permitido pela internet leva a que as pessoas se escondam por detrás do mesmo. No entanto Pereira, *et al.* (2011) afirmam que «nas redes sociais, geralmente há uma identidade conhecida por detrás dos vários conteúdos partilhados». Como se sabe, os adolescentes gostam de comunicar com os amigos em espaços e de uma forma que não sejam influenciados pelos adultos ou que não tenham a sua interferência ou supervisão.

E, Jackson (2003) defende que os limites das sociais não são limites de separação, mas limites de identidade.[...]Não é um limite físico, mas um limite de expectativas, de confiança e lealdade, o qual é permanentemente mantido e renegociado pela rede de comunicações. Neste interím, as redes sociais permitem a muitos jovens esta ‘invisibilidade’ perante a sua família. No entanto, é importante que compreendamos que as mensagens que publicam por este meio podem ser lidas por um público vasto quase instantaneamente e que as mesmas não devem pôr em causa a privacidade nem a identidade de outros. Os conteúdos publicados podem permanecer disponíveis na internet mesmo que posteriormente sejam removidos do site onde foram publicados.

Assim como na vida quotidiana, na internet também há normas e princípios éticos no relacionamento com outras pessoas. Quem comunica online deve sentir-se responsável pelas suas acções, tal como acontece na comunicação offline (Pereira, *et al.*, 2011). Contudo, não é fácil estabelecer um diálogo desta natureza, por variadíssimos motivos. Observamos muitas vezes que os pais nem sempre se sentem à vontade com as tecnologias, para além disso, são os próprios jovens que associam uma certa iliteracia digital aos mais velhos e, conseqüentemente, uma falta de “autoridade tecnológica” para abordar certos assuntos.

A grande preocupação neste caso é que os utilizadores das redes sociais têm colocado na esfera pública assuntos e conteúdos que outrora se partilhavam num ambiente mais privado e restrito. Certamente, muitas das tarefas que temos podem ser facilitadas pelas redes sociais. Sendo assim, a mesma desvincula-se dos seus grandes objectivos como: divulgar uma iniciativa, apelar para uma causa, procurar emprego, acompanhar a actualidade, partilhar fotografias ou estados de espírito são apenas algumas das utilizações que nos permitem. A rede de contactos que se vai construindo pode ser útil para estes e outros fins.

Por outro lado, questões de direitos de autor, ou até do impacto das informações partilhadas, são aspectos que nem sempre parecem devidamente acautelados, mas é importante arranjar mecanismos de filtragem e de hierarquização. Não é pelo simples facto de estar na internet que uma determinada informação é verdadeira ou fiável. Neste quesito, Pereira, *et al.* (2011) entendem que, se para a realização de um trabalho de carácter científico que recorra à internet para recolha de informações, as regras de referência e as fontes obedecem a um código mais ou menos explícito, a publicação de conteúdos nas redes sociais também deve ter em conta a autoria e a veracidade das mensagens que estamos a veicular. Os mesmos acrescentam que, as escolas, sendo um espaço de cidadania por excelência, podem desempenhar um papel importante a este nível.

---

Um outro elemento que podemos aqui adicionar é a monitorização. De acordo com (Revelli, 2000) pode-se afirmar que «a monitorização é a faculdade que nós temos de apreender o nosso meio ambiente». Para (Revelli, 2000) a monitorização ou inteligência estratégica aplica-se a partir do momento em que uma organização ou um indivíduo estabelecem dispositivos eficazes a fim de recolher, tratar e difundir informações estratégicas para reforçar a sua competitividade.

Revelli acrescenta que «para poder dar a informação certa, à pessoa certa, no momento certo, para tomar a decisão certa, a monitorização deve tomar um carácter muito rigoroso».

Neste ponto entendemos então que é importante que pais, educadores, escolas e outras instituições afins continuem fazendo a monitorização. Ao mesmo tempo que devem convocar para a vida virtual dos jovens as suas capacidades educadoras, conversando com eles sobre as consequências que o não respeito pela privacidade e pela identidade do outro pode trazer para as pessoas envolvidas. A preservação de dados pessoais e de informação privada é também um aspecto fundamental a que os jovens devem prestar atenção para uma utilização segura e mais eficaz das redes sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma abordagem exaustiva sobre as tecnologias de informação, onde incluímos a internet com maior destaque para as redes sociais, sobre as suas vantagens e desafios, concluímos que, usar uma rede social é uma maneira excelente de manter contacto com as pessoas. Podemos encontrar trabalho, estabelecer ligações profissionais, mostrar nossas habilidades, vender produtos, aceder entretenimentos, ver vídeos, fotos dentre outros. Mas, assim como qualquer outra coisa na vida, é preciso saber a hora certa para parar, evitando consumir grande parte do nosso tempo.

Especialmente a juventude, passa muito tempo nas redes sociais, seguindo pessoas que nem conhecem. Pode ser que fiquem horas a olhar fotografias dessas pessoas ou a ler sobre elas. É claro que não é errado usar as redes sociais para conversar com a família ou os amigos. Mas podemos correr o risco de perder tempo útil, nos envolver em situações danosas que atentem contra a nossa segurança (exposição a situações perigosas como pedofilia, perfis falsos, sequestros, actos infraccionais, etc.) ou a reputação de outros. É importante conhecer as interações virtuais desenvolvidas pelos jovens e orientá-los, no âmbito educacional, para o uso responsável e saudável das redes sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

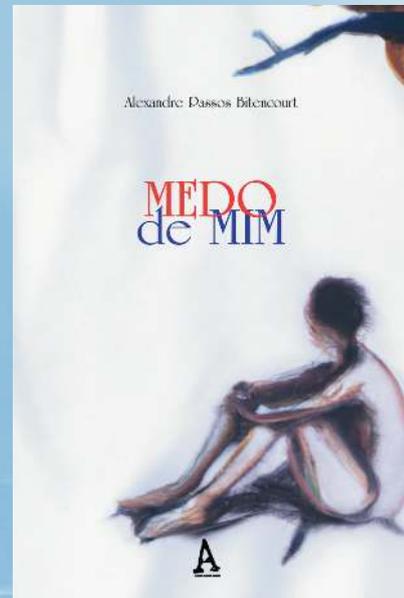
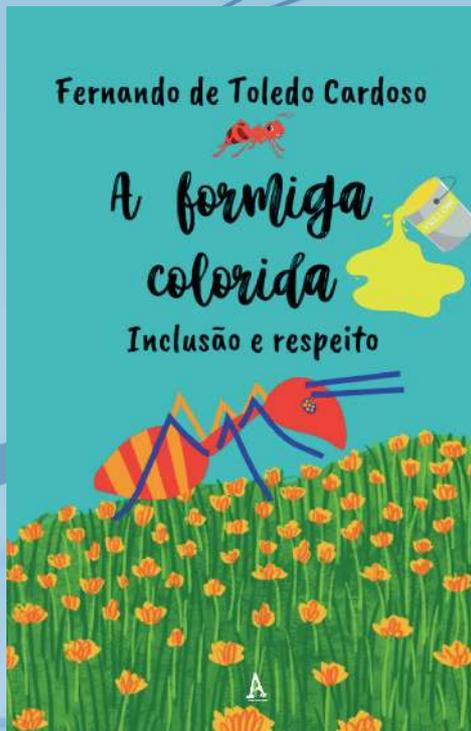
- AFONSO, A. **Manual de Tecnologias de Informação e Comunicação e OpenOffice.Org**. Lisboa: ANJAF, 2010.
- AFONSO, Adriano *et al.* **Redes e Internet**. Lisboa: ISCTE, 2014
- BASILE, R. **Manual de Redes Sociais**. Góias: Secom UFG, 2019.
- CAMPOS, J. **Redes Sociais**. São Paulo: mLabs, 2021.
- CASTELLS, J.; BONNAL, N. **A Internet. A nova via iniciática**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza. **Juventude E Redes Sociais: Interações e orientaçõeeducacionais**. Vol. 9. Santarém: PA, 2019, pp. 202-231.
- PEREIRA, Sara *et al.* **Internet e Redes Sociais**. Tudo o que vem a rede é peixe. Lisboa: Edumedia, 2011.

---

JACKSON Matthew O (2003). **A strategic modelo f social and economic Net Work**. EUA: SIAM  
REVELLI, C. **Inteligência Estratégica na Internet@Como desenvolver eficazmente**. Lisboa: Instituto  
Piaget, 2000.

VILELA, B. P. **Jovens e Redes Sociais** - Efeitos no desenvolvimento pessoal e social. Bragança: IPB,  
2019.

VV, A. Apostilando. **Obtido de Conhecimento em Rede**. Disponível em: <<http://www.apostilando.com>>. Acesso em: 07 de Julho de 2019.



[www.livroalternativo.com.br](http://www.livroalternativo.com.br)



## LITERATURA E IMAGINAÇÃO INFANTIL

SHEILA BASTOS SOARES

### RESUMO

A articulação das palavras, ou seja, a oralidade do professor mediador com texto escrito e ilustrações de cenas, levará à observação das crianças, e o professor poderá reler as figuras, aproveitando a peculiaridade das crianças em cada ilustração resultante dos textos, mantendo um diálogo constante entre o ouvinte e o leitor, o que faz com que a turma relaxe e interaja com a história. Dentro dessa ideia, Faria (2008) destaca uma técnica que os ilustradores utilizam para explorar uma cena ilustrativa, colocando o leitor dentro de uma casa enquanto, do lado de fora, observa os acontecimentos através de uma janela. A criança desembaraça espontaneamente as ilustrações, conecta-se com a oralidade do professor, que é o mediador da história e das imagens, constrói uma ponte entre elas.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Narrador. Imaginação. Fantasia.

### INTRODUÇÃO

Como justificativa para a escolha do tema, interessei-me pelo desenvolvimento de pesquisas sobre contação de histórias infantis na primeira infância, pois percebi a necessidade que as crianças sentiam de “viajar” em um mundo imaginário e divertido. Muitas crianças se apegam aos aparelhos eletrônicos e acabam frustradas com seu mundo encantado e assim crescem em um mundo de dura realidade. É muito interessante que as crianças tenham contato com as histórias infantis desde cedo, pois será satisfatório para o desenvolvimento da sua aprendizagem.

O objetivo deste trabalho é conscientizar os leitores da primeira infância sobre a importância de ouvir e contar histórias para o desenvolvimento e socialização da linguagem, além de adquirirem o interesse pelos livros e o hábito da leitura. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e a experiência em sala de aula.

Há quem afirme a eficácia de embalar os bebês, ainda no útero, ao som da melodia da voz da mãe, contando histórias, para que a partir desse momento a criança se familiarize com os mecanismos da narrativa e com a proximidade e o carinho que a contação de histórias envolve. De certa forma, essas ações já fazem parte de estratégias de formação de leitores. Mas, além disso, sabemos que uma história contada, escrita ou falada, também nos permite ganhar em diversos níveis. Isto significa: contar histórias permite que as crianças alcancem resultados pelo menos psicológicos, pedagógicos, históricos, sociais, culturais e estéticos.

---

Ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam as ações, os problemas e os conflitos dessa história no nível psicológico. Essa experiência, ao emprestar, experimentar os modelos de ação e soluções apresentados na história, amplia sobremaneira o repertório de conhecimentos da criança sobre si mesma e sobre o mundo. E tudo isso ajuda a moldar a sua personalidade! Ao tomar contato com uma obra de arte, neste caso com a literatura, a criança participa de uma ação pedagógica, mesmo que não seja em função de uma narrativa oral ou de um texto literário. Mas esta vasta experiência de “aprendizagem” nem sempre é tão facilmente decodificada como os professores e as escolas muitas vezes desejam que seja.

## **A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS**

Devido às constantes mudanças que estão ocorrendo na educação e ao grande interesse que cada vez mais é colocado na formação do aluno de forma plena, ou seja, um indivíduo preparado para a vida, autônomo, crítico e consciente de seu papel, enquanto o cidadão enfrenta a importância de a leitura nos processos de aprendizagem humana leva em conta o fato de que lendo se aprende a interpretar os diferentes mundos que a literatura infantil apresenta. Sabendo interpretar, o ato de criticar acontece automaticamente.

E é aí que reside a capacidade de formar leitores críticos através do Storytelling, no qual é inserido o botão mágico para despertar o apetite pela leitura. O contato com os livros deve acontecer desde cedo, não apenas por meio da manipulação, mas também por meio de contações de histórias, músicas, conversas, brincadeiras de ritmo e estímulo ao gosto da criança pela leitura. Desde então, houve interesse em focar na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental.

O primeiro contato com obras literárias não exige o domínio do código escrito, pois a criança pode se impressionar com a história e interpretá-la até mesmo por meio de suas ilustrações. A história em seu mundo imaginário trata de relações e situações reais que a criança não compreende. Nesse contexto, a Narrativa oferece ao leitor, além de um caráter estético, um caráter pedagógico, que lhe permite desenvolver suas capacidades intelectuais sem precisar montar e desmontar palavras e decodificar símbolos.

As palavras às quais o autor se anexou acima enfatizam a importância da literatura infantil na vida das crianças como leitores iniciantes, não apenas na forma escrita – em livros – mas também oralmente – por meio da contação de histórias.

Para que a criança se encontre neste mundo de sonhos e fantasia, cabe ao excelente contador de histórias transmitir-lhe a beleza, a magia, o prazer, a satisfação que uma boa leitura pode proporcionar, e aliar tudo isso ao aprendizado. , inicialmente não formal, mas incentivando o gosto pela leitura e pela contação de histórias, dentro e fora do ambiente escolar.

Contar histórias é mais que isso, transforma em magia o que pode ser monótono na escrita, é saber transportar uma criança para o plano imaginário e trazê-la de volta ao mundo real. Portanto, para criar essa combinação de fatores, o contador deve antes de tudo ser um bom leitor.

Por ser um leitor ávido, ter amplo conhecimento do acervo de Literatura Infantil e poder atestar seu amor pelos livros, o narrador estabelece um vínculo estreito com sua

---

clientela por meio da leitura e busca novas fontes para que o ato de contar e ouvir, sendo um O ouvinte de uma história contada torna-se interessante. Ao receber esses estímulos positivos de leitura desde cedo, as crianças iniciam o desenvolvimento da leitura, que durará a vida toda e as ajudará a compreender melhor o mundo.

Ao mesmo tempo que a criança ouve a história, o seu olhar vagueia pelas ilustrações, que imediatamente lhe conferem um significado diferente para o momento contado, estimulando a criatividade na imaginação e uma melhor compreensão dos acontecimentos. Cada criança criará em si as suas próprias imagens e isso lhe dará a alegria de ouvir a história e terá uma leitura pessoal, uma relação com o seu universo sem regras, em que a imaginação flui naturalmente.

Costa enfatiza a importância do trabalho do professor mediador quando afirma que:

Para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor, é fundamental a mediação do professor durante seu trabalho em sala de aula e o exemplo que ele dá aos seus alunos lendo e demonstrando sempre intelecto e sensibilidade. (Costa, 2007)

Porém, não é apenas a leitura de uma história que “encaixa” no conteúdo que será estudado em aula. Não é apenas um recurso utilizado para atingir metas estabelecidas. O professor precisa sentir o momento dessa leitura e deixar que ele transmita o prazer de ler uma boa história, pois se o professor mediador não adquiriu o gosto pelas histórias ao longo de sua vida, como conseguirá transmitir os sentimentos aos seus alunos? Encantado pelas palavras e imaginação de cenas com espontaneidade e naturalidade? Um professor que transmite histórias na educação infantil precisa se sentir parte integrante, envolvido na história, para que a leitura chegue ao ouvinte de forma que ele também possa se sentir parte dela e que haja nela uma semente de prazer lendo boa leitura cresce.

Portanto, ao escolher uma história para utilizar em sala de aula, o professor mediador pode utilizá-la não apenas como ferramenta para se familiarizar com o conteúdo, mas também para trazer algo a mais para a leitura e desvendar o máximo possível nas entrelinhas do texto com seus alunos, proporcionando diferentes formas de interpretar e vivenciar os temas discutidos com prazer e significado.

A arte de contar histórias exige do mediador uma certa atitude perante as histórias, atitudes que podem proporcionar aos seus ouvintes um crescimento pessoal em relação às histórias e a vontade de ler ou dificultar o percurso com as palavras e causar dificuldades no futuro da sua vida. alunos.ao lidar com a construção de seus próprios textos por falta de leitura. Dentro dessa perspectiva, o papel do professor mediador é discutido a seguir com o objetivo de sugerir o crescimento pessoal e profissional desse professor.

Partindo da ideia de que a imaginação e a fantasia são a base do pensamento criativo, Dantas (2010) destaca que ao lidar com essas variáveis, subjetivas, a arte de contar uma história é vista como referência para a criação de espaços de encantamento. Nesse sentido, o autor nos faz pensar que o desenvolvimento das pessoas (processos racionais e lógicos) inclui o crescimento emocional e o estabelecimento de regras de convivência. Quando nos permitimos vivenciar esses mundos de encantamento, esses aspectos cognitivos são potencializados. Nas palavras de Dantas (2010: 01):

---

O prazer de sentar em círculo e ouvir uma história adorável é conhecido há muito tempo. O sabor vem de um passado remoto e, apesar das inovações tecnológicas, estamos sempre dispostos a ouvir a história com vontade e prazer renovados. Todos nós, adultos e crianças.

Dessa forma, o autor nos leva a acreditar que a arte de contar e ouvir histórias está mais viva do que nunca. Apesar das inovações tecnológicas, o prazer de conectar-se com histórias através da narração oral pessoal nunca serão substituídos.

Assim, a arte de contar histórias no século XXI passa pelo resgate da ludicidade, sem a qual não há espaço para espaços de encantamento e desenvolvimento humano.

A contação de histórias no início do século XXI envolve um encontro entre a narrativa oral tradicional e o suporte digital, pois a tecnologia informática (luz no ecrã do computador) traz a necessidade de utilizar novos suportes para concretizar uma das artes mais antigas: contar histórias. A facilidade com que os jovens manipulam o computador sugere que a linguagem do ambiente digital (como hipertextos, imagens coloridas, músicas, vídeos, etc.) é considerada uma ferramenta importante em contexto educacional, especialmente para a formação de críticos de leitura.

A tradição oral se atualiza através dos corpos e vozes dos novos contadores de histórias. O Centro de Referência em Literatura e Multimídia - Mundo da Leitura - da Universidade de Passo Fundo realiza práticas de leitura voltadas para alunos da educação infantil, do ensino fundamental e médio, utiliza a linguagem oral por meio da narração para promover a leitura em formato multimídia, promove experiências em mundos de encantamento, interações mediadas entre narradores e ouvintes.

Utilizando o corpo, os gestos, a voz e diversos suportes, o contador de histórias aventura-se num mundo de interação que confere concretude à sua atuação, que surpreende sempre tanto o contador de histórias e o encantador, como o público.

Os narradores contemporâneos partem do paradigma de que, segundo Benjamin (1985), a narrativa pessoal desaparece e que o personagem do narrador “torna-se plenamente tangível” (BENJAMIN, 1985: 198) quando a imagem do camponês está presente, um marinheiro mercante estabelecido.

A contação oral está ligada ao contexto educacional, mas já ocupa outros espaços que os antigos contadores de histórias talvez nem imaginassem: jantares de aniversário, eventos sofisticados, encontros com amigos formam o cenário do contador oral contemporâneo. Embora a função da narração tenha mudado ao longo dos anos, suas características expressivas permanecem intactas.

As marcas da oralidade respiradas na voz do narrador, sejam elas antigas ou contemporâneas, continuam a hipnotizar o ouvinte através da atuação do narrador. E o caminho que começou e dos passos pela esfera familiar e agora chega ao ciberespaço, que Lévy (2000) definiu como: “o espaço de comunicação aberto pela interligação global de computadores e memórias de computador” (Lévy, 2000: 92), em quais múltiplos significados são construídos.

---

Passados os momentos históricos em que a oralidade e posteriormente a escrita formaram a base do ensino, instalou-se a comunicação informática (cibercultura), o que gera mudanças nas formas de transmissão e recepção do conhecimento, o que Lévy (2000) chama de terceiro pólo do espírito humano: TI – o pólo da mídia. Crianças, jovens e adultos, ao ouvirem histórias, tendem a vivenciar uma trama, envolvendo os personagens dos personagens. Ao estimular a imaginação, eles interpretam mentalmente o que ouvem e trocam experiências e conhecimentos de forma lúdica.

A arte de contar histórias incentiva os ouvintes a enfrentar seus erros e compreender seus próprios sentimentos. Pensando nisso, é preciso considerar a formação do leitor a partir de sua relação com os aspectos culturais, ou seja, com os valores que lhe servem de referência.

Para tal, “o contador de histórias deve ser um artista da palavra falada para garantir uma comunicação eficaz com a ação artística” (Weschenfelder; Burlamaque, 2009: 135). Percebemos a importância de incluir a arte na Lei de Diretrizes e Fundamentos de 1971. Foi nesse período que a arte foi incluída no currículo escolar sob o nome de Educação Artística, mas foi considerada uma “atividade educativa” e não uma disciplina como a outros.

De certa forma, desde a Lei nº 5.692/71, a prática artística foi incluída compulsoriamente no currículo, o que garantiu hoje o espaço para a área. Contudo, o autor destaca a questão da versatilidade e da ênfase na expressão e comunicação forçadas, deixando de lado as funções primárias da arte, como a humanização por meio de experiências estéticas significativas, mas também a leitura crítica e a realidade criativa, segundo SUBTIL (2012).

Os contadores ritualizaram os costumes e práticas da comunidade, muitos deles com o objetivo de formar a base da “identidade”, ou seja, de criar a subjetividade daquele grupo. Essa prática manteve o equilíbrio do grupo e assim evitou que ele se desintegrasse.

Durante muito tempo, contar histórias foi uma prática doméstica, quase sempre presente no meio rural, sendo gradativamente abandonada com a urbanização e o advento de novas tecnologias.

Os contadores de histórias, especialmente aqueles que contavam oralmente, caíram no esquecimento, embora muitas histórias que apoiaram sua prática ainda permaneçam em todas as culturas, como a modalidade escrita. Hoje, a literatura infantil continua a ser um meio para atingir um fim, mas os tempos são diferentes. Escrever obras literárias para crianças e jovens tornou-se uma prática interessante à medida que aumentou o investimento da indústria cultural nesta área. Segundo Barretos; Gonçalves; Silva; Morelli (2004, p. 176)¹.

A arte de contar histórias é hoje reconhecida como uma prática oral do patrimônio cultural capaz de proporcionar prazer e lazer: o projeto Entorna, desenvolvido desde 2006 pela Editora Abril e pela Fundação Victor Civita, é exemplo disso. O projeto, que acontece em escolas estaduais e municipais, é um conjunto de ações de apoio à leitura por prazer, em cooperação com as secretarias municipais e estaduais de educação, apoiando eventos culturais e educativos de apoio à leitura e ampliando o acervo das unidades escolares.

Hoje, os contadores de histórias devem estar preparados para enfrentar diversas situações e se adaptar às mudanças radicais que o mundo apresenta. Mudanças não só na forma de pensar, mas também nas formas de perceber o mundo. A arte de contar histórias,

---

presente numa modernidade radicalizada, sofre as consequências desta era radical, e o novo contabilista tem consciência da instabilidade.

As palavras deste autor permitem definir o perfil do novo contador como aquele que, além de se adaptar às diferentes experiências e espaços de transposição oral do texto escrito, necessita de algumas competências adicionais. Isso inclui a capacidade de analisar a mecânica que entra em ação ao compartilhar uma história com seu público, para que ela tenha um desempenho adequado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a narrativa primeiro se move para formar o leitor, depois se trata de utilizar a magia da literatura infantil como arma que começa a forjar os caminhos da leitura desde cedo.

O sucesso desta vertente está no valor da voz, nas pausas, no jogo do ritmo, na interação entre o narrador e o ouvinte, no sentimento que a história contada pode ter no ouvinte, enfim, todos esses elementos podem despertar o interesse da criança pela leitura. Ela sempre procura acompanhar os interesses que as crianças demonstram nas histórias de cada faixa etária e as fases de desenvolvimento da leitura em que a criança se encontra.

Considera-se, portanto, que estamos dando um grande passo para mudar o triste quadro da qualidade da leitura brasileira quando uma prática tão interessante como a contação de histórias se faz presente como motivação para o leitor futuro ou iniciante. Felizes são aqueles que têm a sensibilidade de perceber que o futuro da humanidade depende da forma como moldamos e nutrimos as crianças que nos são confiadas.

Portanto, é fundamental estimular o início da leitura, basicamente contando histórias de forma expressiva que encante o ouvinte e o faça interagir diretamente.

E através da interação com os livros de literatura infantil, as crianças aprendem sobre si mesmas, sobre os adultos e sobre a forma como convivemos sem precisar sair do seu universo infantil de descoberta, magia, brincadeira e fantasia. Em contexto educacional, a leitura em sala de aula era voltada para práticas pedagógicas, e ainda hoje é, mas cabe ao professor que transmite as histórias repetir esses conceitos e transformar esses momentos em algo mais, para que as palavras possam ecoar em sua sala de aula de forma agradável e significativa tanto para você quanto para quem está ouvindo, criando uma conexão entre o que você ensina e a beleza de uma boa história.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Eleonora Cretton; Mattos, Margareth Silva de. Letramento e leitura da literatura. In: Carvalho, Maria Angélica Freire de; Mendonça, Rosa Helena (orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 84-89.

ALVES, Valéria de oliveira. **Entendendo a literatura infantil**. 2009.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos grandes segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 1ª a 4ª série. Brasília: SEF/MEC, 1997.

---

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO Fundamental. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (Profa)**. Janeiro – Ministério da Educação, 2001.

BRASIL, Secretaria de educação à distância. **Práticas de leitura e escrita**/ Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e Contação de Histórias**. Viçosa – MG, CPT, 2006.

FARIA Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 135-150.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: ed. 34, 2000.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer: Interação Participativa da Criança com a Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos Dourados: a arte de ouvir as histórias (... Para depois contá-las...)**. São Paulo: 2001.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas**. Rio de Janeiro: Agri, 1987.

SILVA, C. S. R. da. **Leituras do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 23-60.

WESCHENFERDER, Eládio Vilmar; Burlamaque, Fabiane Verardi. **Bando de Letras: nem camponeses, nem marinheiros**. In:

\_\_\_\_\_. **Leitura dos espaços e espaços da leitura**. Passo Fundo: UPF, 2009.

\_\_\_\_\_. Contar histórias: vozes contagiantes da narrativa presencial. In: \_\_\_\_\_ **Questões de literatura para jovens**. Passo Fundo: UPF, 2005.



**NÃO CUSTA NADA  
HOMENAGEAR  
UM PROFESSOR/A  
ESPECIAL**

Envie sua homenagem com algumas fotos para:  
[primeiraevolucao@gmail.com](mailto:primeiraevolucao@gmail.com)

Revista **laE**

## A NEUROPSICOPEDAGOGIA E SUAS INTERVENÇÕES

SOLANGE ALVES GOMES ZAGHI

### RESUMO

Este artigo tem como propósito explorar reflexões sobre os obstáculos no processo de adquirir conhecimento e o papel do neuropsicopedagogo. O objetivo central deste artigo é ressaltar a importância da neuropsicopedagogia em auxiliar estudantes que enfrentam dificuldades no aprendizado. A terminologia relacionada à neuroeducação ganha destaque como um conceito interdisciplinar, pois engloba várias áreas do saber para investigar o funcionamento do cérebro humano. Recentemente, questões como o desenvolvimento cognitivo e o processo de aquisição de conhecimento têm sido reconhecidas como fatores impulsionadores na busca por mudanças estruturais profundas que afetam todas as esferas do conhecimento humano. A neuropsicopedagogia é uma ciência que transcende disciplinas e busca promover a aprendizagem, levando em consideração os conhecimentos da psicologia cognitiva e da pedagogia para a exploração de estratégias de ensino. O progresso do indivíduo é de extrema importância para as instituições familiares, escolares e sociais. A conduta humana é avaliada com base em padrões de normalidade estabelecidos previamente e impostos pela sociedade. Da mesma forma, se uma pessoa de determinado grupo apresenta uma alteração no desenvolvimento ou aprendizado, surge a necessidade de promover mudanças na estrutura familiar e no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Aquisição de conhecimento; Cognição; Mudanças.

### INTRODUÇÃO

O tópico deste artigo busca obter informações relacionadas aos desafios no processo de adquirir conhecimento e à intervenção do neuropsicopedagogo.

Justifica-se a relevância desse tópico como fundamental para fornecer dados capazes de agregar saberes sobre a importância da neuropsicopedagogia no processo de ensino-aprendizagem e suas contribuições para os professores, que frequentemente se deparam com alunos que enfrentam dificuldades na aprendizagem.

A neuropsicopedagogia é uma disciplina interdisciplinar familiarizada com a área educacional, com interfaces entre a Pedagogia e a Psicologia Cognitiva. Seu objeto de estudo é a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem humana, visando à reintegração de indivíduos com autoconfiança, relacionamentos intra e interpessoais saudáveis e desempenho educacional satisfatório.

---

De acordo com Suárez (2006), a neuropsicopedagogia possui três áreas de enfoque:

- Educação: promove instrução e aprimoramento visando à cidadania.
- Psicologia: aborda os aspectos psicológicos no âmbito cognitivo.
- Neuropsicologia: analisa o funcionamento cerebral.

Seguindo os princípios de Fernández (2010), a neuropsicopedagogia traz contribuições para a educação ao possibilitar uma percepção holística do indivíduo, especialmente no que diz respeito ao processo de aprendizagem.

O processo de aprendizagem envolve uma relação bidirecional entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende. Portanto, a aprendizagem é um processo em constante evolução, dependente de um conjunto de mudanças comportamentais nos níveis biofisiológico e físico, além de estar intrinsecamente ligada ao contexto social, econômico e cultural do ambiente escolar e familiar.

À medida que ocorrem processos neurais no sistema nervoso, as funções psicodinâmicas devem manter um equilíbrio no controle e na integridade emocional para que a aprendizagem aconteça.

A metodologia deste artigo baseia-se em uma revisão bibliográfica, com a contribuição de autores que abordam a neuropsicopedagogia e suas intervenções nas salas de aula que abrigam estudantes com dificuldades de aprendizagem.

A aprendizagem é a capacidade de uma pessoa de transformar suas formas de resposta, de se adaptar a novas ações, de mudá-las e transformá-las. Trata-se de um fenômeno complexo que envolve aspectos cognitivos, psicomotores, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais.

Aprender é uma modificação comportamental ou conduta que se traduz em respostas alteradas diante de uma experiência, adquirindo características diferentes. Essas respostas modificadas são estáveis, duradouras, internalizadas e consolidadas no cérebro humano. Portanto, a aprendizagem é uma função tanto funcional quanto estrutural do cérebro.

As dificuldades de aprendizagem podem ser causadas por fatores ambientais ou físicos que afetam o processo de aprendizagem da criança. São condições que afetam a capacidade de um indivíduo de adquirir conhecimentos e habilidades no mesmo ritmo que seus colegas. Podem ser decorrentes de deficiência intelectual ou de desordens cognitivas. Por essa razão, é fundamental que alunos com dificuldades de aprendizagem recebam acompanhamento adequado de profissionais como psicólogos, psicopedagogos, neuroeducadores, entre outros.

## **AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

O professor costuma ser o primeiro a identificar um problema, mas o pai pode ser o responsável por iniciar o processo de triagem, o qual pode fazer toda a diferença.

Independentemente do tipo de dificuldade, quando um aluno é identificado precocemente, há uma maior probabilidade de ele receber serviços personalizados e, assim, evitar repetidas reprovações que podem levar ao abandono escolar. O abandono do ensino

---

médio por parte de um jovem não ocorre de forma repentina: pode ser resultado de um desligamento gradual do sistema escolar. A triagem permite obter uma visão geral da criança, conhecer suas habilidades, compreender suas dificuldades e propor soluções adequadas.

Garantir o acesso à leitura e à escrita é direito de cidadania. A escola tem um papel importante a desempenhar na concretização desse direito, contribuindo na construção do conhecimento de crianças e adultos e ajudando-os a nunca esquecer a história, a sempre lembrar o esquecido, para que se torne possível-mais do que nunca-mudar a história. (KRAMER. 2006, p. 18)

As dificuldades de aprendizagem podem ser temporárias e não estão necessariamente ligadas à inteligência da criança. Elas se manifestam por meio de um atraso ou desequilíbrio específico na aprendizagem, incluindo:

- Dificuldades de concentração (desatenção, irritabilidade);
- Problemas de leitura, escrita e matemática;
- Comportamento problemático (agressividade, tristeza).

As dificuldades de aprendizagem estão frequentemente relacionadas a diversos fatores, como mudanças, divórcio, perda ou doença de um dos pais, relações familiares ou com o professor difíceis, imaturidade (falta de maturidade escolar), absenteísmo, método de ensino, entre outros.

Ao identificar os alunos com dificuldades de aprendizagem precocemente, podemos intervir prontamente e evitar consequências graves. No entanto, se não agirmos rapidamente, as dificuldades se acumularão e o jovem perderá sua motivação e autoconfiança. Isso pode levar ao desenvolvimento de problemas comportamentais e de adaptação, resultando em atrasos significativos que o afastarão do currículo escolar regular.

Quanto mais a criança for estimulada a experimentar escrever e ler, quanto mais ela puder exercitar a leitura e a escrita livremente, sem pressões, sem censura ou correções constantes, maior a possibilidade de desenvolver uma atitude positiva em relação a esse processo. (SOARES. 2010, p.41)

As dificuldades de aprendizagem também não estão relacionadas à capacidade intelectual da criança, mas geralmente são duradouras. Elas são causadas por um conjunto persistente de dificuldades em um ou mais processos necessários para o desenvolvimento e processamento de informações. Esses distúrbios se manifestam em áreas como:

- Atenção, memória, raciocínio;
- Coordenação motora, comunicação, habilidades de leitura e escrita;
- Compreensão conceitual, sociabilidade e maturidade emocional.

Alguns exemplos de distúrbios diagnosticados em alunos do ensino fundamental incluem hiperatividade, dislexia, disortografia e transtorno de déficit de atenção. Esses alunos só poderão seguir um programa escolar regular e adaptado se forem identificados

---

precocemente. Portanto, é importante solicitar os serviços aos quais têm direito, a fim de estabelecer um plano de intervenção personalizado para a criança.

Os distúrbios emocionais, assim como desvantagens ambientais, também podem afetar a aprendizagem. Pessoas que estão menos propensas a aprender devido ao seu estado emocional ou preocupações pessoais podem enfrentar dificuldades de aprendizagem. No entanto, essas dificuldades relacionadas a fatores emocionais costumam ser temporárias. Quando a pessoa está bem, ela deve ser capaz de aprender e alcançar sucesso.

Portanto, uma dificuldade de aprendizagem resulta de uma deficiência ou de uma situação desafiadora, geralmente temporária. Por outro lado, a dificuldade de aprendizagem não é visível fisicamente e decorre de fatores internos que diferem de uma deficiência de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem são definidas como disfunções que podem afetar a aquisição, organização, retenção, compreensão ou processamento de informações verbais ou não verbais. Essas disfunções afetam a aprendizagem de pessoas que, de outra forma, demonstram habilidades intelectuais essenciais para o pensamento ou raciocínio. Portanto, as dificuldades de aprendizagem são distintas das deficiências intelectuais.

O sucesso ou fracasso da alfabetização depende do nível de evolução conceitual da criança, quando chega à Escola. Caso se apresente bem evoluída no seu processo de construção tudo vai, porém se não teve contato com livros, revistas, jornais, etc.; não ouvir nem ler histórias, não lhe foram propiciada oportunidade de "escrever" a seu modo de acordo com suas hipóteses, essa criança chega sem condições de compreender e acompanhar o trabalho de alfabetização que a escola lhe oferece. (LUCK, 1990, p.57)

As dificuldades de aprendizagem surgem de uma limitação em um ou mais processos que afetam a percepção, pensamento, memória ou aprendizado. Esses processos englobam, entre outros, o processamento fonológico, visuo-espacial, linguístico, velocidade de processamento de informações, memória, atenção e funções executivas, como planejamento e tomada de decisões.

Indivíduos com dificuldades de aprendizagem possuem uma inteligência média ou acima da média. Portanto, há uma diferença significativa entre seu potencial intelectual e seu desempenho acadêmico, ou seja, o desempenho está consideravelmente abaixo do potencial intelectual. A dificuldade de aprendizagem é uma condição neurológica que persiste ao longo da vida.

Uma pessoa pode apresentar uma ou mais dificuldades de aprendizagem. Portanto, é possível que um aluno seja diagnosticado em mais de uma dessas áreas. Para lidar com a deficiência de aprendizagem e garantir o sucesso do aluno, são utilizadas acomodações e diversas estratégias de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem são problemas que interferem na capacidade da criança de receber, processar, analisar e reter informações. A criança pode enfrentar dificuldades na leitura, escrita, ortografia ou resolução de problemas matemáticos.

---

## A NEUROPSICOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO

Para maximizar as habilidades individuais e promover um desenvolvimento abrangente, é essencial que a educação, especialmente a abordagem pedagógica, consiga aplicar de forma contextualizada os conhecimentos da neuropsicologia. Isso implica analisar os processos de ensino-aprendizagem com base em referenciais científicos oferecidos por diferentes áreas do conhecimento, avaliando as especificidades do currículo e realizando os ajustes necessários para garantir a coerência entre discurso e prática. Caso contrário, correremos o risco mencionado por Andrews (1997) neste contexto:

(...) a aplicação prematura ou seletiva da pesquisa do cérebro pode ser perigosa ou contraproducente. Se descobirmos que existem diferenças nos cérebros de pessoas que são menos bem-sucedidas em alguns aspectos da educação, é muito fácil supor que o desempenho educacional é determinado pelas contribuições fixas e limitadas de um cérebro pobre. (Citado por Delgado, Jenifer, 2007).

Isso se torna um dos desafios da interação entre as áreas de neuropsicopedagogia, que busca estabelecer um diálogo interdisciplinar produtivo, integrando os conhecimentos da neurociência, neuropsicologia e psicopedagogia.

A neuropsicopedagogia tem como objetivo compreender como a aprendizagem pode se desenvolver considerando os aspectos neuropsicológicos. Para isso, é necessário partir da compreensão do ser humano como uma entidade composta por particularidades que são influenciadas por fatores biológicos, sociais, culturais e psicológicos. Esses aspectos devem servir como base para construir um conjunto de conhecimentos e estratégias de intervenção que visam descrever, explicar, intervir e capacitar os processos de ensino-aprendizagem do indivíduo.

Dentro dos princípios fundamentais da neuropsicopedagogia, destaca-se o estudo do funcionamento do cérebro. É importante partir da premissa apresentada por Luria em 1982:

(...) a base material dos processos mentais superiores é todo o cérebro como um todo, mas o cérebro como um sistema altamente diferenciado, cujas partes garantem os vários aspectos do todo único." (Luria, 1982, 37-38 citado por Delgado Suarez Jennifer, 2007)

Isso leva a compreender que o cérebro possui unidades funcionais que trabalham em conjunto, mas, ao mesmo tempo, desempenham tarefas específicas que contribuem para a formação de um processo global. Por exemplo, durante a avaliação de um aluno com baixo desempenho acadêmico realizada por um especialista, podem ser identificadas diferentes origens que podem ser divididas em um ou mais processos com déficits, como dificuldades na atenção, memória, habilidades visuais e construtivas, habilidades emocionais interpessoais ou mesmo habilidades acadêmicas. Isso leva ao desenvolvimento de um tratamento personalizado.

Outro aspecto importante relacionado ao cérebro é entender que a aprendizagem gera mudanças, e a neuropsicopedagogia deve fornecer bases para a correta compreensão

---

da plasticidade cerebral e o aproveitamento dos períodos sensíveis ou críticos do desenvolvimento. Isso permite oferecer oportunidades para o desenvolvimento adequado e oportuno do potencial do aluno. Nesse sentido, também é necessário considerar a conscientização da existência de múltiplos sistemas de representação do conhecimento, ou seja, cada indivíduo tem diferentes maneiras de adquirir e processar informações. Isso resulta em diferentes abordagens do conhecimento no processo educacional, levando a um funcionamento integrado e eficaz do conhecimento e do pensamento.

O pensamento está intimamente ligado às emoções, razão pela qual a neuropsicopedagogia deve se concentrar em construir processos de apoio que examinem o controle emocional e como utilizá-las para tornar a aprendizagem mais eficaz para os alunos. Também é importante auxiliar na geração de estratégias que fortaleçam a consciência das pessoas sobre suas próprias estratégias de aprendizagem e como elas podem promover processos de autoaprendizagem e autodesenvolvimento, na assimilação do conhecimento oferecido pelo ambiente, aplicando-o em diferentes contextos onde seja necessário resolver problemas diversos. Isso, por sua vez, geraria sentimentos de autoconfiança e bem-estar para o indivíduo.

### **A NEUROPSICOLOGIA E A AFETIVIDADE POR MEIO DA TEORIA DE VYGOTSKY**

Vygotsky (1930/2014) baseia-se na perspectiva filosófica de Spinoza para abordar o dualismo subjacente às teorias mecanicistas e espiritualistas das emoções daquela época. Embora não considere o intelecto e as emoções como funções psicológicas idênticas, ele reconhece que nem o intelecto nem as emoções podem ser explicados isoladamente na vida e experiência dos indivíduos.

Segundo Vygotsky (1930/2014), Spinoza adotou uma abordagem genética correta ao afirmar que "o ser humano tem controle sobre os afetos, e que a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções, alinhando-as com a ordem e as conexões estabelecidas pela razão" (p. 87). Com base nisso, em sua obra "Teoria das emoções. Estudo histórico-psicológico" (Vygotsky, 1933/2017), ele realiza uma análise abrangente das teorias clássicas e contemporâneas sobre as emoções. Ele examina a continuidade das concepções filosóficas e epistemológicas que fundamentam o exercício científico de sua época. Especificamente, ele critica a persistência da concepção dual cartesiana entre as noções mecanicistas e espirituais que permeiam as concepções teóricas daquela época.

Para nós, a única coisa que importa, ao final do exame do destino da teoria cartesiana das paixões na psicologia contemporânea, é mostrar que tal teoria foi polarizada pelos princípios contraditórios que ela continha e que foi corporificada em posições extremas, mecanicistas e espirituais, da psicologia contemporânea (, p. 255).

Para ser mais preciso, Vygotsky (1930/2014) apresentou a concepção inequívoca de que as emoções estão intrinsecamente ligadas a outras funções específicas, como o pensamento, por exemplo, e a sistemas ainda mais complexos. Essas inter-relações possibilitam o surgimento de um monismo funcional, no qual as emoções não podem operar de forma independente. Vygotsky (1930/2014) explica dessa maneira:

---

(...) nossos afetos atuam em um sistema complicado com nossos conceitos e quem não sabe que o ciúme de uma pessoa relacionado aos conceitos maometanos de fidelidade da mulher é diferente daquele de outro relacionado a um sistema de conceitos opostos sobre o mesmo, não entende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em diferentes meios ideológicos e psicológicos, apesar de nele permanecer indubitavelmente um certo radical biológico, em virtude do qual surge essa emoção. ( p.87)

Agora, é necessário examinar a maneira como os afetos e o intelecto se relacionam à luz da compreensão de Vygotsky sobre o desenvolvimento sócio-histórico dos seres humanos: "(...) são modificados e uma nova ordem e novas conexões surgem" (Vygotsky, 1934/2014, p. 87). De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento ontogenético humano é resultado das interconexões entre diferentes funções psicológicas que são compartilhadas com outros seres humanos.

Vygotsky concorda com a concepção de emoções de Spinoza, "... " (1930/2017, p. 112). No entanto, esses estados corporais vão além de meros estados. A transformação desses estados, que aumentam a capacidade de ação, não está apenas relacionada à habilidade do sujeito de controlar, organizar e planejar seu comportamento. É importante considerar o que Vygotsky tenta enfatizar em sua "Teoria das Emoções" em relação a esses estados ou mudanças corporais associadas aos afetos:

O cerne da questão consiste, portanto, não na existência dessas mudanças durante as emoções, mas na atitude dessas mudanças corporais em relação ao conteúdo e à estrutura psíquica das emoções, por um lado, e seu significado funcional, por outro. outro (, p. 113).

O que importa não é a presença ou ausência desses estados, mas sim a relação que as emoções ou afecções têm dentro de um sistema psicológico específico, bem como o significado que essa função confere à atividade humana. Quando Vygotsky fala sobre aumentar a capacidade de ação, ele não se refere apenas às possibilidades que surgem no âmbito sensoriomotor, como o controle do comportamento, nem se trata apenas de uma capacidade de planejar a ação. Com base em Vygotsky, argumentarei que a capacidade de aumentar a ação permite o funcionamento de um sistema complexo que não está apenas relacionado ao domínio do comportamento - embora possa ser considerado sua origem psicológica - mas também à capacidade de planejar, imaginar e pensar em mundos possíveis.

Agora, vimos que as emoções são transformadas pelo intelecto por meio do desenvolvimento do domínio comportamental, da imaginação, da vontade e dos sentidos. As emoções não são simplesmente resultantes, mas são constantemente produzidas, criadas, transformadas, mediadas, etc., sem perder sua forte base biológica material. Graças ao enriquecimento e às mudanças no uso da linguagem no desenvolvimento sociocultural, elas adquirem novas relações para sua transformação: "(...) A reação emocional é o resultado singular de uma estrutura concreta do processo psíquico" (Vygotsky, 1932/2014b, p. 419).

---

Nesse sentido, a transformação completa da estrutura do processo psíquico determina o curso do desenvolvimento da reação emocional, transformando-a também.

Essa tese propõe que as emoções se desenvolvem, transformam e aprendem por meio dos mesmos mecanismos descritos por Vygotsky para as demais funções psicológicas superiores. Portanto, o papel do sistema educacional na promoção de novas formas de pensamento torna-se relevante, pois é na escola que a criança:

(...) pode pensar cuidadosamente sobre algo de forma imaginativa, antes de realizá-lo. Isso constitui, sem dúvida, a base para o fato de que é precisamente na idade escolar que se estabelecem as formas primárias da capacidade de sonhar no sentido próprio da palavra, ou seja, a possibilidade e a capacidade de se entregar mais ou menos conscientemente a certas lucubrações mentais, independentemente da função relacionada ao pensamento realista (, p. 433).

O processo pelo qual ocorre a evolução cultural não segue uma trajetória linear, mas é um processo descontínuo, repleto de contradições e conflitos, nos quais os processos orgânicos e culturais se intercalam, se confrontam e se sobrepujam (consulte Vygotsky, 1931/2012). Isso tem implicações concretas para o sistema educacional, pois "(...) para a educação, não é a mesma coisa a criança passar diretamente do balbúcio para a fala ou da percepção de figuras numéricas para o sistema decimal" (Vygotsky, 1931/2012, p. 306). Na aprendizagem escolar, assim como os processos intelectuais complexos se entrelaçam com os mais simples, também é possível transformar as emoções e produzir emoções por meio do uso de dimensões imaginárias complexas proporcionadas pelo sistema educacional.

O pleno desenvolvimento de cada função e sistema psicológico não é independente uns dos outros, mas sim o desenvolvimento dos processos psíquicos superiores está relacionado ao desenvolvimento de um todo orgânico que passa por novas transformações, mutações e combinações de forma dinâmica, porém não predeterminada ou de maneira arbitrária, mas sim inserida em processos histórico-culturais de interação social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Recomenda-se, portanto, que todas as instituições educacionais do país tenham uma equipe interdisciplinar, com a presença de neuropsicopedagogos, entre outros, uma vez que é nesses espaços cotidianos que surgem várias dificuldades de aprendizagem que levam ao fracasso escolar.

Dessa forma, cada conflito que surgir no ambiente escolar poderá ser prontamente abordado por esses profissionais, sem a necessidade de encaminhamento para o precário sistema de saúde do Brasil.

No entanto, compreende-se que os problemas no processo de ensino e aprendizagem não estão apenas na metodologia do professor ou nas funções cerebrais da criança, mas também nas políticas públicas que não garantem a presença de diversos especialistas nas instituições de ensino, como: Psicopedagogos, Psicólogos, Neuropsicólogos, Pediatras, Psiquiatras, Fonoaudiólogos, Neurolinguistas, Terapeutas Ocupacionais, Fisioterapeutas e

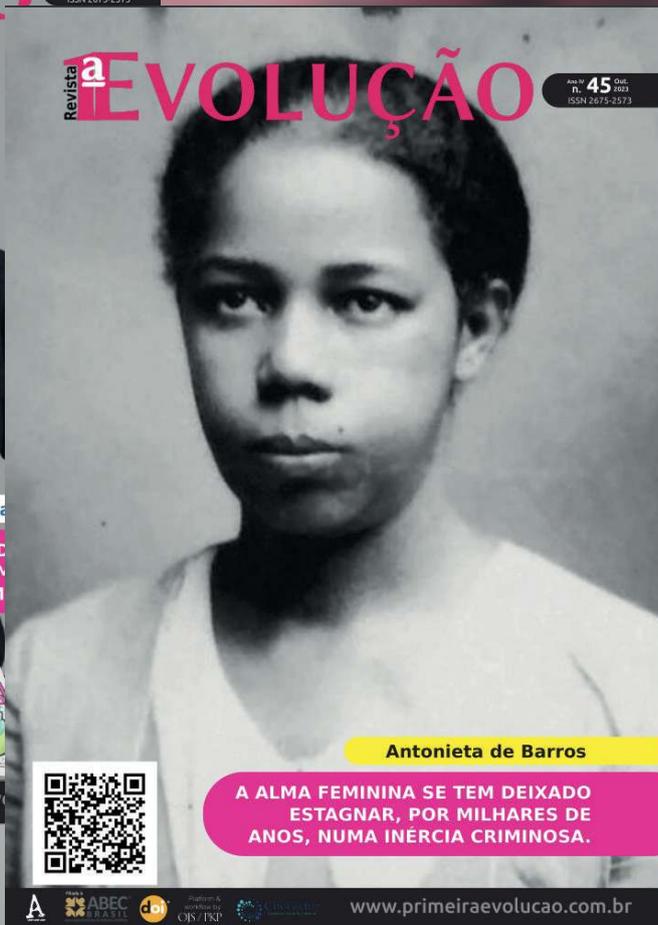
---

Neurocientistas. Portanto, diante dessa situação, resta aos professores em sala de aula desempenharem funções que não lhes são adequadas, numa tentativa frustrada de resolver problemas que deveriam ser abordados por outros profissionais especializados e pelos responsáveis legais.

Assim, no contexto escolar do dia a dia, muitos alunos com características que exigem atenção especial na aprendizagem sempre foram rotulados como indisciplinados, com defasagens ou como tendo pais ausentes na educação dos filhos. No entanto, com o avanço das pesquisas, descobriu-se que esses alunos enfrentam dificuldades em compreender informações abstratas e processá-las de acordo com as habilidades e competências desejadas pelos sistemas de ensino contemporâneos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educação e Sociedade**, vol. 27, n. 96, p. 797-818, out. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a09v2796.pdf>> Acesso em: 10 out.2023.
- LUCK, Heloísa. **Planejamento em orientação educacional**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA**. Universidade Tecnológica de Pereira. Ano 3 número 5 de julho de 2007. Artigo: Desmistificação da neuropsicopedagogia. Delgado Suarez Jennifer. Disponível em <http://licenciadospsicologiaypedagogia.blogspot.com/2010/02/aportes-de-la-neuropsicopedagogia-la.html>. Acesso em 02 out.2023.
- SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização Linguística; da teoria à prática** / Maria Inês Bizzotto Soares, Maria Luísa Aroeira, Amélia Porto. –Belo Horizonte: Dimensão, 2010.
- VYGOTSKY, L.S. Sobre sistemas psicológicos. Em **LS Vygotsky, Obras Seleccionadas**. Madri, Espanha: Antonio Machado. 2014.
- VYGOTSKY, L.S. O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança. Em **LS Vygotsky, Obras Seleccionadas**. Madri, Espanha: Antonio Machado. 2017.
- VYGOTSKY, L.S. Emoções e seu desenvolvimento na infância. Em **LS Vygotsky, Obras Seleccionadas**. Madri, Espanha: Antonio Machado. 2014.
- VYGOTSKY, L.S. História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Em **LS Vygotsky, Obras Seleccionadas**. Volume III (pp. 10-340). Madri, Espanha: Antonio Machado. 2012.



**Antonieta de Barros**

**A ALMA FEMININA SE TEM DEIXADO ESTAGNAR, POR MILHARES DE ANOS, NUMA INÉRCIA CRIMINOSA.**

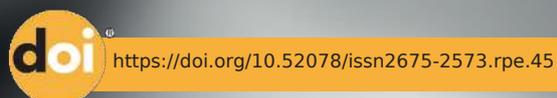


www.primeiraevolucao.com.br

**ORGANIZAÇÃO:**  
 Manuel Francisco Neto  
 Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**

- Calunda dos Santos Jorge
- Girlene Nascimento da Silva Mantovani
- Gizilda Barreto de Almeida Ribeiro
- Graziela de Carvalho Monteiro
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- Lina dos Santos
- Nelson André A. Quissungo
- Rosemary Nunes Gomes
- Sabalo João Luanda
- Sheila Bastos Soares
- Solange Alves Gomes Zaghi



Produzida com utilização de softwares livres



Platform & workflow by  
**OJS / PKP**

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

